

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ- UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS-
CCHEL CURSO DE HISTÓRIA**

**VIOLÊNCIA E DITADURA MILITAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
OBRAS DE PLÍNIO MARCOS E RONIWALTER JATOBÁ**

LÚCIO FELLINI TAZINAFFO

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR
JUNHO DE 2016**

LÚCIO FELLINI TAZINAFFO

**VIOLÊNCIA E DITADURA MILITAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS
OBRAS DE PLÍNIO MARCOS E RONIWALTER JATOBÁ**

**Trabalho de Defesa de Mestrado apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Estadual do oeste do Paraná
(UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido
Rondon.**

Orientador: Antônio de Pádua Bosi

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON-PR
JUNHO DE 2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

T248v

Tazinaffo, Lúcio Fellini

Violência e Ditadura Militar: uma análise a partir das obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá. /Lúcio Fellini Tazinaffo.— Marechal Cândido Rondon, 2016.

105 p.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua Bosi

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2016.

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História

1. Violência. 2. Ditadura Militar. 3. Literatura. I. Bosi, Antônio de Pádua. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 22.ed. 321.9

CIP-NBR 12899



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.

Programa de Pós-Graduação em História - mestrado e doutorado

Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

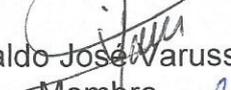
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e seis dias do mês de abril de 2016, às 09h, reuniu- reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr. Antônio de Pádua Bosi (Orientador) (UNIOESTE), Dr.^a Rosângela Patriota Ramos (UFU), Dr. Rinaldo José Varussa (UNIOESTE) e Dr. Gilberto Grassi Calil (UNIOESTE), para avaliarem o trabalho “*Violência e Ditadura Militar: uma análise a partir das obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá*”, apresentado pelo pós-graduando **Lúcio Fellini Tazinaffo** para a obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO. Nada mais havendo a constar, eu Antônio de Pádua Bosi, orientador do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

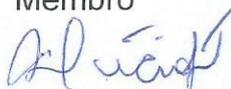
Marechal Cândido Rondon, 26 de abril de 2016.


Antônio de Pádua Bosi
Orientador


Rosângela Patriota Ramos
Membro


Rinaldo José Varussa
Membro


Gilberto Grassi Calil
Membro


Lúcio Fellini Tazinaffo
Pós-graduando

RESUMO

Esta pesquisa busca discutir o tema da violência no período da Ditadura Militar no Brasil, a partir de dois tipos de fontes: obras literárias e peças de teatro. Por meio das obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá, produzidas nas duas primeiras décadas do regime militar, problematizo a violência na luta de classes, tanto como ferramenta de repressão da classe dominante como ferramenta de resistência dos trabalhadores. Os dois escritores viveram no período da Ditadura Militar, e procuraram expressar suas angústias, medos e indignações contra as transformações provocadas pelo golpe de 1964. Seus protagonistas são os trabalhadores mais pobres e marginalizados na sociedade: trabalhadores aleijados e desempregados, prostitutas e cafetões, catadores de papéis. Por meio desses personagens os autores compõem narrativas que sensibilizam o leitor e ajudam o historiador a compreender uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas que atingiram os trabalhadores naquele contexto. A violência que os escritores revelam em suas obras não é a tortura realizada pelos militares, mas sim a violência provocada pela pobreza e pela marginalização a que uma parcela significativa da classe trabalhadora estava submetida na Ditadura. Estes trabalhadores compõem o lumpemproletariado, de acordo com as reflexões sobre o conceito de Karl Marx no Livro I de O Capital. Também problematizo a violência como forma de resistência da classe trabalhadora, refletindo sobre os seus significados.

Palavras-chave: Violência; Ditadura Militar; Literatura.

ABSTRACT

This research aims to discuss the issue of violence in the period of Military Dictatorship in Brazil, from two types of sources: literary works and theater pieces. Through the works of Plínio Marcos and Roniwalter Jatobá, produced literary works and theater pieces in the first two decades of military rule and questioning the violence in the class struggle, both as a tool of repression of the ruling class as well as workers' resistance tool. The two writers lived in the period of the Military Dictatorship, and sought to express their anxieties, fears and indignities against the changes wrought by the 1964 coup. Their protagonists are the poorest and most marginalized workers in society: cripples workers and unemployed, prostitutes and pimps, waste pickers. Through these characters the authors compose narratives that sensitize the reader and help the historian to understand various issues about the changes social, political and economic suffered by workers in that context. The violence that the writers reveal in yours works is not the torture carried out by the military, but the violence caused by poverty and marginalization that a significant portion of the working class was subjected in the Dictatorship. These workers compose the lumpenproletariat, according to the reflections on the concept of Karl Marx in Book I of Capital. I also discuss the violence as a form of working class resistance, reflecting on their meanings.

Keywords: Violence; Military Dictatorship; Literature.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo I- Repressão e exploração do trabalho: as faces da violência na Ditadura brasileira.....	16
1.1- Ditadura Militar: um momento trágico para a classe trabalhadora.....	16
1.2- Ditadura Militar no Brasil.....	19
1.3- Os inimigos da ordem e do progresso.....	27
1.4- Problematizando a violência da Ditadura Militar.....	32
Capítulo 2- Plínio Marcos e os excluídos sociais.....	40
2.1- Sobre o “repórter de um tempo mau”.....	40
2.2- Prostitutas, cafetões e a exploração do trabalho.....	46
2.3- Sobre homens e mulheres que sobrevivem dos restos da cidade.....	54
2.4- Considerações sobre o lumpemproletariado em Plínio Marcos.....	66
Capítulo 3- Roniwalter Jatobá e os aleijados pelo desenvolvimento capitalista.....	69
3.1- Um operário que virou escritor.....	69
3.2- Vidas com sabor amargo.....	71
3.3- Acidentes de trabalho e o recomeço do movimento operário.....	84
3.4- Considerações sobre o lumpemproletariado produzido pelas fábricas.....	94
Conclusão.....	98
Referências Bibliográficas.....	102

Introdução

Esta pesquisa começou muito antes do período oficial do mestrado (2014-2016). Por volta do segundo semestre de 2013, milhares – e até mesmo milhões – de brasileiros saíram às ruas em manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público e contra a repressão violenta da polícia aos manifestantes. Esses protestos tiveram um forte caráter de contestação política, não reivindicando qualquer apoio partidário, exigindo mais comprometimento das autoridades políticas no seu papel de representantes dos interesses do povo.

Protestos que começaram com a pauta de combater o aumento das passagens dos transportes públicos – ônibus, metrô – se transformaram pouco tempo depois com a forte e truculenta repressão policial. A violência contra os manifestantes comoveu muitos dos que estavam acompanhando os protestos pela televisão e pela internet. Essas pessoas abandonaram essa posição passiva frente às manifestações e saíram às ruas em repúdio à violência policial e ao atual modelo de democracia vigente, que autorizava esse tipo de repressão aos protestos pacíficos e legítimos. Logo, o que havia reunido algumas centenas de manifestantes em algumas cidades, alcançou o incrível número de um milhão de manifestantes, só na cidade do Rio de Janeiro, sem contar os milhares que marcharam nas ruas de outras capitais e municípios pelo país.¹

Um elemento das manifestações que teve grande destaque nos meios de comunicação foram os chamados *black blocs*, pessoas que se vestiam de preto, cobriam os rostos e participavam dos protestos, alguns chegando até a enfrentar a polícia, que estava fortemente armada contra os manifestantes. Suas ações de combate à repressão policial acabaram sendo generalizadas e descaracterizadas pela mídia hegemônica para todo o movimento que se desenhou naquele ano, como forma de justificar a truculenta repressão policial que se viu nos protestos, que recebeu autorização das autoridades políticas eleitas. Segundo esses meios de comunicação a polícia apenas reagiu aos ataques desses manifestantes. Contudo, mesmo com o bombardeio dessas “informações” o efeito esperado parece não ter sido alcançado, pois a população continuou dando apoio aos manifestantes. Com o passar dos dias os meios de

¹ COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução não será transmitida por Facebook**. In: <<https://outrapolitica.wordpress.com/2013/06/23/a-revolucao-nao-sera-transmitida-porfacebook/#more-38506>>. Jun/2013. Acessado em 23/12/2013.

comunicação de massa precisaram se adaptar a opinião do público, sem perder o seu papel de legitimador do poder, criando notícias que procuravam diferenciar os “manifestantes pacíficos” dos *black blocs*.

As depredações a bancos e instituições políticas, como prefeituras, assembleias dos vereadores, entre outras mais, tão alarmadas pela televisão como atos de vandalismo, tinha no meu ponto de vista um significado político bastante claro, que estava sendo ignorado propositalmente pelos meios de comunicação. O ataque aos símbolos de poder pela classe trabalhadora revelava a insatisfação contra as desigualdades sociais e contra os organismos atuais de poder. Não eram ataques cegos de uma multidão descontrolada, muito menos de uma massa manipulada por grupos políticos rivais. Havia algo mais nessa violência dos mais fracos, e isso me motivou para a investigação historiográfica.

Um ponto interessante dos protestos de 2013 foi justamente a descrença contra o modelo atual de democracia e aos mecanismos de luta da classe trabalhadora. Em alguns momentos essa descrença se manifestou contra os governos atuais, em outros como uma desconfiança contra os partidos e alguns sindicatos chamados de esquerda. Tal antipartidarismo chegou mesmo a se manifestar violentamente contra alguns militantes, que foram ameaçados, agredidos e expulsos das manifestações. Embora esse caráter tenha sido analisado por alguns militantes ditos de esquerda como sinais de elementos fascistas dos protestos, acredito que o antipartidarismo das manifestações de 2013 teve outros significados para a luta da classe trabalhadora.

As depredações a pequenas lojas e os assaltos, casos isolados que foram amplamente denunciados pelos meios de comunicação de massa, compunham parte dos resultados daquele movimento de massas, que não contava com uma direção política e objetivos bastante claros. Isso fez com que o movimento atraísse uma gama muito grande de grupos sociais para o seu meio, desde jovens da classe trabalhadora até grupos mais conservadores. Assim é fácil compreender que pessoas mal intencionadas tenham se aproveitado das manifestações para realizar atos criminosos, se protegendo no meio da multidão, mas tais atos não foram o ponto mais forte das manifestações e também não ofuscaram o seu forte caráter político.

Todo esse conjunto de ações violentas por parte dos manifestantes me fez perguntar como a violência surge como ferramenta de luta das classes subalternas. Como pessoas comuns, munidas apenas da coragem, ousavam enfrentar uma polícia

treinada para reprimir a população civil? Era uma batalha que não podia ser vencida *pela força*, então por que essas pessoas, a maioria de faixa etária jovem, faziam isso?

A discussão sobre o caráter político de atos de violência tornou-se, a partir daquele momento, o meu principal interesse de investigação. Aquele era o ano da minha formatura, e decidi que iria levar a pesquisa para a pós-graduação.

Escolhi como fonte um dos materiais que mais gostei de trabalhar ao longo de toda a graduação: os textos literários. Em minha opinião os livros de ficção permitem ao historiador conhecer as sensibilidades de uma época e de um grupo social que outro tipo de fonte não permite conhecer com tamanha profundidade. Além disso, a literatura permite ao historiador instrumentalizar a sua própria imaginação para a investigação historiográfica, permitindo a ele, sujeito de um tempo e espaço diferentes, conhecer as motivações, as angústias, os medos e as críticas de um dado grupo social num determinado contexto histórico.

Sandra Pesavento foi uma historiadora que trabalhou profundamente com a literatura e problematizou a linguagem ficcional em suas pesquisas, indicando os elementos que precisam ser problematizados pelo historiador ao trabalhar com este tipo de fonte. Para ela a ficção consegue mostrar os sentimentos, significados e valores de um dado período ou para um determinado grupo ou classe social. Por meio da literatura é possível perceber:

(...) as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo (...).²

A literatura permite compreender os sentimentos, os propósitos e os valores de uma dada sociedade – mais precisamente de um determinado grupo social numa dada sociedade. Ela também permite perceber como determinado grupo social representava a si mesmo, e assim compreender os jogos do poder e as relações estabelecidas entre os vários personagens dentro de uma determinada sociedade.

Por meio da literatura os sujeitos de um determinado contexto podem dar vida a uma série de questões e personagens que não encontravam outro meio de se manifestar. Alguns escritores, utilizando do respaldo e da proteção que a ficção lhes dá, produzem

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, 2003, p. 39.

verdadeiras análises críticas de um tempo. Mesmo quando há a censura, alguns intelectuais procuram deixar mensagens cifradas, passagens obscuras, múltiplos significados presentes no enredo, para enviar a sua mensagem para o público visado e fugir da perseguição dos poderosos. Outros não escolhem este caminho e expressam às claras as suas opiniões, sofrendo com isso terríveis consequências.

A literatura e o teatro são dois tipos de fontes que tem a linguagem ficcional como elemento chave. O escritor, por meio da ficção, transforma a realidade para lhe dar significado e transmitir uma mensagem. Ficção é uma palavra que vem do latim *fiction*, expressão derivada de *fingere*, e significa ato ou efeito de fingir, imaginar, simular³. Numa época de censura, fingir estar dizendo uma coisa para falar sobre outra foi uma ferramenta muito útil para os intelectuais, pois por meio dela era possível enviar mensagens escondidas no texto e assim escapar do olhar atento dos censores. Contudo a mensagem que se desejava transmitir não poderia estar tão oculta assim, de modo que o público também não a percebesse. Assim imaginar meios de retratar ou reconstruir a realidade vivida num texto ficcional é parte do caráter artesanal do trabalho do escritor, que pode criar meios para analisar e criticar pontos cruciais do seu tempo de maneira intrigante e reflexiva para os seus leitores.

Diante disso a pergunta que me vinha era a seguinte: *Qual o momento eu elegeria para investigar a violência como ferramenta de luta política?* Motivado pelos estudos nas disciplinas do quarto ano, sobre as dinâmicas da luta de classes no mundo contemporâneo, fosse na Europa, na África ou na América Latina, eu me voltei para o momento histórico de maior repressão e violência do Estado contra os movimentos sociais no Brasil: a Ditadura Militar de 1964. A sistematização de métodos interrogatórios brutais, a perseguição aos sindicatos e aos grupos de esquerda, a prisão e repressão violenta às manifestações criaram uma cultura de medo que afetou gerações inteiras, num momento em que os movimentos sociais haviam alcançado grandes conquistas e visualizavam um devir de mudanças mais radicais na sociedade brasileira. Se eu queria problematizar a violência e a sua relação com movimentos sociais, com a classe trabalhadora, era para esse período que eu deveria dirigir a minha investigação.

Acredito que as artes são fontes privilegiadas com as quais é possível problematizar essas questões. Os contos, romances e peças de teatro que selecionei para

³ SÉRGIO, Ricardo. **A ficção.** Artigo eletrônico: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1612705>>, Acessado em 28/05/2013.

esta pesquisa permitem acessar visões e experiências sobre o cotidiano dos trabalhadores, seus dilemas e preocupações naquele contexto, que ajudam a descobrir e considerar zonas sensíveis da história, permitindo a ampliação da violência como chave analítica.

Assim eu decidi investigar os intelectuais que haviam produzido algum material naquele período, fossem pequenos contos, romances ou mesmo peças de teatro. Procurei delimitar a leitura para autores que trabalharam com temas sociais em seus textos, principalmente a violência, muito embora eu não tivesse a certeza de que tipo, ou tipos, de violência eu iria me deparar. Ignácio de Loyola Brandão, Oduvaldo Vianna Filho, Roniwalter Jatobá, Augusto Boal e Plínio Marcos foram os escritores com os quais eu comecei a trabalhar, tanto lendo e fichando algumas de suas obras como também procurando por pesquisas que já haviam tratado desses autores, com enfoque para estudos sobre a Ditadura Militar. O objetivo inicial era ver como a violência aparecia em suas obras, a partir de uma perspectiva que insere a violência dentro da luta de classes: a violência utilizada pelas classes dominantes e a violência como forma de resistência dos trabalhadores.

A partir da narrativa ficcional pode-se problematizar como a classe trabalhadora viveu, sentiu, sofreu e reagiu contra as adversidades sociais provocadas pela classe dominante durante a Ditadura Militar.

Todo tipo de literatura tem lugar e tempo definidos, sendo assim constituem-se em rastros que nos trazem questões importantes sobre problemas situados em um contexto bem específico. A literatura comporta em si elementos sobre o contexto de sua própria produção, que podem ser problematizados pelo historiador para a compreensão daquele tempo. E se o historiador busca nesses indícios do passado o conhecimento, é porque existem questões do presente que o incomodam e o levam àquelas pistas do passado. A relação entre presente e passado é um norte para o trabalho do historiador, independente do quão longe esse passado esteja do seu tempo.

Carlo Ginzburg em sua brilhante análise sobre o paradigma indiciário fala sobre o caráter investigativo e artesanal do trabalho de pesquisa do historiador, que por meio dos vestígios deixados pelos seres humanos pode chegar a interpretar uma realidade que

se encontrava oculta dos olhares do presente⁴. Acredito que a literatura pode revelar traços sensíveis da realidade vivida pelos trabalhadores durante a Ditadura Militar.

Depois de alguns meses a pesquisa mostrou que era necessário realizar uma investigação mais profunda com um número reduzido de autores, dois ou no máximo três, tanto para criar um diálogo profundo e crítico com as obras e os autores como também para cumprir com o prazo da pesquisa de mestrado de dois anos. Assim comecei a delimitar os autores pelos temas semelhantes encontrados em suas obras.

A qualificação teve um importante papel para o rumo desta pesquisa. O trabalho com mais de um autor se mostrou um desafio que precisava ser direcionado para o objeto da investigação, caso contrário a pesquisa abriria problemas que não daria conta de responder. Além disso, criar um diálogo entre as obras dos autores e as suas motivações com o contexto em que viveram, e com as suas experiências, se mostrou mais complicado do que eu imaginava.

Selecionei algumas obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá para compor os capítulos desta dissertação. São elas: *Navalha na carne* (1967), *Homens de papel* (1968) e *O abajur lilás* (1969), todas elas peças escritas por Plínio Marcos; *Sabor de Química* (1977), *Crônicas da vida operária* (1978) e *Filhos do medo* (1979), dois conjuntos de pequenos contos e um romance escritos por Roniwalter Jatobá.

A escolha desses autores e desse conjunto de fontes se deu também devido um dos aspectos da pesquisa, que problematiza os efeitos das medidas político-econômicas da Ditadura na vida dos trabalhadores. Tendo como ponto de partida a história vista de baixo⁵, priorizo a pesquisa em história a partir das classes subalternas, dos sujeitos simples, e procurei explorar este tema a partir de uma literatura que os colocava em enfoque, bem como para tratar o tema da Ditadura Militar sob um viés diferente do qual ela comumente é tratada – sob a perspectiva da dominação e da resistência dos militantes de esquerda e artistas.

Assim a noção de violência tratada nesta pesquisa vai além daquela comumente utilizada nas pesquisas que tratam deste contexto. A violência dos dominantes não se dá apenas na repressão militar, na brutalidade racional dos métodos de interrogatório, captura e desova de prisioneiros empreendidos pelos órgãos de repressão, mas também

⁴ GINZBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Frederien Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

⁵ HOBBSAWM, E. A História vista de baixo. In: KRANTZ, F. (Org.). **A outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

esta se manifesta na exploração do trabalho, na dissolução dos mecanismos de luta da classe trabalhadora e na destruição de padrões de vida criados pelos trabalhadores. Do mesmo modo a violência dos dominados não se manifestou apenas nas guerrilhas urbanas e rurais dos grupos de esquerda, nos poucos e episódicos atentados e assassinatos de colaboradores da Ditadura ou mesmo de militares, mas também em formas de resistência cotidiana e nos primeiros quebra-quebras nas ruas que se viu após a intensa repressão aos trabalhadores logo nos primeiros anos pós-golpe.

Não priorizei, portanto, a questão da guerrilha ou da tortura policial, temas que marcam forte presença em um número significativo de romances. Também não trabalhei com textos de caráter autobiográfico, produzidos por presos políticos que sofreram com a tortura, pois os personagens centrais destas narrativas não eram necessariamente a classe trabalhadora pobre. Todavia não negligenciei a presença direta ou indireta da tortura nas obras que selecionei, e quando ela surge procuro problematizá-la devidamente em cada um dos capítulos desta dissertação.

A literatura trabalhada nesta pesquisa tem como foco os modos de vida de alguns dos grupos que compõem a classe trabalhadora, durante a Ditadura Militar, o que permite pensar um conjunto de experiências que esses sujeitos viveram e quais as consequências que as medidas do Estado acarretaram em suas vidas. O que pode ter significado para os trabalhadores a perseguição política e o fechamento de seus sindicatos? Quais foram os resultados dos fechamentos dos partidos e da clandestinidade de setores da esquerda? Como a classe foi se reorganizando ao longo destes anos de forte repressão? O que significou para os trabalhadores o “Milagre Econômico”, tão difundido pela propaganda do Estado e utilizado ainda hoje como argumento para legitimar o golpe? As obras trazem indícios para todas essas formas de violência sofridas pelos trabalhadores. Ainda, tais fontes trazem indícios sobre a possibilidade da reação violenta dos trabalhadores como forma de enfrentamento contra a classe dominante.

Entendo a violência da classe trabalhadora como uma resposta a um conjunto de violências sofridas no conjunto das suas relações. Para Loic Wacquant a reação violenta dos trabalhadores não pode ser vista como um sintoma de crise moral ou patologia

desses sujeitos. Para ele a violência dos trabalhadores tem um sentido (sócio)lógico⁶. A violência dos trabalhadores nunca é primária, mas sim uma resposta à violência dos dominantes.

O crescimento econômico de um país também representa o aumento da miséria da classe trabalhadora, do desemprego e do número de moradores dos bairros pobres das grandes cidades, que são marginalizados pela sociedade e têm seus horizontes de mudanças limitados pelo sistema capitalista. Isso são formas de violência que aparecem camufladas, bombardeadas pelo discurso do progresso econômico. Contudo elas são tão ou mais terríveis do que a dura repressão sofrida pelos trabalhadores pelas mãos dos oficiais das Forças Armadas.

Para Frantz Fanon a violência surge para os dominados como o único meio para que eles se libertem da sua condição de explorados, constituindo-se como o exercício por excelência da sua práxis. Para ele a violência dos dominantes só pode se inclinar frente à violência dos dominados: a violência dos dominados é a expressão da intuição das massas de que a sua libertação se dá, e só pode acontecer, mediante o uso da força⁷.

Embora Wacquant e Fanon tenham escrito em determinados contextos, diferentes daqueles que trato nessa pesquisa, seus textos sobre a violência dos dominantes e dos dominados ajudam a problematizar as fontes e a refletir sobre o contexto de transformação do capitalismo no Brasil vivido durante a Ditadura.

Vou discutir com mais profundidade a questão da violência no período da Ditadura Militar no capítulo um desta dissertação. Nele a minha perspectiva historiográfica sobre algumas questões sobre a Ditadura Militar é discutida com mais acuidade.

O trabalho com as fontes propriamente dito aparece nos dois capítulos subsequentes. Optei por reservar um capítulo para cada um dos autores, para realizar um diálogo interessante entre as experiências de vida do autor com os temas por ele escolhidos para trabalhar com a literatura.

O modo como trabalhei cada obra também é revelado nesses capítulos. Na grande maioria procurei explorar alguns trechos das fontes para discutir o objeto da

⁶ WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade**: estudos sobre marginalidade avançada. Trad. de João Roberto Martins Filho... et. al. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. 2ª edição setembro de 2005, pp. 21-30.

⁷ FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968, pp. 27-56.

pesquisa, problematizando também o enredo como um todo. Por isso eu conto sobre a história de cada obra como um todo: o seu ponto de partida, a relação entre os personagens, algumas passagens importantes e o desfecho da obra. Não havia como trabalhar com vários contos e romances sem deixar claro qual era o tema principal e o desenrolar da trama, mesmo porque a história de cada obra se constitui num importante elemento de análise.

Trabalhar um capítulo para cada autor se mostrou também necessário para se pontuar as peculiaridades, a originalidade e o diálogo entre ficção e realidade presentes em cada um dos escritores e suas obras. As semelhanças e as aproximações entre Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá são discutidas com atenção no capítulo final desta dissertação, mas de todo modo a leitura dos dois capítulos deixa esse elemento bastante claro.

Dito isso no segundo capítulo eu trabalho com as peças de Plínio Marcos, em que procuro articular as experiências de vida e escolhas desse famoso dramaturgo com as três obras escolhidas para discussão, procurando perceber de que modo a violência surge na luta de classes.

No terceiro capítulo eu trago os contos do escritor Roniwalter Jatobá, analisando como ele fez um interessante diálogo entre as suas experiências como operário em São Paulo e a literatura.

Capítulo 1- Repressão e exploração do trabalho: as faces da violência na Ditadura brasileira

1.1- Ditadura Militar: um momento trágico para a classe trabalhadora

Qualquer um que analise o século XX numa abordagem crítica poderá caracterizá-lo como um momento trágico para o ser humano a partir de diversas características. A expansão do capitalismo pelo mundo e as crises que abalaram vários países; a intensificação da exploração do trabalho por meio das inovações tecnológicas; as hecatombes provocadas pelos conflitos armados, conflitos estes que provocaram mais baixas entre as populações civis do que entre os soldados envolvidos nas batalhas do que em qualquer outro momento histórico; o aumento do abismo social entre as classes, principalmente nos momentos de maior crescimento econômico; e a derrota das propostas de um modelo diferente de sociedade (comunismo/socialismo) são provas da tragédia que foi aquele século para a classe trabalhadora.

Um período que viu o surgimento de várias vacinas e remédios para diversas enfermidades que antes não tinham tratamento e cura, bem como um aumento exponencial da produção de alimentos, também viu o crescimento da miséria tanto dos países do chamado Terceiro Mundo como dos países mais desenvolvidos. A fome e a desintéria mataram milhões de pessoas na África, mais do que os conflitos armados naquele continente.

Países do continente africano foram explorados como colônias pela Europa até meados da segunda metade do século XX, quando então depois de muitas lutas e mortes conquistaram a independência.

Se o século XX foi um período que trouxe muitas inovações tecnológicas, que propiciaram maior comodidade e conforto para as pessoas, foi também um período em que esses benefícios foram melhores aproveitados por uma pequena parcela da população.

Um século que é dito como do apogeu da civilização e dos direitos igualitários entre os indivíduos também foi o século das guerras mundiais, dos *apartheids* na África e EUA, dos golpes contra governos democráticos legítimos na América do Sul e do aumento da exploração do trabalho e das desigualdades sociais, reduzindo o trabalho humano aos objetivos do mercado.

Nenhum nome poderia caracterizar melhor esse século do que aquele dado pelo historiador Eric Hobsbawm: **Era dos Extremos**⁸. Muito embora tenham ocorrido várias mudanças negativas para a classe trabalhadora, não se pode negar que houve um crescimento das lutas sociais pelo mundo e de um acúmulo de experiências dos trabalhadores do campo e da cidade. Mais do que qualquer outro período o século XX foi movido pela luta de classes.

Nesse sentido realizo um diálogo com Raymond Williams sobre a tragédia enquanto realidade social. Williams fez alguns trabalhos sobre a experiência da classe trabalhadora vista sob a perspectiva de uma **tragédia social**⁹. Para ele a exploração do trabalho, a luta de classes e a revolução trazem em si consequências destrutivas para os trabalhadores. Mesmo no terceiro item, a revolução, as perdas para a classe trabalhadora são gigantescas, mesmo que o processo termine em vitória para os trabalhadores. Deste modo Raymond Williams compreende que o capitalismo se constitui na maior de todas as tragédias possíveis para a classe trabalhadora, principalmente quando a exploração do capital e a miséria social são naturalizadas e deixam de ser questionadas pelos trabalhadores.

Na Antiguidade a História e a Tragédia eram vistas como duas das nove musas da mitologia greco-romana antiga¹⁰. Clio e Melpômene, respectivamente, eram musas inspiradoras, personificações de aspectos da realidade e de estilos literários distintos. Sabe-se que a história para os gregos e romanos era tida como uma professora, *magistra vitae*, que ensinava seus discípulos através de histórias reais ou mitológicas. A tragédia tinha papel semelhante, porém seu foco estava no elemento trágico de algumas narrativas, que poderiam ser igualmente reais ou imaginadas.

Raymond Williams trabalhou tanto a tragédia enquanto estilo literário como uma experiência social, realizando o diálogo entre ambas a partir das peças do dramaturgo Bertolt Brecht. Em seu trabalho com as peças de Bertolt Brecht ele buscou compreender a tragédia como uma linguagem para se conectar com a experiência da classe trabalhadora, percebendo o capitalismo enquanto uma tragédia para a classe a partir dos

⁸ HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁹ WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna**. São Paulo: Cozac Naify, 2011.

¹⁰ **As musas** eram filhas de Zeus e de Mnemosine, sendo cada uma protetora de uma ciência ou arte. Eram ao todo nove: Calíope (Poesia Épica), Clio (História), Érato (Poesia Romântica), Euterpe (Música), Melpômene (Tragédia), Polímnia (Hinos), Terpsícore (Dança), Tália (Comédia) e Urânia (Astronomia). Ver: DEBBIO, Marcelo Del. **Enciclopédia de Mitologia**. São Paulo: Daemon, 2008.

elementos identificados nas peças de teatro. Porém Willians percebeu que nas peças de Bertolt Brecht havia mais do que as características da trágica realidade da classe trabalhadora, mas também uma rejeição à tragédia social, pois o autor procurou levar ao público a possibilidade de mudança social, discutindo formas de luta e de construção de uma sociedade sem desigualdades sociais e sem exploração do trabalho pelo capital¹¹.

Diante dessas reflexões busco compreender que elementos caracterizam a tragédia social vivida pela classe trabalhadora no período da Ditadura Militar. Sem dúvida este foi um dos momentos mais trágicos da história do Brasil. O golpe de 1964 e o regime militar que se sucedeu trouxeram inúmeras consequências destrutivas para os movimentos sociais, que até aquele momento vinham em crescente desenvolvimento: o fortalecimento das lutas sindicais e dos direitos dos trabalhadores, a formação das Ligas Camponesas e a luta pela terra, o movimento estudantil nas universidades e a luta pelo maior acesso dos jovens ao ensino superior e as ações de grupos de esquerda, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), traziam no horizonte a possibilidade de construção de uma alternativa para o capitalismo brasileiro. A Ditadura se organizou para conter os avanços das lutas sociais e reorganizar a política do Estado para reprimir todo e qualquer tipo de protesto dos trabalhadores.

Obviamente não se pode dizer que, se não tivesse ocorrido um golpe, o resultado das lutas desses movimentos sociais teria construído uma sociedade mais igualitária e justa, ou mesmo que teria nascido um grande movimento revolucionário pelo país. Contudo é inegável que o golpe e a repressão aos movimentos sociais, bem como as transformações nos meios de produção incentivadas pelo Estado, refrearam as lutas sociais e trouxeram perdas profundas para a classe trabalhadora. Não quero de maneira alguma idealizar aqueles grupos políticos e as suas lutas, mas sim analisar a violência da Ditadura Militar a partir das suas diferentes faces.

Procuro problematizar a Ditadura Militar como um processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, em que a máquina estatal foi utilizada em todo o seu potencial para conter as forças de oposição ao regime, reprimir severamente as mesmas e implantar políticas socioeconômicas que visavam ampliar a exploração do capital sob a classe trabalhadora. Uma vez entendido isso, compreendo a Ditadura como um período profundamente trágico para as experiências de luta da classe trabalhadora, visto que ela

¹¹ WILLIAMS, op. cit., pp. 247-264.

foi o principal alvo do regime na concretização do seu projeto de desenvolvimento econômico.

Considero essencial problematizar a violência neste contexto em suas diversas dimensões – tanto na repressão como na exploração do trabalho. A partir disso vou discutir alguns aspectos da Ditadura Militar.

1.2- Ditadura Militar no Brasil

A Ditadura Militar no Brasil, que começou em 1964 com o golpe de setores das Forças Armadas e da classe dominante, e terminou em 1985 num processo de reabertura política duvidoso, foi marcada por uma série de medidas político-econômicas impostas à sociedade de maneira brutal e intolerante: a censura, a política de arrocho salarial, a repressão às formas de luta da classe trabalhadora, a introdução de elementos culturais vindos do exterior e a mercantilização cultural (música, teatro, televisão, cinema).

A Ditadura no Brasil fez parte de um contexto maior de luta da classe dominante contra os movimentos sociais, estando inserida no duelo dos EUA contra o socialismo soviético e o perigo que o socialismo cubano representava no continente americano para os interesses capitalistas.

Logo depois do Brasil regimes ditatoriais foram implantados em outros países da América Latina, como a Argentina, o Chile e o Uruguai, tendo como ideologia central a Doutrina de Segurança Nacional, que previa o preparo das Forças Armadas de um país a fim de combater e eliminar as forças consideradas subversivas – notadamente os setores organizados da classe trabalhadora e os grupos de esquerda. Houve até mesmo uma organização clandestina (Operação Condor) criada pelos ditadores desses países a fim de interligar seus aparatos repressores, compartilhando informações de foragidos, auxiliando na captura e assassinato de exilados por meio de comandos de elite¹².

Enrique Padrós discutiu sobre as Ditaduras no Cone-Sul, indicando como os EUA deram auxílio para que esses regimes florescessem nesses países. Segundo o autor os EUA ajudaram os setores dominantes locais com empréstimos e treinamento das forças militares, de maneira que os golpistas pudessem enfrentar de maneira eficiente a resistência armada. No Brasil, em 1962, foram criados centros de preparação de quadros militares, organizados e dirigidos por especialistas estadunidenses. Tais

¹² MARIANO, Nilson. Operação Condor: A internacional repressiva. In: PADRÓS, Enrique. **As Ditaduras de Segurança Nacional: Brasil e Cone Sul**. Porto Alegre: Corag/Comissão do Acervo de Luta contra a Ditadura, 2006, pp. 44-51.

quadros ajudaram a organizar os setores aliados para o golpe, e depois para a direção do novo governo, administrando o Estado e as Forças Armadas no combate aos movimentos sociais e aos grupos questionadores do novo regime¹³.

O suporte dado pelos EUA ao golpe de 1964 também foi confirmado por Green e Jones em suas análises dos documentos do Departamento de Estado norte-americano, de discursos do embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, e alguns testemunhos orais, que assinalaram o papel que Gordon teve na articulação de algumas forças dos EUA e do Brasil na efetivação do golpe.¹⁴

No entanto é importante ressaltar que os militares não se constituíam num grupo homogêneo, como muitas vezes se faz pensar ao se estudar o golpe e a ditadura. Marcos Napolitano indica que houve diferenças na direção do governo ao longo dos anos da Ditadura, o que é possível de se verificar ao se analisar as políticas socioeconômicas, as relações exteriores e a questão dos direitos humanos, conforme cada um dos generais presidentes. Para o autor o que ajudou a unificar os setores das Forças Armadas foram dois princípios: o anticomunismo e a rejeição às políticas de massas¹⁵.

Carlos Fico vai na mesma direção, indicando que existiram alguns pontos em comum que guiaram as ações dos militares, mas que haviam discordâncias entre os grupos das Forças Armadas, o que provocou o afastamento de alguns militares após o golpe:

Quase todos os militares remanescentes do golpe (pois muitos foram afastados em 1964) estavam identificados com a “utopia autoritária”, mas sua adesão a tal projeto variava conforme prevalecesse uma ou outra dimensão. Assim, foram constantes os choques entre algumas dessas instâncias, mas algum grau de violência era admitido por todos e a comunidade de informações teve função muito importante na propagação da defesa da necessidade da repressão *stricto sensu*, mas também da censura, do combate à corrupção, da utilização dos meios de comunicação para a propaganda etc.¹⁶

¹³ PADRÓS, Enrique. Ditaduras militares e neoliberalismo: relações explícitas nos descaminhos da América Latina. **Ciências e letras**, Porto Alegre: FAPA, 1996, p. 72-73.

¹⁴ GREEN, James N.; JONES, Abigail Reinventando a história: Lincoln Gordon e as suas múltiplas versões de 1964. **Revista Brasileira de História**. Tradução de Adriana A. Marques. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009, pp. 67-89.

¹⁵ NAPOLITANO, Marcos. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro: apontamentos para uma revisão historiográfica. In: **Contemporânea, Historia y problemas del siglo XX**, 2011.

¹⁶ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, 2004, p. 39.

Fico combater também a discussão sobre “o golpe dentro do golpe” e a falsa ideia do governo moderado de Castelo Branco. Para ele o AI-5 foi a continuidade de uma política que começara logo após o golpe, e não uma ruptura. Como vimos no trecho anterior, um dos elementos em comum entre todos os generais foi o uso irrestrito da violência para perseguir, punir, torturar e assassinar aqueles identificados como ameaças ao projeto político posto em prática na Ditadura. Afirmar que os primeiros anos foram mais amenos e menos violentos do que aqueles que vieram depois do AI-5 significa perder de vista todo o projeto golpista e o caráter classista da Ditadura Militar, bem como um significado maior para a violência naquele contexto.

Outra questão importante que procuro trabalhar nesta pesquisa é sobre o caráter classista da Ditadura. A participação de grupos de empresários e da classe média na formulação do golpe ou no seu apoio é evidente. Pesquisas como a de René Dreyfuss demonstram, por meio da análise de um volume imenso de fontes, evidências claras da articulação entre esses “setores civis” e alguns setores das Forças Armadas, ambos insatisfeitos com as políticas populistas e o crescimento dos movimentos sociais no país. Marcos Napolitano indica uma relativa participação dos civis após o golpe, restrita ao que ele e Dreyfuss chamam de tecnocracia – intelectuais orgânicos da classe dominante que estiveram em vários setores de planejamento e administração do Estado, junto com os militares. Mas é inegável os grandes benefícios obtidos pelas classes dominantes com as políticas ditatoriais:

Se houve participação ativa dos civis no golpe, a partir de 1965, sobretudo, o topo do sistema político e os processos decisórios de alto-nível ficam restritos ao alto comando das Forças Armadas, assessorados por intelectuais orgânicos civis (a “tecnocracia”). Obviamente, a elite econômica civil foi sócia e beneficiária do regime militar, com seus prepostos desempenhando papel central na alta burocracia.¹⁷

Ao se focar nas ações repressivas dos militares durante a Ditadura, pode-se perder de vista o caráter classista e o projeto político-econômico que foi posto em prática durante o período: um projeto de desenvolvimento capitalista, cujo aparato repressor desenvolvido serviu para reprimir a classe trabalhadora e os grupos de esquerda, impedindo-os de atrapalhar os planos da classe dominante. A violência das

¹⁷ NAPOLITANO, op. cit., p. 215.

Forças Armadas precisa ser inserida nesta perspectiva, para que não se perca o amplo significado que ela teve para a Ditadura Militar.

Acredito que uma discussão que pouco tem acrescentado para a compreensão deste período é aquela que trata sobre o conceito mais exato para a sua nomeação. Ditadura Militar, Ditadura Civil-militar, Ditadura empresarial-militar, entre outros nomes, são temas de discussões calorosas entre muitos historiadores, que privilegiam mais este tipo de debate do que outras discussões sobre o contexto. Uma ditadura é uma forma de governo específica, que conta com o apoio das Forças Armadas e de setores civis da sociedade para poder se solidificar. Sem um ou outro ela não pode sobreviver por muito tempo, mesmo que já tenha sido concretizado um golpe de estado. Claramente para acontecer uma ditadura é preciso haver alianças entre os setores da classe dominante junto com setores das Forças Armadas. Interesses em comum entre setores do alto escalão do exército e da classe dominante aproximaram esses dois grupos e os levaram a formar alianças e a executar um projeto comum de dominação.

Compreendo a importância para o debate contra o esquecimento, em que não se pode perder de vista os responsáveis pela repressão durante a Ditadura. Contudo acredito que tentar resolver isso por meio do nome dado ao tipo de governo do período e direcionar o debate para isso enfraquece, ao invés de fortalecer, a luta pela memória. Chamar de Ditadura Militar não significa estar responsabilizando tão somente os militares. Nomear por Ditadura Civil-Militar não basta por si mesmo para fortalecer um debate que insere outros grupos da sociedade como beneficiários e algozes da tirania vivida naqueles anos.

Sabemos que após o golpe todo um aparato repressor foi implantado no Brasil, a fim de conter as forças de contestação e atacar os movimentos sociais. Marcelo Godoy trabalha no livro *A casa da vovó* como o DOI-Codi foi um órgão responsável por uma série de crimes que, ao longo dos anos, foi sendo modificado até se tornar um órgão de inteligência que pôs fim a vários grupos armados de esquerda durante a Ditadura Militar. O caráter violento dos interrogatórios, a seleção dos delatores (chamados de cachorros), a investigação contínua de suspeitos e os métodos de desova e encenação de mortes acidentais de militantes sequestrados, os chamados “teatros”, foram métodos da

polícia desenvolvido ao longo de todo o período, sofrendo modificações conforme a experiência dos policiais e os objetivos da repressão.¹⁸

O sofrimento dos torturados, os desaparecidos e os corpos daqueles que foram assassinados pela repressão servia para silenciar e desmobilizar todos aqueles que se opunham ao regime militar e às suas ações. Uma verdadeira **cultura do medo** foi construída pelos grupos dominantes no período, utilizando-se da roupagem da luta pela segurança nacional para ferir todo e qualquer direito civil.

Diante de tão sombrio emblema não poderiam faltar pesquisas que procurassem problematizá-lo. Uma das primeiras iniciativas a realizar um profundo estudo sobre a extensão da repressão das Forças Armadas foi o “Projeto Brasil: Nunca Mais”, desenvolvido por Dom Paulo Evaristo Arns e outros membros da Igreja Católica, que reuniram uma ampla documentação do período de 1961 a 1979, cujo trabalho foi publicado pela primeira vez em 1985. O livro, importante documento sobre a Ditadura Militar, revela o quanto foi violenta a Política de Segurança Nacional aplicada pelo Estado:

Desenvolveu-se um aparato de “órgãos de segurança”, com características de poder autônomo, que levará aos cárceres políticos milhares de cidadãos, transformando a tortura e o assassinato numa rotina.¹⁹

Discutindo desde o início da formação do grupo golpista, a relação entre a Escola Superior de Guerra e os EUA, o treinamento de militares e policiais para a atuação na repressão aos civis e as formas de tortura utilizadas nos interrogatórios, o *Projeto Brasil: Nunca Mais* expõe de maneira inteligente e chocante a bárbarie aplicada por um governo, nascido de um golpe contra a democracia mas que se utilizava do *slogan* democrático para legitimar o seu caráter repressivo – característica comum presente na Doutrina de Segurança Nacional.

O caráter militar das ações contra os grupos de contestação ao regime foi tão grande que até mesmo atentados a bomba ocorreram contra órgãos como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), atacados em agosto de 1976²⁰. Não foi atoa que historiadores como Enrique Padrós nomearam como **Terror de Estado** o tipo de dominação implantado nas Ditaduras do Cone-Sul de 1960-

¹⁸ GODOY, Marcelo. **A casa da vovó**. São Paulo: Alameda, 2014.

¹⁹ **Projeto Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis, Editora Vozes, 1985, p. 63.

²⁰ Idem, p. 67.

1980, visto que as suas práticas violentas procuravam construir uma cultura do medo na sociedade, principalmente nos setores combativos e na classe trabalhadora, não importando os meios necessários para calar e amedrontar os “inimigos da ordem”.

Táticas militares são desencadeadas por um Estado ocupado militarmente. A selvagem repressão implementada está apoiada na racionalidade da aplicação de um projeto onde a violência é um componente básico. A diversidade dos mecanismos utilizados em alta escala configura a denominada “guerra total”. A repressão física, a violência institucional eliminando as garantias individuais e direitos humanos via tortura, guerra psicológica, atentados e violência física, assim como as ameaças do Estado (polícia, exército), e dos grupos paramilitares de extrema direita, esboçam uma das características mais explícitas na discussão do perfil dessas ditaduras militares. Não sendo suficiente toda essa violência, promoveu-se o extermínio físico, característica específica desses regimes, que em grau variado foi aplicado em toda a região.²¹

Todas essas características da violência das ditaduras militares na América Latina, elencadas por Padrós, têm sido amplamente debatidas no meio acadêmico nos últimos anos. Tal abertura a discussão de um tema que sofreu, durante um longo tempo, um silenciamento forçado, tem ajudado a compreender parte do que foi a Ditadura Militar no Brasil e as consequências que ela provocou na sociedade. Esse debate também ganhou força com a criação, em 2012, da Comissão Nacional da Verdade, que desde então tem feito um profundo levantamento acerca dos crimes contra os direitos humanos cometidos entre 1946 e 1988. Uma pesquisa sobre os eventos e simpósios que ocorreram entre 2013 e 2014 sobre os cinquenta anos do golpe de 1964 revelam a preocupação dos historiadores, de advogados e outros profissionais liberais e militantes em não deixar impunes e ocultos os crimes cometidos pelo Estado naquele período ressaltando, sobretudo, a tortura como emblema do regime militar.

Contudo não podemos perder de vista as ferramentas do Estado utilizadas durante a Ditadura Militar que haviam sido criadas em períodos democráticos. O conceito de Terrorismo de Estado, se não for bem compreendido, pode levar a equívocos, como o de pensar que a interferência do Estado nos sindicatos dos trabalhadores aconteceu pela primeira vez no período da Ditadura Militar, quando na realidade isso já havia acontecido anos antes, num governo populista. Sobre a interferência do Estado na luta sindical Boito Jr. indica que foi no período do governo

²¹ PADRÓS, op. cit., p. 80.

de Getúlio Vargas que se desenvolveu um aparato de controle e interferência estatal dentro dos sindicatos, de modo a submeter os interesses dos trabalhadores aos interesses dos grupos dominantes: o que ele chama de **ideologia da legalidade sindical** consiste no apego dos trabalhadores às normas legais que regulamentavam a organização e a luta sindical, limitando as reivindicações e pressões ao âmbito jurídico e às normas estabelecidas pelo Estado no que concerne ao sindicalismo – tanto nas lutas, na legalização ou não dos sindicatos, como também na mediação entre patrões e empregados.²²

Esse conjunto de relações foi construído e estabelecido no populismo varguista, e mantido durante os governos democráticos até 1964. Maria Helena Alvez conclui em seus estudos que essencialmente não havia nada de novo na estrutura corporativa dos sindicatos durante a Ditadura Militar, permanecendo a mesma desde a criação da CLT em 1943²³. Pouco foi alterado do que já existia para reprimir e reorganizar a luta sindical conforme os interesses da classe dominante.

Por fim Mariany Gregório indica com clareza a relação entre a repressão aos sindicatos durante a Ditadura e a formulação de um aparato legal para isso no período de Getúlio Vargas:

Aos militares bastava pôr óleo nas velhas engrenagens do Sindicalismo de Estado, visto que o corpo das ferramentas de controle sobre a classe trabalhadora encontrava-se acabado.²⁴

Assim compreendo que algumas ferramentas de controle aos movimentos sociais tiveram o seu uso amplificado pelo regime militar. Os estudos realizados pelo IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais, criado em 1962) permitiram aos grupos dominantes levar ao limite algumas ferramentas de controle do Estado, criadas anos antes do golpe. A intervenção nos sindicatos, a perseguição aos trabalhadores engajados e a limitação das lutas sociais já tinham sido estabelecidas pelo governo populista de Vargas. Bastava fazer algumas pequenas modificações para colocar esse aparato a todo vapor.

²² BOITO JR, Armando. **Sindicalismo de Estado no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

²³ ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

²⁴ GREGÓRIO, Mariany. Sindicalismo de Estado e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). **Em Debat: Rev. Dig.**, Florianópolis, n 3, 2007, p. 114.

Na ocasião da consolidação do Golpe Militar em 1964, a estrutura sindical herdada do período populista conservou-se em seus aspectos fundamentais pelo fato de que estes elementos têm como função primordial a assistência dos interesses políticos da classe hegemônica no poder, de forma independente às variáveis conjunturais ou da política aplicada pela equipe governamental.²⁵

Os planos para o golpe de estado devem ser ressaltados para se compreender o caráter classista da Ditadura Militar. A organização de institutos de pesquisa, como o IPES, para identificar as ameaças do Estado, a infiltração nos movimentos de base da classe trabalhadora, a articulação de uma rede de contato e ação entre os grupos de empresários com os mesmos propósitos, o fortalecimento de uma ideologia, dentro do empresariado, de assistência à classe trabalhadora – e a difusão dela entre os trabalhadores por meios culturais como o cinema e a televisão – foram ações que começaram a ser construídas pelos golpistas num período anterior a 1964, e que foram sendo aperfeiçoadas ao longo da Ditadura.

Marcos Corrêa estudou alguns documentários produzidos pelo IPES, mostrando que por meio do cinema o grupo procurou difundir sua ideologia entre o empresariado para unificá-lo, e entre a classe trabalhadora para dissuadi-la de ideologias que feriam os interesses burgueses. O autor indica que os documentários, de curta duração, foram amplamente utilizados por diferentes grupos que mantinham interesses em comum:

Apesar dos documentários ipesianos terem sido idealizados para serem apresentados nas sessões de cinema como “complemento cinematográfico” pautado pelo Decreto n.º 21.240 de quatro de abril de 1932, eles também foram usados para a instrução específica dos seus próprios quadros. Tendo então um duplo destino, esses filmes transitaram de escritórios bancários, passando por fábricas e salões de igrejas, até as salas de projeção dos mais importantes cinemas das capitais brasileiras.²⁶

Assim o golpe realizado em 1964 deve ser compreendido como uma ação calculada e planejada pela classe dominante, fruto de anos de estudo e ações, algumas com fracasso e outras com êxito. A Ditadura Militar, portanto, foi uma forma de dominação de classe que encontrou terreno fértil para crescer, fazendo uso de um aparato que já existia e de uma organização da classe dominante que foi construída no decorrer dos anos anteriores ao golpe.

²⁵ Idem, p. 116.

²⁶ CORRÊA, Marcos. **O discurso golpista nos documentários de Jean Manzon para o IPÊS (1962/1963)**. Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 27.

Tortura, sequestros e assassinatos foram práticas naturalizadas na Ditadura brasileira que revelam **parte** do seu caráter brutal. Entretanto estes são alguns aspectos do seu caráter violento. Se antes as pesquisas se focavam mais na repressão sofrida pelos artistas e membros de grupos de esquerda – sobretudo aqueles envolvidos nas guerrilhas –, algumas pesquisas atuais têm se preocupado em discutir como a repressão atingiu os trabalhadores. Um dos grupos de trabalho da Comissão Nacional da Verdade se focou neste tema (GT-13: Ditadura e Repressão aos Trabalhadores e Movimento Sindical), trazendo avanços na compreensão do caráter violento da Ditadura.

Todo o aparato repressor preparado pelos golpistas e os métodos violentos aplicados pelas Forças Armadas contra os movimentos sociais e a classe trabalhadora só podem ser compreendidos ao se considerar as intenções dos grupos dominantes com a realização do golpe. Estudar as primeiras medidas tomadas pelos golpistas pode ajudar a compreender qual era o foco de suas preocupações e quais eram os principais objetivos com o golpe de estado²⁷.

1.3- Os inimigos da ordem e do progresso

A pesquisa de René Dreifuss trouxe importantes contribuições para a compreensão sobre a Ditadura Militar no Brasil. O autor mostrou como grupos de empresários e militares se organizaram em torno de instituições para planejar e aplicar o golpe de 1964, bem como de organizar e administrar o aparelho estatal para atender os seus objetivos. Mesmo que o autor apresente as divergências que atingiram o bloco golpista depois do sucesso de 1º de abril, o estudo a partir das medidas tomadas pelo Estado revelam os interesses em comum que estavam por trás do golpe de Estado.

A insatisfação com o governo de Jango de setores dominantes provinha do seu diálogo com os movimentos populares e o socialismo. O devir de uma sociedade brasileira transformada pelas reformas de base colocava em risco os interesses de empresas multinacionais e de capitalistas que queriam desenvolver o setor industrial e de infraestrutura no país. Diante de um presente que desagradava e de um futuro assustador para aqueles que buscavam o lucro pela exploração do trabalho, grupos da classe dominante e das Forças Armadas se uniram em torno de um projeto em comum:

²⁷ As primeiras medidas tomadas pelo novo governo após o golpe são reveladoras das preocupações e objetivos dos golpistas. O modo como eles se utilizaram do aparato estatal são esclarecedoras das suas intenções, mostrando qual era o principal adversário aos objetivos dos grupos dominantes que apoiaram o golpe e do projeto político-econômico que eles queriam desenvolver.

pôr fim ao governo “populista” de Jango e aos movimentos populares com um golpe de estado e desenvolver o capitalismo industrial no país, sem empecilhos vindos da esquerda e da classe trabalhadora. Para isso instituiu como o IPES e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) foram de grande importância para a articulação de diferentes grupos sociais (da igreja, da classe média, dos ruralistas, das forças militares e dos empresários).

Após o golpe vários grupos de tecnocratas foram mobilizados para pôr em prática os planos de desenvolvimento capitalista. Para organizar tudo isso o Serviço Nacional de Informações foi de grande importância: criado pelo General Golbery do Couto e Silva, o SNI atuou como uma agência de informações e de assessoria para firmar as diretrizes políticas nacionais. Assim o SNI:

Estabeleceu uma rede de informações dentro dos ministérios, autarquias e órgãos administrativos do governo, bem como no movimento militar, no movimento da classe operária, no movimento estudantil e em outros segmentos escolhidos da população, transformando-se em um “superministério” intocado e intocável pelo Legislativo e pelo Judiciário e não subordinado às Forças Armadas.²⁸

Entre 1964 e 1967 um programa elaborado pelo IPES seria implantado, com o fim de coordenar as atividades do governo na esfera econômica. O Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) preparou uma série de reformas políticas, econômicas e sociais que beneficiavam os grandes industriais e prejudicavam os trabalhadores.

Para transformar as relações de trabalho era necessário também reformar a legislação trabalhista, de maneira a cortar direitos conquistados pelos trabalhadores, que prejudicavam a exploração do trabalho. Segundo Dreifuss

A **nova legislação** serviu a três finalidades principais: a) aumentou o controle direto dos sindicatos; b) procurou fortalecer os aspectos corporativos da estrutura sindicalista pelo seu papel na construção nacional e na manutenção da coesão social; c) sob o pretexto do controle da inflação tentou transferir recursos para a indústria, submetendo a classe trabalhadora a diversos tipos de programas de poupança forçada.²⁹

A partir disso houve a intervenção do Estado em grande parte dos sindicatos. Cerca de 70% dos sindicatos com cinco mil ou mais membros sofreram este processo.

²⁸ DREIFUSS, René Armand. **1964 a conquista do Estado**: ação política, poder e golpe de classe. 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, pp. 442-443.

²⁹ *Ibidem*, p. 460.

Todas as associações de trabalhadores combativas foram destruídas. Aqueles considerados líderes ou influentes dentro do movimento social foram presos ou demitidos com justa causa.

As greves políticas foram proibidas com a Lei nº 4.330 de junho de 1964, o que provocou uma queda abrupta no número de greves, segundo Kenneth Erickson: em 1963 ocorreram trezentas e duas greves, em 1965 vinte e cinco, em 1966 quinze, doze em 1970 e nenhuma em 1971.³⁰

O setor de recursos humanos das empresas passou a olhar os antecedentes políticos dos funcionários, alguns deles chegaram até mesmo a compartilhar informações de ex-funcionários que tinham militado em favor dos trabalhadores, de modo que ninguém contratasse aqueles trabalhadores. As entrevistas eram feitas com um questionário político, em que se objetivava perceber a relação do candidato com o sindicato e com partidos de esquerda. Aqueles que já tivessem participado de greves ou fossem filiados a essas organizações combativas eram rejeitados pela empresa, e suas informações eram compartilhadas com empresas da região. Criou-se uma verdadeira rede de vigilância e controle das atividades políticas dos trabalhadores, com a atuação conjunta de agentes do DOPS e dos RHs das empresas. As “listas negras” obrigaram muitos trabalhadores a fugirem da região em que viviam, indo para outro estado em busca de emprego.³¹

A partir deste momento os sindicatos foram adquirindo uma roupagem mais assistencialista e menos combativa, promovendo benefícios aos trabalhadores, como plano dentário e corte de cabelo, em detrimento de uma formação política dos mesmos e da organização das lutas pelos direitos da classe. O Ministério do Trabalho teve importante papel nesse processo, passando a interferir diretamente nos sindicatos, influenciando inclusive na escolha das direções.

Com a perda de direitos, a diminuição do salário e a falta de sindicatos organizados na defesa das suas pautas, a classe trabalhadora se viu sob a mira dos interesses dos patrões, que aumentaram a exploração do trabalho para atingir maiores lucros. Mais tempo de trabalho, horas extras não pagas, precarização das condições de

³⁰ GT-13: Grupo de Trabalho nº 13 da Comissão Nacional da Verdade, sobre Ditadura e Repressão aos Trabalhadores e Movimento Sindical. Textos Temáticos, DEZ/2014. Disponível em https://trabalhadoresgctcnv.files.wordpress.com/2014/12/nosso_capitulo.pdf. Acessado em 13/04/2015, p. 67.

³¹ Idem, p. 64.

trabalho (ambiente de trabalho perigoso, favorável a acidentes) e a implementação de tecnologias que não prezavam pela saúde do trabalhador, mas sim pelo aumento da produção, provocaram um grande aumento no abismo social entre ricos e pobres no período.

Com a perda de seus órgãos de defesa e de seus direitos, os trabalhadores se viram neste momento forçados a aceitar essas condições de trabalho do que enfrentar a forte repressão policial e a ameaça do desemprego.

Foram essas medidas iniciais da Ditadura que gestaram o chamado “milagre econômico”, período de 1968 a 1973 em que o Brasil registrou índices superiores a 10% de crescimento do PIB. O aumento dos lucros das empresas andou lado a lado com o arrocho salarial dos trabalhadores, bem como com o aumento da pobreza da classe trabalhadora. Um bom exemplo disso é o:

(...) setor metalúrgico, que pode ser considerado o coração da indústria brasileira no período entre 1966 e 1974, o salário real médio manteve-se inalterado, enquanto a produtividade cresceu 99%.³²

Dados como esse ajudam a colocar em cheque a falsa roupagem do discurso do milagre, uma vez que denunciam a pobreza em que viviam os trabalhadores em contraposição a elevação da produtividade e do lucro das empresas.

Assim podemos sintetizar, nas palavras de Enrique Padrós, quais foram os objetivos da Ditadura de 1964 no Brasil:

Em termos políticos, os objetivos norteadores das ditaduras militares foram muito claros: a contenção da mobilização popular e do fantasma da “ameaça comunista”; a destruição da luta armada; a imposição de um caráter político-desmobilizador e não-partidário militar; a despolitização das massas populares; a definição da imposição dos aliados do imperialismo no “quintal” latino-americano; o fechamento e enquadramento dos espaços políticos-institucionais (partidos, Congresso, Constituições, etc.); a imposição ou restabelecimento de uma ordem interna (segurança e estabilidade); a exclusão dos setores populares do cenário político e sua desqualificação como agente de mudança; o esvaziamento e até eliminação do pluralismo político; a desestruturação ou controle do espaço e da dinâmica do jogo eleitoral.³³

³² Ibidem, p. 68.

³³ PADRÓS, op. cit., p. 77.

Todos eles revelam que o principal personagem de atenção dos golpistas era a classe trabalhadora. Foi ela o elemento de maior preocupação da Ditadura Militar e a que recebeu os primeiros e mais incisivos golpes da classe dominante.

A luta armada organizada pelos grupos de esquerda foi uma das consequências diretas da repressão do Estado, fruto da leitura das esquerdas sobre aquele momento político e as atitudes que achavam necessárias para combatê-lo, diferente do que alegam os defensores da repressão, que falam que a violência policial e do exército foi uma resposta à violência dos guerrilheiros.

A Ditadura Militar reorganizou o trabalho conforme os seus objetivos. Eliminou os direitos dos trabalhadores, perseguiu trabalhadores engajados, fechou sindicatos, modernizou o setor produtivo a fim de aumentar a produção.

O crescimento econômico visto num curto período da Ditadura só foi possível com o aprimoramento da exploração do trabalho, que ocorreu pelas medidas políticas, pelo corte de gastos com os trabalhadores e pela aquisição de tecnologias que aumentavam a produção. Todos aqueles que se opuseram a isso e procuraram organizar os trabalhadores foram perseguidos, presos, torturados ou impedidos de arranjar emprego na região em que viviam.

A articulação de setores da classe dominante e das Forças Armadas, tanto antes como depois do golpe, revela o caráter classista da Ditadura. Não houve uma ditadura puramente militar, muito menos uma que contou com qualquer setor civil da população. Houve sim o encontro de interesses em comum, do objetivo de desenvolver um capitalismo no Brasil que dialogasse com o capital internacional, modernizar o setor produtivo, refrear as forças de mobilização popular, cortar relações com setores da esquerda (internos e externos ao Brasil) e explorar o máximo possível a classe trabalhadora, de modo a alcançar grandes índices de lucro e crescimento dos setores industriais a curto espaço de tempo.

Diante dessas questões estudar a violência da Ditadura Militar tão somente pela repressão das Forças Armadas significa limitar a sua compreensão e minimizar os seus efeitos provocados pelo Estado militar e pelos grupos dominantes.

A violência da Ditadura Militar foi muito além daquela simbolizada pela tortura. É necessário para a historiografia expandir os seus horizontes no que concerne ao entendimento dos efeitos provocados na sociedade pela Ditadura de 1964, tanto para aquele período como para o presente. Algumas respostas para os problemas da nossa

frágil democracia no presente e a despolitização que atinge a classe trabalhadora podem ser encontradas no período de 1964 à 1985, se é claro forem feitas as perguntas corretas.

1.4- Problematizando a violência da Ditadura Militar

Nas situações de pretensa normalidade democrática, quando a hegemonia burguesa parece alcançar consenso generalizado, as classes subordinadas e exploradas podem até não ter a percepção dessa violência, porque ela se dilui, se manifesta somente em episódios eventuais, se conserva latente como ameaça. Mas ainda assim existe, pois sem o exercício do poder coercitivo não existiria o Estado Burguês. Jacob Gorender

A violência é o elemento que qualifica a realidade trágica vivida pelos trabalhadores durante a Ditadura de 1964. Percebê-la para além da repressão das forças militares é um dos objetivos desta pesquisa, pois como indicou Jacob Gorender em *Combate nas trevas*, o combate às organizações de esquerda não foi o único aspecto dessa violência³⁴.

Na epígrafe o autor, na mesma obra, indica que a violência é parte intrínseca da dominação, se manifestando sob diferentes faces, muitas delas não vistas como violentas. Procuro problematizar com os aspectos dessa violência se manifestaram no cotidiano da vida dos sujeitos subalternos, para além da repressão, de modo a ampliar a sua noção para o período da Ditadura Militar.

Entendo a violência como uma ferramenta política utilizada na luta de classes, tanto pelos grupos dominantes como pelos grupos dominados. Entretanto é importante compreender quais os sentidos da violência praticada por cada sujeito, grupo ou classe em determinado contexto histórico. Além disso, uma vez que a classe dominante possui maior poder político e econômico, o uso da força por ela é muito superior àquele utilizado pelos trabalhadores, até mesmo pelo fato da classe dominante deter o controle sobre o Estado e sobre as suas forças de coerção.

Loic Wacquant estudou o fenômeno da violência urbana na Europa, nos EUA e no Brasil a partir da década de 1970. Algumas das suas reflexões são muito interessantes para a discussão sobre a violência na luta de classes. Nomeando de *violência vinda de cima* aquela que provém dos grupos dominantes, o autor indica que:

³⁴ GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. Editora Ática, 1987, p. 256.

Essa violência “vinda de cima” tem três componentes principais: (1) desemprego em massa, persistente e crônico, representando para segmentos inteiros da classe trabalhadora a desproletarização que traz em seu rastro aguda privação material; (2) exílio em bairros decadentes, onde escasseiam os recursos públicos e privados à medida que a competição por eles aumenta, devido à imigração; (3) crescente estigmatização na vida cotidiana e no discurso público, tudo isso ainda mais terrível por ocorrer em meio a uma escalada geral de desigualdade.³⁵

O autor mostra que a violência da classe dominante não se manifesta apenas na repressão. Essa “violência vinda de cima” atinge as classes subalternas na exclusão de parte significativa dos trabalhadores da sociedade capitalista; no exílio desses trabalhadores nos bairros mais pobres e sem recursos públicos da cidade; bem como na estigmatização desses sujeitos pelos meios de comunicação de massa e pelo discurso das forças da ordem – políticos, empresários e policiais.

A falta de oportunidades, a marginalização, o não reconhecimento da sociedade e do Estado desses trabalhadores enquanto “cidadãos”, geram feridas cotidianas que vão se acumulando ao longo do tempo. A fome e a miséria a que são submetidos, os poucos empregos disponíveis – que normalmente são os trabalhos mais pesados e com menor remuneração – são formas de violência a que a classe trabalhadora se vê submetida no sistema capitalista, principalmente quando este sofre um processo de desenvolvimento acelerado – como o ocorrido durante a Ditadura Militar.

Além disso, o mundo do crime, que parece surgir entre os trabalhadores mais pobres, é fruto das desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo – e não obra da natureza humana ruim de alguns indivíduos, como propõem alguns intelectuais orgânicos da classe dominante. A falta de oportunidades e a estigmatização são pressões tão fortes na vida dos trabalhadores que muitos sucumbem a elas e viram criminosos, fato que apenas contribui para uma maior estigmatização desses sujeitos, os submetendo ao medo constante de serem capturados e mortos pela polícia. Num período que viu surgir esquadrões da morte que assassinavam sem qualquer tipo de punição da lei, fazer parte deste submundo significava pôr um alvo nas suas costas para a polícia atirar.

Em meio a uma violência cotidiana forçada, e diante da perda de meios de se defender e se manifestar politicamente (sindicatos, organizações de bairro), os trabalhadores também se utilizam da violência contra os seus opressores.

³⁵ WACQUANT, op. cit., p. 29.

George Rudé estudou alguns movimentos populares na França e na Inglaterra, entre os anos de 1730 e 1848, procurando compreender os sentidos das ações violentas da multidão na história. Ele mostrou que os grupos no poder sempre procuram desqualificar as ações populares, indicando que: a) os manifestantes estavam sendo manipulados por um adversário político; b) eram arruaceiros que só queriam promover a desordem; c) eram criminosos que estavam sedentos por derramamento de sangue e por roubar as casas e as lojas de trabalhadores honestos; d) os movimentos eram movidos por uma violência cega.³⁶

Contudo um estudo cuidadoso sobre a multidão revelou que as suas ações violentas eram mais racionais do que queriam fazer acreditar a classe dominante. Com a dissolução de antigos costumes e a substituição dos trabalhadores pelas inovações tecnológicas os manifestantes atacavam as máquinas dos proprietários no intuito de provocar algum dano material – num sentido de “justiça moral”, em que não só os trabalhadores arcavam com os prejuízos do avanço industrial na zona urbana e rural – como foi visto no movimento ludita e nos motins Swing na Inglaterra. A carestia e escassez de bens alimentícios de primeira importância na mesa dos trabalhadores – como o pão, a farinha e o queijo – levaram a multidão a assaltar padarias e moinhos, revendendo-os a um “preço justo” – como foi visto nos motins da fome inglês e francês– ou a queimar os estoques de agricultores, padeiros e moleiros, que para os manifestantes buscavam o lucro ao invés de revender seus produtos para a população empobrecida e faminta.³⁷

Todas as ações da multidão eram dotadas de racionalidade e organização, muitas delas dirigidas a elementos da sociedade que eram identificados como os verdadeiros culpados ou símbolos da situação precária de vida dos trabalhadores (a escassez de alimentos, o desemprego, o aumento dos preços dos alimentos básicos). Sendo assim as ações violentas da população tinham um profundo significado para as suas lutas e para aquele contexto histórico.

Se a violência da multidão era dirigida a alvos específicos, o que demonstra os problemas que aquelas pessoas estavam passando e as razões para estarem realizando aqueles atos violentos, o número de mortos provocados pela multidão também não corresponde ao discurso oficial:

³⁶ RUDÉ, George. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991, p. 7 e 232.

³⁷ Idem, p. 23-167.

Os amotinados não causaram danos à vida das pessoas. Os motins luditas, “Rebeca”, motins de Porteous e Edimburgo (1736), tiveram, cada um deles, **uma vítima fatal**. No entanto, o número de vítimas dos amotinados destruídas pelos militares e tribunais foi grande e frequente.³⁸

Cada um dos movimentos analisados teve somente uma vítima fatal. Em contrapartida, a morte provocada pela repressão das Forças Armadas e pelas execuções “legais” atribuídas pelos tribunais foi bem alto, o que denota a desigualdade de forças entre as classes no embate de forças por meios violentos, bem como o uso irrestrito da violência pelas classes dominantes, diferente dos trabalhadores.

Além disso, o discurso oficial servia para justificar a violência da classe dominante, como uma execução da justiça do Estado contra os atos violentos da multidão enfurecida, quando na realidade o número de vítimas era quase nulo por parte das manifestações populares, e seus ataques não eram provocados por uma fúria cega, mas sim pela indignação e pela violência cotidiana sofrida por eles durante um longo período.

Os estudos de George Rudé permitem refletir sobre o aspecto trágico da violência quando utilizada pelos dominados. Mesmo se constituindo numa ação política dos trabalhadores contra a dominação, a violência como ferramenta de luta por eles constitui parte da sua realidade trágica, uma vez que pelo desequilíbrio de forças existente entre as classes as perdas são muito maiores para os grupos subalternos, sem com isso haver a garantia de conquista das suas reivindicações. Além disso a violência, quando utilizada pelos trabalhadores, serve como justificativa para os grupos dominantes executarem uma repressão truculenta contra os manifestantes. Tal legitimidade é criada pela propagação de informações deturpadas nos meios de comunicação sobre os protestos e as ações violentas dos manifestantes, para assim alcançar certo consenso entre a população.

Na mesma direção vão algumas análises de Frantz Fanon em seus estudos sobre a luta dos africanos contra a colonização europeia no século XX. Por meio da violência os sujeitos subalternos encontram a sua práxis:

O colonizado que resolver cumprir este programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência. Desde seu

³⁸ Ibidem, p. 274, grifos meus.

nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de **interdições**, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta.³⁹

Frantz Fanon problematizou e enfatizou a violência como meio de luta legítimo das classes dominadas. Embora ele trabalhe com o contexto das Frentes de Libertação Nacional do continente africano, principalmente da Argélia, e os enfrentamentos dos povos colonizados contra os invasores colonizadores, suas reflexões sobre a violência permitem pensar determinado espectro da luta de classes, em que a violência exerce um papel muitas vezes central para as classes dominadas.

Mas será que entre a classe trabalhadora existem aqueles que sofrem mais do que os outros? A violência vinda de cima, vista anteriormente, provoca um processo de estigmatização da classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que a submete aos piores tipos de trabalho do sistema capitalista. O crescimento econômico provoca uma maior pauperização para a classe trabalhadora, e alguns setores chegam a senti-lo com maior força do que outros.

As obras de Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá apresentam um extrato muito específico da classe trabalhadora como os grandes protagonistas dessa literatura e vítimas dessa tragédia que foi a Ditadura Militar. O **lumpemproletariado** compõe o que Karl Marx chamou de terceiro estrato do exército industrial de reserva. Segundo ele, quanto maior for o exército industrial de reserva mais intensa é a exploração da mão-de-obra empregada, o que por sua vez gera maiores lucros para os empresários. Como numa reação em cadeia, a massa de trabalhadores desempregada força os trabalhadores empregados a suportar uma carga de sobretrabalho, visto que para ocupar as suas vagas existem centenas, até mesmo milhares de trabalhadores ociosos. Para Marx esse **exército industrial de reserva** é necessário para o capital poder explorar a classe operária, pois assim ele consegue baratear a mão-de-obra e obter uma alta taxa de lucro.⁴⁰

O lumpemproletariado é a terceira força de exército industrial de reserva, chamada por Marx também de **estagnada**. Sua condição de vida cai abaixo do nível normal médio de vida da classe trabalhadora, o que a torna a base para certos ramos de exploração do capital. Esses trabalhos são caracterizados pelo máximo do tempo de serviço e o mínimo de salário. Marx distingue essa parcela da classe trabalhadora mas

³⁹ FANON, op. cit., p. 27.

⁴⁰ MARX, Karl. Produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. In: **O Capital** – livro 1, volume 2 (cap.XXIII). São Paulo: Nova Cultural, 1988, pp. 202-205.

não a separa dela: trata-se de uma faixa da classe que encontra-se destruída pelo trabalho, em condição diferente do restante dos trabalhadores.⁴¹

O lumpemproletariado, assim, habita a esfera do mais profundo pauperismo. A baixa escolaridade, a pobreza em que se encontram e os espaços em que habitam (bairros pobres e marginalizados) os submetem aos piores serviços que o sistema dispõe. Crianças pobres, prostitutas, bandidos, catadores, trabalhadores aleijados e mendigos compõem o que é chamado lumpemproletariado.

Contudo, mesmo encontrando-se em condições desumanas esses trabalhadores podem desenvolver uma consciência rebelde, lutando contra a exploração e contra seus exploradores. Marx, ao distinguir o lumpemproletariado da classe trabalhadora, não exclui a possibilidade dele de desenvolver uma consciência de luta, mesmo que limitada pela sua própria condição.

Qual o significado que o lumpemproletariado adquire ao surgir nas obras desses autores? Num contexto de Ditadura Militar, onde os seus defensores apresentam o aumento do PIB brasileiro como uma das conquistas dos golpistas, trazer na literatura os trabalhadores mais pobres e marginalizados representa, por si só, um forte contraponto ao “milagre econômico”. O crescimento econômico não significou um aumento da qualidade de vida da classe trabalhadora. Pelo contrário, a acumulação de riquezas no sistema capitalista só pode acontecer junto com o aumento da **acumulação de miséria**, como bem assinalou Karl Marx⁴².

Sérgio Murilo Ferreira de Oliveira estudou as condições de trabalho durante a Ditadura Militar, realizando um paralelo entre as mudanças na legislação do trabalho, o “milagre econômico” e o trabalho no tempo presente (década de 1980):

A lógica da acumulação que permeia o desenvolvimento brasileiro recente apoia-se exatamente na dilapidação da força de trabalho. Na presença de uma vasta reserva de mão-de-obra e na ausência de uma sólida organização sindical e política da classe operária, tornou-se fácil aumentar as taxas de exploração. O desgaste da mão-de-obra submetida a prolongadas jornadas de trabalho e as espinhosas condições urbanas de vida tornam-se possíveis na medida em que a maior parte da mão-de-obra pode ser prontamente substituída, devido, por exemplo, ao crescimento da massa de população que já se encontrava desempregada ao longo da década de 70.⁴³

⁴¹ Idem, pp. 207-209.

⁴² Ibidem, p. 210.

⁴³ OLIVEIRA, Sérgio Murilo Ferreira de. Os trabalhadores urbanos e a Ditadura Militar. **Rev. Adm. púb.**, Rio de Janeiro, 1987, p. 29.

Sua conclusão sobre o crescimento econômico durante a Ditadura vai ao encontro com as ideias de Marx sobre a acumulação de capital e de miséria e a relação delas com o exército industrial de reserva. Inserir a análise da Ditadura brasileira neste debate ajuda a esclarecer parte significativa das mudanças que ela provocou na vida dos trabalhadores e as conseqüências provocadas por ela que jamais foram alteradas, mesmo com o processo de “redemocratização”.

Ao analisar a Ditadura Militar como um projeto político da classe dominante começa-se a perceber como o Estado militar foi manipulado para conter as forças populares e alcançar os objetivos da classe dominante. Utilizando-se da legislação para alterar os direitos trabalhistas, a repressão para barrar a força de luta dos trabalhadores e a imprensa e a cultura para atingir um consenso entre os dominados e difundir os valores dominantes como valores universais.

Explorar essa literatura que trabalha com o lumpemproletariado permite compreender essa relação entre o acúmulo de capital durante a Ditadura Militar e o aumento da **acumulação de miséria**, bem como o aumento do abismo social entre as classes dominante e trabalhadora no período.

O lumpemproletariado, como já exposto, vive de maneira intensa a violência da sociedade capitalista. Marginalizados, são excluídos da civilização e do progresso. Atacado pelos meios de comunicação de massa e pelas forças de “segurança”, o lumpemproletariado possui poucas alternativas de emprego e de mudança de vida. As “oportunidades”, se é que podemos chamar assim, são os trabalhos mais difíceis e mal remunerados. A exclusão os atinge no interior da classe a qual pertencem, sendo ignorados e marginalizados até mesmo pelos seus companheiros de classe.

Como vivem em meio à violência da sociedade capitalista, eles também se utilizam dela para sobreviver. Entre seus companheiros de sobrevivência a violência aparece como uma linguagem que media as suas relações. Como forma de resistência e luta também a violência aparece como ferramenta de classe.

Nos próximos capítulos vou analisar como o lumpemproletariado aparece nas obras dos autores selecionados para esta pesquisa, Plínio Marcos e Roniwalter Jatobá, e como esses escritores trouxeram a violência vivida e praticada por esses sujeitos. Por que esses autores colocaram o lumpemproletariado como interlocutor da classe

trabalhadora? Essa é uma das grandes questões dessa pesquisa que pretendo discutir ao longo das análises das obras.

Capítulo 2- Plínio Marcos e os excluídos sociais

Engana-se quem acha que Plínio quer chocar. A realidade do Brasil é que é trágica.

2.1- O “repórter de um tempo mau”

A epígrafe acima traz uma questão interessante sobre o autor que vou discutir neste capítulo. Plínio Marcos ficou conhecido como “escritor maldito” por escrever peças e crônicas que traziam a vida dos trabalhadores pobres e dos sujeitos marginalizados pela sociedade e desprezados pelo Estado: prostitutas, cafetões, catadores, malandros, bandidos, jovens das periferias. Além do conteúdo a forma com que este escritor compunha as suas narrativas causava espanto para os apreciadores das artes mais puritanos. Contudo, cabe aqui discutir se suas peças eram chocantes e exageravam aspectos da realidade em função de uma escolha estética, ou se ele teve como principal objetivo trazer para o mundo do teatro e para os jornais (onde escrevia pequenos contos) a dura e cruel realidade de uma parte da classe trabalhadora negligenciada pelas políticas públicas do Estado e por uma parte da esquerda militante que pretendia a revolução socialista no Brasil.

Quem foi Plínio Marcos? Essa não é uma pergunta simples de responder, ainda mais porque Plínio foi um sujeito de muitas peculiaridades. Vou começar falando sobre a sua vida e a trajetória que o levou ao teatro e ao jornalismo, onde encontramos grande parte da sua produção como intelectual e artista.

Plínio Marcos de Barros nasceu na cidade de Santos em 29 de setembro de 1935. De família modesta, trabalhou como funileiro no cais de Santos e tentou ser jogador de futebol, chegando mesmo a jogar na Portuguesa Santista. Abandonou os estudos na adolescência, por não se adequar à disciplina imposta na escola: afirma, a título de exemplo, que era canhoto, mas que naquele tempo forçavam todas as crianças a escreverem com a mão direita.⁴⁴

Aos dezesseis anos se envolveu no circo Teatro Liberdade, onde criou o seu primeiro personagem. Naqueles anos deu vida ao palhaço Frajola, que encantava o público infantil. Neste período podemos perceber os primeiros passos de Plínio no mundo cênico. É nesta fase que ele começa a escrever pequenas peças, a imaginar

⁴⁴Boa parte das informações biográficas sobre o autor foram retiradas do seu site oficial, que é mantido pelos filhos. Ver <<http://www.pliniomarcos.com/dados/origens.htm>>, acessado em 20/03/2014.

personagens e a compor suas primeiras narrativas sobre a realidade das periferias de Santos, que ele frequentava e mantinha laços de amizade e identificação cultural.

Em 1950 ele fez parte de um grupo de artistas de teatro que atuava nos palcos espalhados pela cidade, o Centro dos Estudantes de Santos, Clube de Arte e Centro Português. Ali conheceu Patrícia Galvão, a Pagu, com que construiu uma longa amizade e parceria profissional. Plínio se envolveu em todas as tarefas que envolviam a produção de uma peça de teatro, atuando como ator, diretor e autor de diversas peças.

No fim da década de 1950, já com 24 anos, ele apresentou o texto de uma de suas peças para o grupo de teatro. Pagu sentiu enorme interesse e o incentivou a encená-la. *Barrela* foi o primeiro trabalho teatral de Plínio Marcos, que o impulsionou para a vida de dramaturgo. Embora ela tenha lhe rendido fama, também revelou um dos grandes obstáculos que Plínio enfrentaria ao longo de toda a sua vida, principalmente nos anos da Ditadura – a censura. *Barrela* teve sua primeira e única encenação em 1959, sendo reencenada novamente vinte anos depois.

Se nessa ocasião Plínio Marcos percebeu que podia fazer sucesso encenando peças cujo foco era a vida dos sujeitos marginalizados da sociedade, também foi aí que ele percebeu que teria como grande adversária a censura. Todavia isso não enfraqueceu a vontade do autor de militar no teatro. Pelo contrário, lhe deu forças para produzir mais e mais obras que levassem ao público dimensões da vida da classe trabalhadora pouco exploradas. Para ele havia uma parcela considerável da classe trabalhadora cujos dramas do cotidiano eram constantes e representativos da profundidade alcançada pela pobreza, pela discriminação e pela violência. Pode-se dizer que ninguém como ele apontou para tantos dramas e tragédias com cores tão vivas.

Em 1960 ele se mudou para São Paulo, onde trabalhou por um breve período no Teatro Arena. Contudo, como mais da metade da arrecadação das peças ficava para o teatro, Plínio procurou outras oportunidades de emprego. Casado com a atriz Walderez de Barros, com quem veio a ter três filhos, Plínio não podia simplesmente militar no teatro sem ganhar o suficiente para sobreviver e manter a sua família. Além de escrever suas peças, Plínio também trabalhou neste período na TV Tupi, atuando como ator na novela *Beto Rockfeller*.

Plínio manteve-se atento às diversas manifestações de seu tempo, e soube lidar criticamente com elas. Por um lado foi um defensor ferrenho da liberdade de opinião, lutando contra a censura que atingiu a todos os artistas engajados no período da

Ditadura Militar. Por outro lado foi um crítico ácido de uma vanguarda de artistas brasileiros que rejeitava manifestações simples e espontâneas do povo. Apreciador do samba, ele gostava de participar das rodas de samba de São Paulo. Também gostava dos carnavais nos bairros, e criticou quando em 1974 a prefeitura cancelou o Carnaval nos bairros, alegando não ter dinheiro, mas realizou um Festival Internacional de Teatro, cujas peças eram faladas em línguas estrangeiras, o que restringia a sua apreciação a uma pequena parcela de intelectuais, deixando os trabalhadores em segundo plano.

Com a sua formação inicial nos circos, percebeu que parte significativa de uma cultura popular ficava imersa sob uma crescente importação de uma cultura estrangeira. Assim suas críticas, algumas apresentadas na forma de contos publicados no jornal *Última hora* na década de 1970, revelam a censura a uma cultura engajada, a perda de práticas culturais da classe trabalhadora e a difusão de uma cultura estrangeira nos principais veículos de comunicação do período, como a televisão e o rádio, o que fez com que figuras como Pato Donald e Batman, heróis dos EUA, fossem inseridos na infância do povo brasileiro em detrimento dos artistas e “heróis” genuinamente brasileiros, do povo trabalhador, como os artistas de rua, sambistas, circenses e outros.

Plínio Marcos dedicou-se a colocar o excluído social com a sua verdadeira linguagem em seus textos. Para ele era um objetivo pessoal retratar de maneira fiel tanto as lutas desses sujeitos explorados pelo capitalismo e marginalizados pela sociedade, assim como utilizar e sublinhar as gírias e modos de falar desses personagens.

Plínio demonstrou, desde os seus primeiros trabalhos, um forte compromisso com as questões políticas e sociais do seu tempo. Combater as autoridades e fazer da arte uma arma de denúncia das desigualdades sociais era parte intrínseca do seu trabalho, da sua vida, e ele fazia questão de deixar claro que fazia parte da profissão de escritor (de contestação) enfrentar as consequências pelos incômodos que provocava nos poderosos, e que era inconcebível separar o seu trabalho de escritor e a sua militância em favor dos excluídos sociais.⁴⁵

Plínio se considerava um “repórter de um tempo mau”, e de fato ele trabalhou como jornalista investigativo. Gostava de entrevistar qualquer pessoa e não tinha receios em fazer perguntas cáusticas para figuras políticas e intelectuais importantes. Tanto como dramaturgo como jornalista Plínio Marcos não tinha “papas na língua”, e levava

⁴⁵ Dados e trechos de entrevistas com o autor foram retirados da seguinte obra: CONTRERAS, Javier Arancibia; MAIA, Fred; PINHEIRO, Vinícius. **Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

muito a sério o seu engajamento. Jamais se esqueceu do lado da luta de classes em que se encontrava, e chegou mesmo a declarar que no sucesso mais do que nunca ele precisava se cercar dos perseguidos, dos marginais e dos “impedidos de participar da vida nacional”.

A luta engajada pelos excluídos sociais trouxe também outro embate forte na trajetória do autor. A luta pela liberação de suas peças virou um pesadelo recorrente na sua vida, que sempre atrapalhou a sua carreira. Junto com isso a dificuldade de encontrar empregos, a perseguição que sofreu nos jornais e revistas que trabalhava fez com que Plínio Marcos tivesse uma vida muito simples e humilde. Sem dúvida o seu interesse pelo que podemos chamar de lumpemproletariado não era apenas intelectual ou político: Plínio Marcos se identificava com este extrato da classe trabalhadora.

Na década de 1970, com a regulamentação da profissão de jornalista, Plínio começou a perder espaço no jornalismo devido ao fato de não possuir formação nessa área. Com isso ele teve que procurar outros empregos para poder se manter. Uma das ocupações mais importantes de Plínio foi a de camelô. Dentre os produtos que vendia estavam os seus textos, que ele editava por conta própria e vendia nas ruas, nos bares, restaurantes e teatros. Considerava-se um “camelô da cultura”. Também no período começou a ganhar algum dinheiro viajando pelo país para dar palestras e participar de eventos acadêmicos.

Como trabalhador ambulante Plínio pôde conhecer diferentes lugares que faziam parte do cotidiano dos seus personagens e que não eram lugares institucionalizados para trabalhar. Bares, praças e ruas delineavam o universo por onde Plínio transitava e expunha o seu trabalho. Assim compreendo que a relação que Plínio desenvolveu com a realidade que ele retratava em seus trabalhos foi algo ímpar, difícil de ser encontrado nos escritores e poetas. A distância de sua percepção em relação à dimensão da realidade sobre a qual escrevia e intervinha era tão curta que ele participava dela. Isso faz de seus textos fontes muito importantes para qualquer pesquisa sobre a classe trabalhadora no contexto da Ditadura Militar.

Como “camelô da cultura” Plínio também estava lutando contra a opressão do seu tempo, vendendo textos com forte crítica social, inclusive as peças que haviam sido censuradas, para pessoas de todas as camadas sociais. Esse era o seu jeito de driblar a censura, divulgar o seu trabalho, conseguir sobreviver e combater a repressão.

Plínio sofreu para poder sobreviver, principalmente após a intensificação da censura com o AI-5. Mas nem a censura nem as dificuldades econômicas o fizeram abandonar o seu trabalho de escritor. Tanto no jornalismo como dramaturgo Plínio continuou a denunciar a miséria e a violência que ele presenciava todos os dias. A maioria de suas peças foi escrita no período da Ditadura Militar, e como Plínio era um autor engajado com o tempo presente e preocupado com as desigualdades sociais, suas obras se constituem em fontes importantes para o historiador estudar o período.

Os textos de Plínio expõem de maneira incisiva as formas de violência vivenciadas pelo lumpemproletariado, o que contradizia a imagem transmitida pelos governos militares de um progresso econômico e social no país. Isto sem dúvida foi o principal motivo que levou a censura a perseguir Plínio aonde quer que ele fosse vender seus textos ou encenar as suas peças.

A linguagem coloquial é um dos principais elementos dos textos do autor. Segundo ele este foi um dos motivos que o levou a ser perseguido pela censura:

“O palavrão. Eu, por essa luz que me ilumina, não fazia nenhuma pesquisa de linguagem. Escrevia como se falava entre os carregadores do mercado. Como se falava nas cadeias. Como se falava nos puteiros. Se o pessoal das faculdades de linguística começou a usar minhas peças nas suas aulas de pesquisas, que bom! Isso era uma contribuição para o melhor entendimento entre as classes sociais.”

“Eu escrevo histórias. Eu tenho histórias pra contar. Mas, tudo o que escrevo dá sempre teatro.” “Eu sempre escrevi em forma de reportagem. As minhas peças não têm ficção, sabe? Eu escrevo, desde Barrela, reportagens.”⁴⁶

Em seus textos tanto a narrativa como as falas dos personagens passam a impressão para o público/leitor de que são os próprios trabalhadores que estão contando as suas histórias. A transposição do leitor para a mente, o ambiente e a cultura daqueles personagens marginalizados acaba provocando um laço de empatia entre ambos, algo que por vezes subverte a alteridade existente entre dois mundos completamente diferentes, o do leitor e o daqueles sujeitos estigmatizados, o que gera tanto estranhamento, num primeiro momento, como uma identificação com as questões que perpassam os mundos vividos por aqueles sujeitos tidos como estranhos pela sociedade.

⁴⁶ Trechos retirados de uma entrevista concedida por Plínio Marcos em 1973, disponível no site <http://www.pliniomarcos.com/dados/censura.htm>. Acessado em 29/07/2014.

Esta relação entre os personagens e o leitor é fortalecida por Plínio Marcos ao aproximar os problemas vividos pelos seus personagens com os problemas vividos pelos trabalhadores de maneira geral, de problemas e situações que não eram vividas apenas por aqueles sujeitos, mas por todos os trabalhadores.

Trata-se de um ponto central nas reflexões do autor. Observar, compreender e interpretar a classe trabalhadora a partir dos trabalhadores mais pobres e desgraçados dos anos 60, 70 e 80, o que também pode ser considerado um método de análise. Aliás, um método de análise alternativo ao pensamento dominante da esquerda no mesmo período, que ignorava ou rejeitava o lumpemproletariado tanto nas suas pesquisas sobre a classe trabalhadora como no seu trabalho militante (diálogo, filiação e trabalho com esses sujeitos) e na sua construção de um projeto revolucionário para o país. Aqueles que estavam irremediavelmente ligados ao pauperismo, como as prostitutas, os vagabundos, os mendigos, os catadores, entraram no radar de Plínio Marcos e se tornaram protagonistas de suas peças teatrais.

Plínio Marcos tinha um forte engajamento político, e compreendia muito bem as discussões sobre a exploração pelo capital e as relações de produção. Como um crítico ferrenho, teceu problemas da luta dos movimentos esquerdistas do seu tempo, principalmente após o golpe militar. Plínio não fez parte de nenhum partido, muito menos militou a favor de algum grupo: embora pudesse nutrir simpatia com as ideias de algum partido de esquerda, sua maior preocupação era com os excluídos sociais, sujeitos históricos que receberam pouca atenção dos militantes de esquerda. Algumas de suas peças foram escritas exatamente com o propósito de discutir a questão da miséria e da exploração da miséria dos trabalhadores.

Plínio, sem sombra de dúvida, se via como um sujeito marginal. Sentia um profundo orgulho disso. Ele ofereceu um olhar sobre a “ordem” do capitalismo sob o ponto de vista de quem vivia das sobras do desenvolvimento e do progresso do sistema, de quem andava pelos submundos das grandes cidades, de quem era marginalizado ou ignorado tanto pela classe dominante como pelos trabalhadores e pelos grupos políticos de esquerda. Plínio Marcos mostrou o capitalismo enquanto desordem social e inversão dos valores que o próprio sistema dizia produzir, mas que na prática não se perpetuava em ações: assim a miséria e a desumanidade de trabalhadores que se matavam para conseguir sobreviver, que se sujeitavam a níveis brutais de exploração do trabalho para

conseguir um pouco de dinheiro, é exposto nas suas obras como parte da (des)ordem construída pelo capitalismo, e não como um mundo paralelo a ela.

Dito tudo isso vejamos algumas das obras do autor. Selecionei três peças de teatro produzidas por Plínio, que trazem elementos interessantes para a problemática principal desta pesquisa. São elas *Navalha na carne* (1967), *Homens de papel* (1968) e *O abajur lilás* (1969).

2.2- Prostitutas, cafetões e a exploração do trabalho

Por meio dos trabalhos de Plínio Marcos é possível problematizar a violência no contexto da luta de classes do período da Ditadura. E qual seria o personagem, dentro do lumpemproletariado, mais qualificado para apresentar a violência?

As prostitutas foram um dos personagens mais trabalhados pelo autor em toda a sua carreira. *O abajur lilás*, peça escrita em 1969, o autor narra a história de três prostitutas, Dilma, Célia e Leninha, e a difícil relação que elas mantêm com o seu cafetão, chamado Giro, e o seu guarda-costas, o brutamontes Osvaldo. A peça, dividida em dois atos, destaca a exploração violenta sofrida pelas prostitutas e a tentativa de revolta, com o seu triste desfecho.

No primeiro ato ficamos sabendo da situação das prostitutas, Dilma e Célia, e da difícil relação que mantêm com seu “patrão”, o cafetão Giro. Mal chega em casa e Dilma houve cobranças e reclamações do cafetão, que reclama do pouco dinheiro que ela e Célia têm trazido para ele:

Que merda! Que merda! Tu e a Célia estão se escamando. Por isso que esse mocó não rende a metade do que devia render. Qualquer filho da puta com um apartamento desses faz uma bruta nota. O desgraçado aqui só pega as sobras. Que merda! Fico aqui no pinga-pinga de dar nojo. Só de conta de luz, pago uma grana sentida. Acho que as duas só trepam de luz acesa. E de água, nem se fala. Essa mania de se lavar toda hora, dá no meu bolso. Mas, nada disso tinha importância, se as duas se virassem bem. Mas, que nada! Uma é mais folgada que a outra. Não sei o que as duas pensam. Acho que tu e a Célia pensam que esse mocó caiu do céu para mim. Mas, aqui, ó! Dei duro. Trabalhei, trabalhei, trabalhei, pra conseguir essa droga. Agora ele tem que render. Que é que tu e a Célia pensam? Me diz. O que tu e ela pensam?⁴⁷

⁴⁷ MARCOS, Plínio. *O abajur lilás*: peça em dois atos. Editora Brasiliense, 1975, p. 15.

Fica nítida aqui a linguagem coloquial utilizada pelo autor. Ele não se prende em falsos pudores ou normas estilísticas e descarrega uma série de palavrões na fala do cafetão irritado. Para o período as peças de Plínio Marcos eram bastante chocantes para o público, mal acostumado com o palavreado culto e as peças requintadas, sobretudo pela influência do teatro europeu. Sua intenção não era tanto a de chocar, mas a de retratar fidedignamente a realidade vivida por aqueles trabalhadores, sobretudo a linguagem comum a eles no seu dia-a-dia.

Vamos analisar alguns pontos deste trecho. Giro faz uma série de reclamações sobre a conduta das garotas, indicando que elas têm feito corpo mole no trabalho, deixando de ganhar dinheiro para ele. Ele também faz uma série de acusações contra elas, indicando que elas têm desperdiçado água e utilizado muita luz, num tom bastante inquisitório. Por fim o personagem faz alusão a sua trajetória de sucesso pessoal, cujo fruto de todo o seu trabalho resultou na aquisição de um quarto só para ele, um investimento que ele espera obter lucro a partir da exploração do trabalho das suas garotas.

Estes elementos iniciais são explorados no decorrer de toda a obra. Plínio Marcos incorpora elementos que estão para além do mundo subterrâneo em que habitam esses sujeitos – prostitutas e cafetões –, como por exemplo o discurso sobre o trabalho e da possibilidade de ascensão social, tão difundidos na sociedade capitalista moderna. As cobranças feitas por Giro se assemelham com aquelas feitas pelo patrão de uma fábrica, que quer maiores rendimentos e não aceita desculpas dos seus funcionários.

As necessidades básicas das garotas, como tomar um banho depois da atividade sexual para se limpar, são desconsiderados por Giro e reprimidas severamente em seu discurso. Em alguma medida tal situação realçada por Plínio figurava em sua experiência de ouvir relatos semelhantes a este apresentado na peça. Ao mesmo tempo, este trecho refletia o padrão de exploração capitalista, representado na relação de trabalho entre a prostituta e o cafetão, espelhados no capitalismo industrial, e a imposição de códigos de conduta fisiológicos como o poder da gerência sobre os trabalhadores, por exemplo, no controle do acesso ao banheiro.⁴⁸

⁴⁸ O controle sob o trabalhador foi intensificado no período da Ditadura. Sem os seus mecanismos de defesa, como os sindicatos, juntamente com a perda de direitos trabalhistas conquistados a duras penas, os trabalhadores se viram forçados a se adequar a dura disciplina imposta nos ambientes de trabalho. Ver SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Paz e Terra, 2001.

Nesta mesma direção é possível ver e discutir os personagens criados por Plínio como trabalhadores que participaram da luta de classes. Nesta peça a prostituta não é apenas uma prostituta, mas é também um simulacro da classe trabalhadora. A exploração do trabalho é comparada por ele a relação entre as prostitutas e o café para quem trabalham. O trabalho, humilhante e degradante, trazia pouco dinheiro e nenhuma satisfação para os trabalhadores e para as prostitutas, que se submetiam aos interesses dos seus empregadores mas não recebiam nenhum tipo de recompensa por isso.

Vejamos outros elementos que corroboram essa relação que fiz inicialmente. O local de trabalho e de moradia das garotas é insalubre. Provavelmente esta é uma das causas da doença misteriosa que afeta Célia, mas isso é ridicularizado por Giro, que ao ver um escarro com sangue na pia do quarto fica mais preocupado com a aparência do ambiente para os clientes do que com a saúde de Célia. Aqui também pode-se perceber o juízo que Plínio Marcos faz sobre a exploração do trabalho e a relação patrões-empregados. Trata-se de uma relação desigual e degradante para os trabalhadores, que são levados ao limite de sua saúde física para o enriquecimento de seus patrões, que não se prestam nem a ajudar os seus empregados quando estes sofrem algum tipo de dano grave ou adquirem alguma doença provocada pelo trabalho – pelas condições insalubres do local de trabalho ou pelas jornadas exaustivas. Numa linguagem clássica, a reprodução da força de trabalho não é uma preocupação patronal, uma vez que Célia e outras podem ser repostas sem muita dificuldade.

Mas tudo isso tem mediações. Enquanto Célia procura organizar uma represália contra Giro, Dilma se preocupa em trabalhar para sustentar o seu filho, por quem ela alimenta a esperança de construir um futuro melhor que a vida que ela tem. O autor, ao mesmo tempo que humanizava uma categoria do lumpemproletariado que era bastante marginalizada pela sociedade, também a equiparava ao trabalhador comum, mostrando os dramas vividos pelas prostitutas e os sonhos pessoais de cada uma delas.

Dilma, carregando o fardo social de ser uma prostituta, revela ter as mesmas preocupações que qualquer outra mãe tem pelos seus filhos: Plínio retira a distância moral existente entre o trabalhador comum e a prostituta, criando na peça momentos de aproximação emocional, afetiva. A permanência de Dilma na sua profissão acontece não por causa de um desvio moral e ético dela, mas sim por causa de seu afeto maternal, e o sonho de que seu filho tenha uma vida muito melhor que a dela. A prostituição

aparece como trabalho, e o trabalho aparece, para Dilma, como um sacrifício pelo futuro de seu filho. Tal relação que Plínio procura fazer entre a prostituta e o público, num contexto que viu marchas em defesa da família tipicamente burguesa levar milhares de pessoas às ruas, tinha por si só um forte caráter contestador, ofensivo para os censores e para grande parte da sociedade. O modelo de família admitia com dificuldades o formato de mãe solteira. Menos ainda admitia uma mãe solteira e prostituta. A Dilma de Plínio foi uma antítese social desconcertante para os padrões culturais dominantes, assim como a maioria de seus personagens. Mãe solteira e prostituta não foi (e não é) um par tolerado no universo da classe trabalhadora. Esta dupla discriminação saía das sombras e era acentuada pela crítica de Plínio Marcos.

Além disso, tudo o que as garotas possuem naquele quarto é cobrado. O que elas fazem ou podem fazer é controlado e regulado por Giro. Quando ele suspeita de uma revolta das prostitutas, ele relembra com elas momentos em que ele deu algum auxílio, cobrando assim uma lealdade das suas empregadas: certa vez Dilma ficou doente e Giro acordou no meio da madrugada para cuidar dela – fato que é questionado por Célia, lembrando a ambos de que ele cobrou pelo chá que deu a enferma Dilma⁴⁹.

Tal situação sugere a ideia de que os trabalhadores na condição de Célia não dispõem de recursos para romper as relações de dominação as quais encontram-se submetidos. Em alguma medida, Plínio vê trabalhadores que protestam contra o capitalismo sem contudo terem força para enfrentá-lo numa briga séria. Talvez seja este sentimento de impotência que explica a submissão de seus personagens, razão aparente da derrota, da baixa autoestima e da linguagem agressiva que representa o *status* de sua profissão. No fundo, Plínio Marcos pensa esses trabalhadores como pessoas incompletas, cujas experiências traduzem inteiramente a exploração vivida no contexto do capitalismo, mas não conseguem organizar um revide a altura.

É um fato curioso, e destoa do restante do enredo. Uma interpretação possível reside em tomar essa cena como uma visão densa a respeito da relação da exploração sofrida pelas mulheres que se prostituíam. Parece que Plínio Marcos quer dizer que a maldade não é algo que se pratica por completo, o tempo inteiro.

Pode-se ver nessa trama uma comparação entre o cafetão, que rouba o dinheiro de suas empregadas e as ludibria com o sonho da independência, e a classe dominante. A ascensão de Giro, que deixou a vida da prostituição e comprou um quarto que agora

⁴⁹ Idem, pp. 42-43.

aluga para suas garotas, no contexto da Ditadura Militar, é também uma metáfora para o sonho da ascensão social tão difundido pelo capitalismo e pela propaganda do Estado, que procurava atrair força de trabalho para a região Sudeste do país naquele período, difundindo uma imagem de progresso e de oportunidades para todos – algo que na realidade é inconcebível na sociedade capitalista, seja qual formato ela assuma, democracia ou ditadura.

Por fim temos a figura de Osvaldo, personagem que aparece mais no segundo ato da peça. Quem é ele? O capanga de Giro, de quem todas as garotas têm medo, que tem a permissão de Giro para bater e até mesmo torturar as garotas, caso elas o desobedeçam. Sua crueldade é explorada por Plínio Marcos quase como algo doentio, sádico. Um dos momentos cruciais da peça Osvaldo quebra vários objetos do quarto das meninas com o objetivo de incriminá-las frente a Giro e obter apoio e autorização para interrogá-las. Certamente é um ato de sadismo, para causar dor e humilhar as prostitutas. Mas podemos interpretar a existência de Osvaldo como um especialista em tortura, algo ligeiramente diferente do que um capanga. A maldade de Osvaldo, que deseja bater e machucar as prostitutas, é também uma representação das práticas de interrogatório da Ditadura Militar, forjando situações que requeriam sua presença. Afinal, o ganha pão de Osvaldo era manter as prostitutas na linha, interrogando-as e torturando-as quando necessário.

O sadismo pode igualmente ser uma chave de análise importante para identificar e entender a crítica de Plínio Marcos numa escala de maior profundidade. Sentir prazer à medida que se extrai dor, sofrimento, humilhação e todo tipo de confissão, não faz de Osvaldo um simples torturador ou capanga. A descrição de Plínio choca porque, além da Ditadura, alude à sociedade e, num quase sussurro (o que lhe é estranho), diz que parte dela admite e apoia o sadismo como método para eliminar o diferente. Seria também desse tipo de sentimento que sairia outro sussurro em favor da Ditadura.

Antes de chegarmos ao ato final da peça, o interrogatório, vamos analisar aquilo que gerou a raiva de Giro contra as prostitutas. Ela provém de um desdobramento do ato de rebeldia de Célia, que em resposta tanto à exploração vivida pelas mãos do cafetão como pela recusa de Dilma de ajudá-la a matá-lo, acaba destruindo um objeto de valor econômico e simbólico do quarto: o abajur lilás. Aqui podemos analisar sob duas perspectivas esta ação. A) Célia procura convencer Dilma a se juntar a ela contra Giro, mas não obtendo a sua compreensão e companheirismo, ela quebra o abajur num sinal

de indignação para com a sua colega de profissão e martírio, mas também num ato de profunda frustração e imobilidade sentida frente a uma situação com a qual não consegue ver um horizonte de melhora: não se apresenta para ela uma alternativa as péssimas condições de vida que tem ao lado de Dilma trabalhando para Giro. B) Célia quebra o abajur no intuito de provocar alguma perda econômica a Giro, visto que o objeto é propriedade do seu “patrão”. Este ato, para além de um ataque direto ao patrimônio do cafetão, é um ato de protesto contra a condição da prostituta enquanto mercadoria, de uma mercadoria que é realçada pela luz do abajur lilás – o abajur, utensílio utilizado para produzir uma relativa iluminação no quarto da prostituta, de modo a acentuar os seus belos traços, bem como de ocultar sinais de velhice ou menos belos da garota –, pois sem este recurso a prostituta se apresentaria de maneira depreciativa e poderia ser recusada pelo cliente, o que certamente prejudicaria o cafetão.

Desse modo, a destruição do abajur significava para Célia sua redenção, mesmo que simbólica. Representava também um sinal para seu cafetão de que a exploração havia chegado ao seu limite. Pode-se ver isso ainda como uma insanidade referida na relação de forças que a envolvia com Giro. Insanidade social, transposição de valores hegemônicos que não recomendariam a insubordinação de Célia. Mais uma vez, Plínio Marcos destaca a impenetrabilidade da muralha política das ideias conservadoras.

Por outro lado, percebe-se que por meio da violência, Célia procura recuperar alguma autonomia enquanto ser humano. Seja pelo plano de assassinar Giro e tomar para si e para a sua colega Dilma o quarto, obtendo todo o lucro com os “programas”, seja pela destruição de um objeto do quarto, Plínio assinala que a violência se manifesta como ato de rebeldia por excelência para aqueles trabalhadores que sofrem, cotidianamente, a violência da exploração do trabalho. Como vimos anteriormente Plínio se utiliza da figura da prostituta para falar da exploração do capital sobre todos os trabalhadores. Assim, a luta da prostituta por meio de ações violentas é uma resposta a uma violência sofrida pelas mãos do seu explorador, o cafetão, mas também representa que no seio da classe trabalhadora a violência surge, em tempos de acirramento da luta de classes, como uma ferramenta de luta dos oprimidos. Mas é uma violência individual, cujo resultado, se vitoriosa, iria, no máximo, passar da delegacia para as páginas policiais. Plínio Marcos conhecia bem histórias como aquela. Também sabia que essa trajetória era um caminho provável, um *script* para gente pobre e discriminada

que buscava sozinha afastar-se de tudo isso. E mesmo que conseguisse, o estigma lhe acompanharia.

Chegamos ao ato final. Osvaldo chega ao quarto e vê o abajur quebrado. Com o intuito de irritar Giro e prejudicar as prostitutas, ele quebra mais objetos do quarto, provocando uma verdadeira bagunça. Giro, ao ver aquilo, fica possesso e ordena que o capanga traga as prostitutas para um interrogatório, algo que Plínio insinua na peça ser o motivo pelo qual Osvaldo fez o que fez. O interrogatório acontece para descobrir quem foi a garota que quebrou os objetos do quarto. Embora suspeite de Célia, aquela que sempre o enfrenta, Giro não se importa em ferir Dilma e Leninha, a garota recém-chegada: a primeira tem seu rosto queimado por um cigarro e um dos seus seios torcido com um alicate; a segunda é torturada num pau-de-arara improvisado por Osvaldo no quarto⁵⁰.

Os métodos utilizados por Osvaldo são os mesmos que os torturadores das forças armadas utilizaram no período da Ditadura. Embora na obra eles sejam empregados por “civis”, não resta dúvidas que tenha sido uma alegoria criada por Plínio para denunciar a barbárie das ações do DOI-Codi e do DOPS no período. A partir da violência que permeia a relação de dominação entre cafetões e prostitutas Plínio Marcos faz uma analogia com a violência das forças policiais e a exploração do trabalho no contexto da Ditadura Militar. Os personagens assim podem ser entendidos para além da sua aparente representação: as prostitutas não são só prostitutas, elas representam as situações vividas por um conjunto maior da classe trabalhadora – e o eco da expressão *Onde vamos?*, no final da peça, parece indicar a dúvida da classe trabalhadora diante da incerteza de um futuro melhor do que a realidade que se apresentava naquele momento – bem como uma crítica do autor à Ditadura Militar. Do mesmo modo isso pode se aplicar ao cafetão e ao seu parceiro de negócios: muito embora eles não sejam figuras das forças armadas, as ações perpetradas por eles são aquelas que sabemos terem sido comuns nos interrogatórios executados no período.

Giro conversa com as garotas com calma e serenidade, afirmando-se enquanto um bom patrão e amigo, que não recebe delas a consideração adequada pelo tratamento que dispensa à elas; Osvaldo, caracterizado como frio e sádico, realiza algumas das ações “clássicas” dos interrogatórios policiais do período contra as garotas, como o “pau de arara”. Por meio de Osvaldo, Giro se afirma enquanto uma boa pessoa, contrastando

⁵⁰ MARCOS, op. cit., pp. 54-57.

em seus argumentos o “bom tratamento” que ele dispensa as garotas e o castigo infligido pelo seu braço direito: porém o seu domínio e crueldade para com as três prostitutas é reafirmado por meio de Osvaldo, seja no interrogatório do fim do texto ou na simples ameaça de chamá-lo – o que ocorre no primeiro ato.

O linguajar, as ameaças e a tortura se revelam como comportamentos da polícia, e não dos sujeitos representados na obra: o cafetão e o seu braço armado. Assim, por meio disso Plínio Marcos denuncia a violência policial e do Estado militarizado do período. Não foi à toa que essa peça foi censurada e só pôde ser encenada onze anos depois, quando do recomeço do processo de abertura democrática e do enfraquecimento da censura.

Assim, numa espécie de jogo do “parece, mas não é”, Plínio Marcos recria as relações de exploração e violência do Estado vivenciados no começo da Ditadura. Utilizando-se de personagens que viviam em situação de miséria e sofrimento, Plínio Marcos caracteriza Giro, o cafetão, como o Estado-patrão que exige mais esforços dos seus trabalhadores já exaustos, na figura das prostitutas, afirmando-se enquanto um bom amigo e chefe; enquanto que Osvaldo encarna a figura do braço-armado do Estado militar, intimidando com a simples presença os empregados e impondo, pela força, os desejos do patrão aos seus subordinados.

Vemos, assim, que é bastante clara a analogia que o autor faz entre o Estado e a tortura no período da Ditadura Militar por meio dos personagens nesta peça e que essas referências se encontram com a situação de intensificação da exploração do trabalho vivido pela classe trabalhadora no período.

Vejam agora a peça *Navalha na carne*. Escrita em 1967, ela possui semelhanças com a obra *O abajur lilás*. Podemos verificar, por exemplo, a oposição entre patrão x trabalhadores: em *Navalha na carne* temos o jovem Vado, que explora Neusa Sueli, extorquindo-lhe dinheiro em troca dos seus serviços sexuais, e o vizinho do casal, o homossexual Veludo, que rouba um cigarro de maconha de Vado e sofre um interrogatório – bem menos violento mas mesmo assim fazendo alguma referência aos interrogatórios do DOPS/DOI-Codi como na peça de 1969.

Numa primeira leitura, *Navalha na carne* parecia trazer os conflitos entre vizinhos que compartilhavam das mesmas condições materiais de vida: no entanto, por meio da leitura e reflexão que *O abajur lilás* me trouxe, foi possível perceber elementos que estavam para além do texto aparentado – o subtexto – que permitiram a verificação

e compreensão de elementos comuns nas obras do autor naquele período, que denunciavam os problemas vividos pela classe trabalhadora.

As falas dos sujeitos que podemos identificar como “patrões”, os cafetões, expressam as cobranças corriqueiras por melhores rendimentos no trabalho sofrido pela classe trabalhadora e na contínua e estressante ameaça de perder o emprego e migrar para uma situação social mais penosa (sem emprego, sem casa, sem comida). Vado reclama com Neusa Sueli por ela não ter-lhe deixado nenhum “tutu”, enquanto Giro reclama dos gastos das garotas e o baixo rendimento que elas têm-lhe dado. Ambos os personagens ridicularizam seus “subordinados” e exaltam a suposta benevolência com que agem para com eles e a sorte que os mesmos possuem, procurando assim criar uma relação de dependência e um sentimento de gratidão aos trabalhadores para com seus “chefes”.

As prostitutas, trabalhadoras marginalizadas pela sociedade e marcadas por uma série de violências tidas como “comuns” da profissão são postas por Plínio como grandes representantes da classe trabalhadora. Seus estigmas, o seu sofrimento e os seus sonhos são postos no mesmo patamar dos da classe trabalhadora. Assim Plínio não só está fazendo uma crítica aos problemas sociais vividos pelos trabalhadores, como também está humanizando um extrato do lumpem que sofre um profundo estigma dentro da própria classe trabalhadora.

2.3- Sobre homens e mulheres que sobrevivem dos restos da sociedade

Homens de papel é uma das muitas peças de Plínio que foram censuradas no final da década de 1960. Produzida em 1967, ela conta a história de um grupo de catadores e a difícil relação que mantém com o encarregado da fábrica de reciclagem que compra o produto recolhido pelo grupo. Na época em que foi escrita havia um pequeno número de catadores de lixo nas grandes cidades como São Paulo, o cenário da peça, e o principal material recolhido por eles era o papelão. Segundo o próprio Plínio Marcos, comentando sobre a criação da peça, *Homens de papel* apresenta a questão da exploração do capitalismo sobre a classe trabalhadora, a partir das vivências dos catadores:

Bom, os homens de papel, eles se reúnem na cidade. Eles se reuniam perto de um jornal que eu trabalhava, que era o *Diário*, paravam também perto da minha casa quando eu morava ali na General Jardim

e eu via eles e aquelas coisas todas. Mas é uma peça onde mostra sobretudo o problema da mais valia, né? E essa eu conheço bem.⁵¹

Como em outros dos seus trabalhos, entendo que Plínio procurava criar discussões amplas sobre a exploração do capital e as desigualdades sociais a partir das suas peças, sem com isso perder de vista o retrato da realidade da categoria do lumpemproletariado escolhida por ele. Assim, *Homens de papel* pode ser considerada uma peça que fala sobre a violência e a exploração do trabalho tanto quanto sobre as condições de vida dos catadores de lixo.

Marlene Durigan e Wagner Enedino complementam esta reflexão ao analisar o título da obra.

O título, ambíguo, suscita, primeiramente, a metáfora de personagem de ficção, mas a leitura do texto demonstra que se trata da discussão do perfil de uma parcela da população brasileira. Metonimicamente, reduz-se o ser à sua função e fragilidade: os homens são “papel”: vendem-se, descartam-se, dissolvem-se, são, portanto, vistas como simples mercadoria. Nessa ambiguidade, propõe-se, por um lado, a discussão da desumanização do brasileiro submetido a um trabalho desqualificador e a um patrão que traz “a razão pendurada na barriga” (uma arma); por outro, o trazer para a cena os efeitos do sistema político-econômico do país, em que o peso acusado pela balança só é arredondado para menos quando se trata do “empregado”. Representa-se, ali, o sistema capitalista, que, à medida que aperfeiçoa o processo de obtenção de lucro, estabelece novos valores sociais – mas não humanos.⁵²

Os catadores fazem parte do lumpemproletariado, trabalham arduamente, perambulando pelos bairros, remexendo no lixo em busca do seu ganha pão. Nesta peça eles são eleitos por Plínio para retratar a situação vivida por toda a classe trabalhadora, que é submetida a uma dura realidade socioeconômica pelo Estado, em prol do desenvolvimento econômico do país – o chamado Milagre Econômico – e mesmo quando este já está se desenvolvendo os trabalhadores não colhem nenhum dos seus frutos doces, mas apenas amargam as duras consequências do progresso. Como a exploração do trabalho, aspecto violento da dominação de classe, é explorado pelo autor na peça, é o que eu vou problematizar no decorrer deste subitem.

⁵¹ Entrevista concedida por Plínio Marcos a Cláudia Alencar e Carlos Eugênio Marcondes de Moura, em 23 de fevereiro de 1978, p. 7.

⁵² DURIGAN, Marlene; ENEDINO, Wagner Corsino. **Plínio Marcos e a marginalização social: dos *homens de papel* ao papel do homem.** Visto em <discursividade.cepad.net.br>, acessado em 19/11/2014.

Em *Homens de papel* temos nove catadores sendo explorados por Berrão, o encarregado da fábrica de reciclagem que compra o material recolhido pelo grupo. Berrão, um dos personagens com mais falas na peça, se utiliza da intimidação e do poder que tem sobre o grupo de catadores para oprimi-los e tirar vantagens. Disposto de uma arma, que deixa à vista de todos, rouba na pesagem dos sacos de lixo e ameaça, com berros, palavrões e tapas, aqueles que questionam a sua autoridade. Fora tudo isso ele aparece explorando sexualmente as catadoras que fazem parte do grupo, coagindo-as em troca de pequenos favores.

Marlene Durigan e Wagner Enegido fazem importantes reflexões acerca dos nomes dos personagens da peça. Vejamos o que eles dizem sobre Berrão:

Apresentado no masculino aumentativo, Berrão consegue o controle dos catadores por meio de seus berros (seu nome o representa: “o que ganha no grito”), que entram em consonância com aspectos de exploração garantida pela força física e pela “razão pendurada na cintura”. Outro dado é a virilidade que a personagem representa na peça, uma vez que também explora sexualmente as mulheres (às vezes coniventes) dos catadores de papel.⁵³

Existe uma intrínseca relação entre o nome do personagem e o modo como ele é apresentado na peça. Muito embora essa análise possa ser feita com os demais personagens da obra, com Berrão, como o próprio nome já diz, essa relação se torna gritante. O personagem, embora seja um trabalhador, comporta-se com distinção e autoridade perante os demais, impondo pela força e pelo poder econômico o seu domínio sob a situação e a vida dos catadores. Quando encurralado, ameaça deixar de comprar os sacos trazidos pelo grupo, pois sabe que é forte a relação de dependência que os catadores mantêm com ele, cujo pouco dinheiro que conseguem pela venda do lixo recolhido é a única fonte de renda que possuem.

A exploração sofrida pelos catadores vai além do roubo na balança. A exploração sexual das catadoras, que são casadas com colegas do grupo de trabalho, serve como gatilho para a organização de uma represália do grupo contra Berrão. Chicão é um dos catadores que procura fomentar uma rebelião e organizar o grupo contra o seu explorador, encarnado na figura de Berrão como dito anteriormente. Se valendo do fato de Berrão estar tendo relações sexuais com Maria-Vai, esposa de Tião, Chicão reúne todos para combinarem uma “paralisação”, colocando Tião como líder:

⁵³ Idem.

Chicão: O Tião acha que a gente tem que dar um arrocho no Berrão.
 Tião: Eu, não! Tu que acha.
 Chicão: O filho-da-puta anda metendo a mão na gente, sem dó. Rouba pra valer.
 (Pausa)
 Bichado: Continua.
 Chicão: O Tião acha que se a gente não catar nada por uns dias, ele sente o aroma da perpétua e daí manera.
 Tião: Eu não acho porra nenhuma. Isso é ideia tua!
 Jiló: Se todos toparem, eu pago pra ver.
 Chicão: Só dá certo se ninguém mijar fora do penico.
 Poquinha: Quem furar a chapa ganha divisa.
 Chicão: Mas aí a gente apaga o miserável.
 Bichado: Há muito que esse Berrão precisava de uma entortada.
 Tião: Por isso que eu bolei o azar.
 (...)
 Poquinha: O Berrão vai se estrepar!
 Noca: Vai entrar bem!
 Bichado: Vai gastar gasolina à-toa!
 Pelado: Não leva um saco daqui hoje.
 (...)
 Chicão: O Berrão caiu do burro!
 Todos: O Berrão não é mais aquele/Pau na bunda dele.⁵⁴

Chicão é um personagem emblemático na peça. Ele contesta a dura realidade social apresentada na peça. Desde o início da obra ele expressa profunda indignação e descontentamento com a situação vivida por todos os catadores, discutindo com Berrão por isso. No final da peça ele chega até mesmo a sofrer agressões físicas de Berrão em nome de seus ideais e da luta pelo grupo. Contudo sua posição é bastante ambígua na obra, e nesta passagem em específico Plínio deixa a sua coragem em questionamento, visto que ele mente para o grupo sobre o plano ser de Tião, quando na realidade é seu. Sua coragem, expressa nos momentos em que enfrenta Berrão, surge neste trecho de maneira envergonhada, visto que ele manipula a situação a fim de convencer os demais. Neste trecho Plínio Marcos parece indicar que mesmo o catador mais militante do grupo não consegue se desvencilhar da sua condição de lumpemproletariado, que o coloca à sombra de Tião, figura naquele momento mais capacitada para inspirar e organizar o grupo do que ele.

A cena expressa um momento de revolta dos catadores, que aos poucos entram em consenso e estabelecem uma aliança para prejudicar Berrão. A interpretação deles parece-me clara: a melhor forma de revidar é prejudicando Berrão economicamente,

⁵⁴ MARCOS, Plínio. **Homens de papel**. São Paulo, SP: Parma, 1978, pp. 55-56.

diminuindo e até paralisando de uma só vez a coleta de material reciclável, forçando-o a assumir uma postura mais flexível e “justa” perante seus funcionários. Plínio indica aqui a importância da luta coletiva e a organização dos trabalhadores, e que a melhor maneira de revidar contra as injustiças sofridas e conseguir melhores condições de trabalho é por meio da greve, arma importante da classe trabalhadora que trouxe grandes vitórias no passado, e que por isso mesmo foi amplamente atacada pelo Estado militar durante a Ditadura.

Nota-se também a relutância de Tião em assumir participação no projeto, mas que muda diante do apoio de seus companheiros, que compartilham a raiva e a indignação contra os mandos e desmandos de Berrão. Contraditoriamente, é a sua situação e o seu nome que levam os outros a assumirem uma posição frente a situação de miséria e violência em que vivem. Sua postura em parte é compreensível, diante da possibilidade de perder o único trabalho que possui e até mesmo da ameaça contra a sua vida, mas não se pode negar que Plínio esteja criticando a relutância de alguns trabalhadores que, mesmo em situação de extrema exploração, recusam-se em participar da luta contra os seus exploradores. O próprio Plínio colocou a sua sobrevivência em segundo plano, favorecendo sempre a sua militância por meio da sua escrita engajada. O fato de Tião estar sendo traído pela esposa por culpa de Berrão é um agravante na situação criada por Plínio, o que deveria fazê-lo mais do que qualquer um do grupo querer se vingar, e não relutar em participar do plano. Mesmo vivendo uma situação em que a dominação se apresenta de várias maneiras bastante violenta, seja pela ameaça de perder o trabalho e a única fonte de renda, a miséria, o salário baixo e o trabalho duro, a coerção física e psicológica – apanhar ou ser morto aparecem como possibilidades na vida daqueles sujeitos – e mesmo a perda da masculinidade – por meio da exploração sexual da esposa, e do conhecimento de todos do fato – ainda sim havia relutância em Tião.

Durante a festa que fazem à noite todos expressam o seu ódio contra Berrão. Diante da ameaça de perder o emprego e a intimidação sofrida os trabalhadores dissimulam respeito e lealdade a Berrão. Mas quando este não está presente os catadores maldizem-no e vociferam xingamentos e maldições. Plínio Marcos indica a consciência de classe dos trabalhadores, mais especificamente do lumpemproletariado, que se mantém oculta mas viva nos momentos de recrudescimento da luta de classes, como o foi no momento da Ditadura Militar. Enquanto que um ou outro catador enfrenta e questiona

Berrão, os demais parecem aceitar os seus desmandos e até defendem-no. Até este ponto o leitor poderia acreditar que os catadores aceitavam todas as condições da sua relação com Berrão, mas quando este sai de cena o que é apresentado ao espectador é uma série de xingamentos dos catadores contra ele, que expressam o que podemos chamar de consciência de classe. Mesmo Maria-Vai, que está traindo seu marido com Berrão, revela o seu nojo perante aquele sujeito, o que mostra o quanto ela dissimula lealdade e carinho quando está junto de Berrão, apenas com o objetivo de criar uma relação com a empresa a fim de poder ela mesmo vender o seu material lá ou, quem sabe, conseguir um emprego e uma melhor posição naquela situação.

Se Chicão e Tião, dois personagens masculinos, assumem posições ambíguas e confusas, isso não podemos dizer de duas das personagens femininas da obra. Maria-Vai e Nhanha são duas catadoras que assumem importantes e antagônicos papéis na peça. Vejamos duas reflexões de Maria-Vai durante a festa:

Maria-Vai: Um fogo nunca matou ninguém. Nós, todas as noites, enchemos a cara de cachaça. É o jeito. A vida é uma merda mesmo. Só com cachaça a gente escora.

Maria-Vai: Ninguém está com a ganância pega. Nós sabe das coisas. Com trabalho ninguém se ajeita nessa merda de vida. Pra que dar duro? Pro Berrão ficar mais rico? Aqui, ó! (Faz gesto.)⁵⁵

Maria-Vai, esposa de Tião, demonstra nesses trechos uma profunda compreensão sobre as relações de produção. Entende que todo o lucro gerado pelo trabalho dos catadores vai parar nas mãos de Berrão e da empresa de reciclagem e que, portanto, não adianta para eles se esforçarem mais para recolher uma quantidade maior de material, porque o fruto deste árduo trabalho não vai se transformar em maior lucro para os catadores, até mesmo porque eles são roubados durante a pesagem.

Em praticamente todo o primeiro ato os catadores apresentam um comportamento submisso. No segundo ato eles demonstram que sabem muito bem sobre a situação em que vivem. Plínio indica aqui que mesmo o trabalhador mais miserável e explorado compreende, mesmo que de maneira limitada, a relação de forças e a situação de exploração em que está submetido, e que a partir dela estabelece formas de resistência e estratégias de sobrevivência.

⁵⁵ Idem, pp. 43-44.

Com isso é possível perceber que, diante da relação de forças posta, os catadores analisam a sua situação e escolhem os momentos apropriados para revidar. Isso fica claro quando ficamos sabendo do combinado entre os catadores, que avisam o casal recém-chegado, Frido e Nhanha, de que eles não trabalham pela manhã:

Frido: De manhã não dá?

Chicão: Sempre dá.

Nhanha: Então a gente vai.

Chicão: Vai, o cacete!

Frido: O que o senhor quis dizer?

Chicão: Que de manhã ninguém sai catando porra nenhuma!

Frido: E por que não?

Chicão: Porque eu não vou deixar. E pra seu governo, é bom não se escamar comigo. Sei o que faço. Se tu sai cedo, vai pegar uns dez sacos. Aí, o Berrão vai querer que a gente pegue igual a tu.⁵⁶

Neste trecho Chicão explica a Frido sobre o acordo entre os catadores de não trabalharem pela manhã. Sua fala é complementada pela de Maria-Vai, que de manhã explica a recém chegada Nhanha, esposa de Frido, que os catadores não trabalham de manhã cedo, apenas à tarde: no período matutino eles descansam e recobram as forças para o trabalho da tarde. Num pacto estabelecido entre os catadores, eles só trabalham de tarde e recolhem um peso determinado para que Berrão não cobre deles maior desempenho e não descubra a artimanha que eles estabeleceram. Assim cada um consegue ganhar o suficiente para se manter, de acordo com o padrão de vida do grupo, e ainda tem tempo para poder descansar e fazer quaisquer outras atividades que desejarem.

Assim podemos fazer uma relação entre Chicão e Maria-Vai. Ambos possuem consciência da situação em que vivem e, de certo modo, mobilizam o grupo. Por um lado Chicão procura organizar o grupo numa represália a Berrão, enquanto Maria-Vai trabalha para tentar uma reviravolta individual no comando do mesmo. Chicão se acovarda e apresenta Tião como o líder da greve, e intimida Frido sobre a questão de trabalhar pela manhã. Maria-Vai dissimula respeito e carinho por Berrão quanto este está por perto, mas na convivência com os catadores ela demonstra um verdadeiro ódio pela sua figura, e se posiciona firme com relação à greve, mais convicta que seu próprio marido Tião. Ao invés de agredir e tentar impor o pacto aos catadores novos, ela conversa e explica para Nhanha os motivos deles não saírem cedo para trabalhar. Com

⁵⁶ Ibidem, p. 45-47.

esses dois personagens Plínio está indicando modos distintos de militância e luta política, o que pode ser compreendido como mais uma crítica aos grupos políticos de esquerda do período. Ao mesmo tempo o autor revela traços de uma consciência de classe presente num estrato da classe trabalhadora que era ignorada pelas esquerdas brasileiras. De maneira complementar a crítica anterior, Plínio está indicando a presença de uma consciência rebelde dentro do lumpemproletariado, que pode se desenvolver num enfrentamento maior contra a classe dominante.

Ironicamente Frido se mantém ao lado do grupo enquanto que Nhanha desobedece e vai trabalhar. Contudo só é possível compreender essa situação ao analisarmos o papel que Nhanha desempenha na peça como um todo. Recém chegada do Nordeste com o marido, tendo uma filha pequena doente, Nhanha procura ganhar dinheiro a fim de pagar um médico para tratar da criança. Mesmo recebendo o alerta das companheiras de trabalho sobre o péssimo atendimento nos hospitais na cidade, Nhanha mantém-se fiel ao objetivo que a trouxe para São Paulo, não se importando com os interesses do grupo de catadores que agora ela faz parte:

Nhanha: Espera! (Pausa) Eu estou com a minha filha. Com ela que estou. Vim aqui pra ganhar dinheiro pra levar ela no doutor. E vou ganhar. Quer queiram, quer não. Foi só pra isso que vim aqui pra essa lasqueira dessa terra. **Não tenho nada com a vida dos outros. Quero que cada um amargue seu jiló. Mas, de mim e da Gá sei eu. Se todos aqui são uns vagabundos, eu não sou. Já perdi o dia, não vou perder a noite. Vou catar papel. Pela minha menina. Ela precisa.**⁵⁷

Plínio Marcos evoca o aspecto miserável e desesperador do lumpemproletariado. As dificuldades sofridas por eles dificultam a sua organização política. Nhanha, recém-chegada ao grupo, não compartilha de laços afetivos com os companheiros e se nega a participar da greve contra Berrão. Desconhecendo a relação de exploração entre os catadores e Berrão, e tendo como único objetivo ajudar sua filha, Nhanha mantém-se firme em suas convicções e cria um clima de tensão no grupo, o que corrobora para a desmobilização dos catadores.

Pobre, ela e o marido, com uma filha doente, sem condições dignas de trabalho, acostumada com o descaso do Estado para com a sua condição, e tendo que lidar sozinha com os seus problemas, Nhanha se recusa em colocar num segundo plano o seu

⁵⁷ Ibidem, p. 57, grifos meus.

objetivo e aceitar aquilo que seus colegas lhe dizem que é correto. A grande verdade que ela se agarra é na possibilidade de conseguir o que deseja por meio do suor do seu trabalho. Nhanha contrapõe-se aos catadores, que ela nomeia pelo substantivo “vagabundos”, fazendo assim um julgamento moral da proposta de greve dos catadores, algo que se aproxima do discurso dominante sobre essa forma de luta da classe trabalhadora.

Plínio Marcos mostra posições distintas dentro do lumpemproletariado nesta peça, em que temos aqueles que tentam organizar, em meio a muitas dificuldades, o grupo em prol de objetivos sociais coletivos, como Chicão e Maria-Vai, e aqueles que se contrapõem ao interesses do grupo em nome de seus próprios interesses, como Nhanha e seu marido – que acaba seguindo a esposa para o trabalho. Nhanha, embora seja uma catadora, se coloca como diferente dos demais colegas de trabalho. Sua condição parece ser temporária, ou pelo menos é o desejo dela, pois Nhanha só virou catadora para poder dar um tratamento melhor para a filha. Ela se vê como uma trabalhadora, que não teme o serviço mesmo que ele seja pesado. Assim ela se diferencia dos demais, caracterizados por ela como vagabundos, e se agarra ao sentimento maternal para seguir em frente com seus planos.

Plínio reserva ainda um papel especial para Nhanha, em que a sua força vai se dirigir contra Berrão e não mais aos catadores. Uma tragédia leva a vida de sua filha, enquanto ela e a maioria dos catadores estavam trabalhando. Para ela, depois da morte de Gá, a única coisa que resta a fazer é pegar o dinheiro pelo material recolhido e fazer um funeral para a filha, mas Berrão e os catadores brigam e ele decide não pagar ninguém. Neste ponto é que Nhanha enfrenta todo o poder de Berrão, não se importando com a arma que ele carrega ou com a sua própria vida:

Nhanha: É melhor o senhor dá o dinheiro do enterro. Esse gosto o senhor não tira da Gá.

Berrão: (Puxa o revólver) Sabe o que é isso?

Nhanha: Bela merda!

(Todos rodeiam o Berrão)

Berrão: Que é que há? Eu mando um pra glória.

Nhanha: A gente sabe que se tu tiver coragem, tu desgraça um. Mas a gente é uma porrada. Quem ficar te pega.⁵⁸

O conflito entre Nhanha e Berrão envolve todo o grupo, que participa porque não gosta dele e porque se sensibilizam com a situação da mãe que acabara de perder a

⁵⁸ Ibidem, p. 85.

filha. Neste momento Nhanha, que não reconhecia os companheiros, se vê como parte integrante do grupo e fala em nome deles contra Berrão. Com todos ao redor dos dois, ela ridiculariza o revólver de Berrão e mostra a superioridade do grupo, que facilmente poderia vencê-lo.

A tensão aumenta e Nhanha, percebendo a vantagem, avança para Berrão, colocando-se ainda mais sob a mira de sua arma, demonstrando que não teme nem um pouco pela sua vida, mas que tudo o que ela quer é receber pelo que trabalhou:

Nhanha: Tu é que está louco de medo. Atira! Tem medo, seu puto? Então dá o dinheiro! (Pausa) Anda, dá a grana, ou atira! Atira! **Tu me mata. E daí? Estou cagando um monte desse tamanho pra morrer. Já morri um cacetão de vezes, tá bom? Morri de fome, morri de frio, morri de medo, morri de ver a minha cria morrer.** E agora chegou a tua vez. Atira! Atira! Anda, atira! Mas, tu não escapa. Gasta a tua verdade aqui no meu peito. Anda! Daí, eles te pegam e te azaram. Esta é a hora de acertar as contas. Quem tiver se danado mais está com a razão. E não vai ter canhão pra mudar o resultado. Anda, atira! Atira! (Nhanha anda lentamente, avançando sobre Berrão, que está apavorado).⁵⁹

Destaquei um trecho pois ele sintetiza a compreensão de Nhanha de todas as violências que ela já passou e ainda passa. A miséria, traduzida como várias facetas da morte pela fala de Nhanha, é a violência pela qual não só ela mas os demais personagens, o lumpemproletariado, estão submetidos cotidianamente. É das condições precárias de vida, da intensa exploração do trabalho, da fome, que emerge uma coragem sem limites na personagem, e que na passagem anterior quando da organização da greve também surge nas falas dos personagens. A compreensão das mazelas da vida se transforma em ódio contra o explorador e, no caso da greve, quase em ação. Com Nhanha o estopim foi a morte de Gá e a recusa do pagamento por Berrão, o que ela considerou injusto visto que ela cumpriu o combinado com ele. É algo que Plínio sublinha com especial interesse.

Em uma passagem anterior, quando Tião e Nhanha estão discutindo sobre a greve, ela sugere a violência como único meio de subverter a ordem a favor dos trabalhadores. Vejamos o diálogo:

Tião: Aí é que tá o nó! Se ele mete a mão na tua grana, tua filha se estrepa. E tu vai reclamar sozinha? (Pausa) Quero ver tu sair dessa. Vai ficar calada? É, tu sabe o que a gente queria dizer.

⁵⁹ Ibidem, p. 86, grifos meus.

Nhanha: Se alguém me roubar e roubar a Gá, eu juro por essa luz que me alumia, eu mato o desgraçado filho-da-puta. E quando digo que mato, é que mato mesmo. (Pausa) Assim é que tem que ser. Se um cabra sem jeito aporrinha a vida da gente, não adianta ficar cozinhando o galo, não. Porque ele vai ser sempre sacana. O negócio é aqui, no pau. Acabar com o cara pra sempre. Conversa de parar pra ver a vida passar é pra cara de vida à-toa. Cara de cabeça fresca. Os que têm a peste pra atormentar sabem que papo não serve pra nada. Diferença se tira é de pau. (Pausa) Se alguém entrava a vida de Gá, eu mato. Tá jurado pra todos. (Pausa) Mas eu não paro de trabalhar.⁶⁰

Neste diálogo Nhanha deixa claro que age conforme os seus princípios e que não se deixará dobrar pela vontade do grupo ou a de Berrão. Tião tenta convencê-la, lembrando-a de que Berrão rouba de todo mundo, e que assim ele estaria prejudicando Nhanha de cuidar de sua filha. Ela mantém-se impassível, indicando que caso ele faça isso ela vai matá-lo. Diante das dificuldades que enfrenta, das violências que suporta dia-a-dia, Nhanha fala que a única solução para o problema da relação entre os catadores e Berrão é matá-lo. Imbuída do ideal que valoriza o trabalho duro e honesto, ela termina a frase dizendo que não vai parar de trabalhar, logo depois de afirmar que mataria qualquer um que se colocasse no seu caminho e na sobrevivência da sua filha.

Partindo disso Nhanha enfrenta Berrão no final da peça. Plínio Marcos insinua, na voz belicosa e corajosa de Nhanha, a rebelião dos oprimidos contra a exploração social. Nhanha compartilha das mesmas condições de vida, e dialoga com isso para pressionar Berrão. No entanto, assim que ela consegue o dinheiro de Berrão a sua rebeldia cessa e ela se volta para o funeral da filha. O restante dos catadores, agora desmobilizados e sem coragem para seguir em frente com as reivindicações por melhores condições de trabalho, voltam à posição de subalternos.

Curiosamente seria só isso se o ponto de vista partisse de uma reação coletiva, ou de sua possibilidade. Noutra direção, Nhanha viu-se vazia de sentido, pois perdera a pessoa que a animara a migrar para São Paulo e lutar dia-a-dia pelo sustento da família e atenção médica para a filha. Não havia porque continuar. A esperança havia cedido à dor. Nessa condição, Nhanha poderia tornar-se cínica na negociação com Berrão e receber o dinheiro que este lhe oferecera para o enterro da filha. O caráter de Nhanha, fundado na nobre defesa de sua criança, se esvaiu mortificado. Não havia vontade nenhuma, senão um vazio que, aos poucos, sem que Plínio nos autorize, preencheu-se de angústia, ressentimento, raiva, cinismo.

⁶⁰ Ibidem, p. 70.

Se por um momento Nhanha conseguiu o que nenhum outro catador havia conseguido, uni-los contra Berrão numa atitude de enfrentamento claro, isso acaba com o cessar da sua voz. Sem o seu comando os demais, mesmo sendo maioria e tendo escutado suas palavras sobre a superioridade do grupo contra o seu explorador, deixam que novamente Berrão, aquele que grita para dar as ordens, retome o controle da situação.

Durigan e Enedino analisam que o grupo de catadores não possui força e união suficientes, e que Nhanha, assim que consegue o que quer, se vende a Berrão e a sua autoridade, deixando de questioná-lo e assumindo uma posição subalterna, até mesmo de mercadoria:

Não se pode afirmar, no entanto, que o grupo de catadores de papel mantenha um comportamento de união, haja vista que não conseguem pôr em prática o plano sugerido por Chicão. Ademais, quem “rouba a cena” é Nhanha, que luta por interesses individuais, em detrimento da coletividade, parecendo representar o homem que assimilou a ideologia capitalista e as condições de manutenção do sistema. Após o falecimento da filha, ela se rende, conforme informações contidas nas didascálias, à lógica do capitalismo, atingindo por completo a categoria de mercadoria descartável (...) ⁶¹

Não concordo plenamente com esta afirmação. Existe uma união entre os trabalhadores da peça até o momento da chegada de Nhanha, Frido e Gá. Até a chegada dos novos personagens o grupo, que se conhece há bastante tempo, compartilha das mesmas opiniões, da mesma realidade de exploração e das mesmas formas de resistência. Existem acordos entre eles que funcionam como formas de resistência à exploração, seja a dissimulação na frente de Berrão, o pacto de não trabalhar pela manhã e de ninguém recolher uma quantia muito superior aos demais. Esses acordos não extinguem os problemas sociais que enfrentam, mas os amenizam. Não encerram a luta de classes, a autoridade de Berrão, mas se utilizam dela ao seu favor. Os catadores enganam Berrão pela bajulação. Por vezes criam situações de tensão que, confiantes, acreditam não acentuar a miséria do grupo. Isso muda com a chegada da família, principalmente pela intransigência de Nhanha. Nhanha poderia revelar, com a sua recusa em colaborar com a greve e os acordos entre os catadores, todo o esquema de luta do grupo, o que certamente geraria represálias por parte de Berrão.

⁶¹ DURIGAN, ENEDINO, op. cit., pp. 18-19.

Os catadores chegam até mesmo a planejar uma revolta que não funciona, não por causa de uma falta de união entre o grupo original, mas por causa dos novos integrantes que se recusam, sob o comando de Nhanha, a lutar juntos contra Berrão.

De todo modo o que Plínio Marcos mostra é que é difícil para trabalhadores que vivem na extrema pobreza manterem valores de solidariedade acima da própria sobrevivência. Suas relações podem parecer por vezes contraditórias. São homens e mulheres imperfeitos. Mas o ponto fundamental em Plínio Marcos é a denúncia da extrema miséria que parte significativa dos trabalhadores passava no contexto da Ditadura Militar, principalmente no período do chamado “milagre econômico”. É justamente no momento em que a economia brasileira vai dar saltos de crescimento, que uma parcela da classe trabalhadora vai amargurar no aumento da pobreza. Assim como Marx indicou, o aumento da acumulação de riquezas acontece em conjunto com o aumento da acumulação de miséria. E os sujeitos mais explorados e miseráveis da classe trabalhadora são o lumpemproletariado. E é para esta camada de trabalhadores que Plínio dirige a sua literatura.

2.4- Considerações sobre o lumpemproletariado em Plínio Marcos

Podemos verificar elementos semelhantes nas obras de Plínio Marcos analisadas neste capítulo, como por exemplo a oposição entre patrão x trabalhadores. Em *Navalha na carne* temos o jovem Vado, que explora Neusa Sueli, extorquindo-lhe dinheiro em troca dos seus serviços sexuais. Plínio se utiliza da relação entre cafetão e prostituta para discutir a exploração do capital no período da Ditadura Militar. Uma cena parecida com o interrogatório do *Abajur lilás* também acontece nesta peça: o sumiço do dinheiro do programa de Neusa Sueli leva a suspeita de que Veludo, vizinho deles, tenha-lhes roubado; com isso Vado tortura Veludo a fim de confirmar a sua suspeita e recuperar o dinheiro – o que de fato não acontece.

As três peças, produzidas ao longo das promulgações dos Atos Institucionais, da repressão às formas de organização dos trabalhadores, da perseguição àqueles identificados como líderes dos sindicatos e associações de trabalhadores e do recrudescimento da situação socioeconômica da classe trabalhadora, trazem em si mais do que passagens de coação por meio da violência explícita ou implícita – seja o interrogatório sofrido por Veludo ou a arma na cintura de Berrão – mas principalmente trechos que destacam a exploração do trabalho e do aumento da miséria na vida dos

trabalhadores. Numa primeira leitura, *Navalha na carne* parecia trazer os conflitos entre vizinhos que compartilhavam das mesmas condições materiais de vida: no entanto, por meio da leitura e reflexão que *O abajur lilás* nos trouxe, foi possível perceber elementos que estavam para além do texto – o subtexto – que permitiram a verificação e compreensão de elementos comuns nas obras do autor naquele período, que denunciavam os problemas vividos pela classe trabalhadora.

As falas dos sujeitos que podemos identificar como “patrões” nas narrativas expressam as cobranças corriqueiras por melhores rendimentos no trabalho sofrido pela classe trabalhadora e na contínua e estressante ameaça de perder o emprego e migrar para uma situação social mais penosa (sem emprego, sem casa, sem comida), que tanto as prostitutas como os catadores ouvem constantemente de seus “patrões”. Enquanto Berrão reclama dos “poucos” quilos apreendidos pelos catadores, Vado reclama com Neusa Sueli por ela não ter-lhe deixado nenhum “tutu” (dinheiro). Ambos os personagens ridicularizam seus “subordinados” e exaltam a suposta benevolência com que agem para com eles e a sorte que os mesmos possuem, procurando assim criar uma relação de dependência e um sentimento de gratidão aos trabalhadores para com seus “chefes”.

A pobreza, a fome, a violência sofrida cotidianamente e a exploração do trabalho são expressas direta e indiretamente nas peças de Plínio Marcos. Vimos que o autor constrói seus personagens de modo que eles transcendam a própria representação direta: o cafetão não traz em si somente elementos de um cafetão da sociedade daquele período, mas também características que o remetem ao próprio Estado e à classe dominante. Do mesmo modo as prostitutas e os catadores em suas peças acabam representando as condições de vida de toda a classe trabalhadora.

A violência na exploração do trabalho e na repressão às formas de resistência são trabalhadas pelo autor ao longo das obras, de maneira a escancarar a extrema pobreza em que vivia o lumpemproletariado, grupo social pelo qual Plínio sentia grande empatia, mas também para fazer uma crítica social àquele período. Se a vida desses sujeitos era regulada pela violência cotidiana, que forma de resistência poderia brotar deste meio? Sem sindicatos organizados ou grupos políticos com os quais eles pudessem dialogar e organizar formas de luta, a única forma de rebeldia possível se dava por meio da violência. Assim a violência do lumpemproletariado surgiu como uma

resposta possível à violência que eles sofriam pelas mãos dos seus opressores, a classe dominante e os militares.

Capítulo 3- Roniwalter Jatobá e os aleijados pelo desenvolvimento capitalista

Escrevo com o que sou. Sou o que há de mim, apenas.

3.1- Um operário que virou escritor

Roniwalter Jatobá nasceu em 22 de julho de 1949 na cidade de Campanário em Minas Gerais. Seus pais eram baianos e ainda pequeno, com dez anos de idade, Roniwalter foi com sua família para a cidade de Campo Formoso, na Bahia. Sua família era humilde: seu pai tinha um velho caminhão, e era com essa ferramenta de trabalho que ele sustentava a família. Anos mais tarde Roniwalter também viraria caminhoneiro. Essa experiência vivida com a família fixou em sua memória preocupações com a exploração do trabalho e o deslocamento de trabalhadores.⁶²

Roniwalter teve uma infância um pouco distinta para um filho de trabalhadores pobres. Aprendeu a ler e a escrever ainda pequeno, e desenvolveu uma enorme paixão pela leitura. Na biblioteca de Campo Formoso teve contato com autores consagrados na literatura, tais como Dostoievski e Kafka. Conforme foi crescendo Roniwalter desenvolveu um enorme apreço pela literatura brasileira, principalmente por Graciliano Ramos. A obra *Vidas secas* influenciou o seu trabalho enquanto escritor, e a partir disso ele procurou escrever sobre a vida de trabalhadores migrantes como ele e a sua família.

Em 1970 Roniwalter serviu o exército, e depois disso foi para São Paulo. Como muitos trabalhadores que estavam migrando do Nordeste em busca de trabalho, Roniwalter virou operário na Karmann-Ghia, uma indústria automobilística que se localizava na importante região industrial do ABC Paulista. Durante dois anos trabalhou nessa indústria, enquanto morava num bairro operário que tinha uma indústria química, a Nitroquímica, em São Miguel Paulista. Este período provocou tamanho impacto na vida deste escritor que ele lançou muitas obras sobre a vida dos trabalhadores migrantes que ocuparam as vagas nas indústrias de São Paulo. De sua enorme produção selecionei três obras produzidas no período da Ditadura Militar, que são: *Sabor de Química* (1977), *Crônicas da vida operária* (1978) e *Filhos do medo* (1979).

⁶² Parte das informações biográficas do autor foram retiradas do seguinte site: <http://roniwalterjatoba.br.tripod.com/bio.html>, acessado em 20/03/2014. Outros dados foram retirados dos textos introdutórios das obras aqui analisadas.

Nesses três escritos ele fundiu a questão da migração e da exploração dos trabalhadores durante a Ditadura Militar. Essa temporalidade, ligada a sua experiência de operário, se relaciona igualmente aos impactos das políticas do regime militar sobre os trabalhadores formalizados no mercado de trabalho. De modo diferente, a narrativa de situações reais feita por Jatobá igualam esses operários (na sua linguagem) ao lumpemproletariado de Plínio Marcos. Curiosa questão.

É importante ressaltar que após 1972 Roniwalter começou a trabalhar na Editora Abril, e devido a essa experiência ele adquiriu uma paixão pela escrita e pela investigação jornalística, tanto que se formou em jornalismo e passou a trabalhar como tal a partir de 1978.

Outro elemento interessante da vida de Roniwalter é que grande parte da sua produção literária se dirige ao período da Ditadura Militar. Várias críticas aos ditadores e aos militares, além de importantes reflexões sobre as dinâmicas da produção e a vida dos trabalhadores que sofreram com as medidas socioeconômicas do período.

Roniwalter Jatobá é considerado até os dias de hoje um autor importante no que concerne a um tipo de literatura que tem como destaque a vida dos operários. A sua produção, embora não tenha sido ainda investigada com a devida atenção pelos historiadores, é de grande valia para os estudos que se dirigem para o período da Ditadura Militar e um importante vestígio histórico sobre as mudanças nas condições do trabalho e o crescimento desorganizado dos centros urbanos neste período. Além do ambiente de trabalho Roniwalter traz em suas obras aspectos da vida cotidiana dos trabalhadores, a formação de uma juventude operária e a destruição de laços de convivência e aspectos culturais dos migrantes que vieram para São Paulo.

A epígrafe do início deste capítulo é a reprodução de uma fala do próprio Roniwalter Jatobá, dita numa entrevista em 2011 quando um dos seus livros mais famosos, *Crônicas da vida operária*, estava sendo relançado. Essa frase expressa muito bem o tipo de literatura que o autor desenvolveu, partindo das próprias experiências enquanto operário na década de 1970.

Roniwalter desenvolveu uma literatura com forte teor político. Ele tinha como norte produzir uma literatura sobre os operários. Com um forte compromisso com o tempo presente, Jatobá partiu da própria experiência de trabalhador operário para denunciar os problemas sociais pelos quais viviam aqueles que migraram de tão longe em busca de uma maior qualidade de vida e de melhores oportunidades de emprego,

mas que acabaram sendo utilizados nos trabalhos pior remunerados e mais sofridos dos centros urbanos, que estavam num processo de crescimento acelerado.

Roniwalter Jatobá discutiu em seus textos as mazelas que ele viveu ou presenciou na vida de colegas e amigos, fosse no trabalho, nas indústrias da região ou dos vizinhos do bairro, sempre trabalhando sob a perspectiva do operário. O fato do autor ter escapado de algumas das trágicas consequências que ele expõe em suas obras não desqualifica a sua narrativa. Quem sabe se ele tivesse passado pelo que conhecidos ou companheiros de trabalho passaram nós não tivéssemos esse registro histórico – um dos poucos registros do ponto de vista da classe trabalhadora que existem do período da Ditadura Militar.

Roniwalter Jatobá trouxe em suas obras um aspecto muito importante para se problematizar o desenvolvimento capitalista durante a Ditadura: as consequências que as mudanças nos meios de produção provocaram na vida dos operários e das suas famílias. A partir de experiências de vida compartilhadas com trabalhadores migrantes, vindos da região Norte e Nordeste para o Sul e Sudeste em busca de melhores condições de vida, Jatobá expõe a dura e trágica realidade vivida por esses trabalhadores, que formavam parte importante da mão-de-obra das indústrias de São Paulo. Vejamos agora que aspectos ele destacou nas obras que selecionei para a pesquisa.

3.2- Vidas com sabor amargo

A obra *Sabor de química* foi dividida em duas partes, *Bananeiras* e *A cidade*, cada uma contendo vários contos. O título da primeira parte do livro faz referência a uma cidade do Nordeste, cujos personagens migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. A segunda parte traz a realidade que os trabalhadores encontraram na cidade de São Paulo, e como essa mudança transformou suas vidas. As duas partes são contrapostas pelo autor ao longo de todo o livro, de modo a mostrar as expectativas dos personagens, suas relações e os problemas que eles tinham em Bananeiras, o confronto com a realidade da cidade grande, a desconstrução de seus sonhos e o surgimento de novos problemas na vida desses sujeitos. Vejamos dois trechos que já mostram um pouco deste elemento que acabei de destacar:

Eles diziam que tudo em São Paulo era formoso, de melhor não havia,
coisa e tal...

O lugar, já me acostumando, parecia fim de mundo. Lameira ou poeira se o tempo se desconflitasse na rua descalça. Pai desaparecendo de manhã, nem bem clareando, seguindo o apito que acordava o mundo logo cedo. Mãe calada, cuidando da casa sem se lastimar, pois ela era assim: prosava pouco, sem amizade na rua, e só se chateava quando transparecia no meu rosto vermelho de sol que eu zanzava pela rua. Mas eu estava mesmo era lá pelos monstros, perto dos trilhos, olhando do outro lado a fábrica da vila, acinzentada de sempre, sentado num canto, presenciando a fumaça que subia amarelada.⁶⁵

No primeiro trecho vemos o que os habitantes de Bananeiras ouviam falar sobre São Paulo. O crescimento industrial de São Paulo foi utilizado como *slogan* pelo governo para atrair uma massa de migrantes que eram afligidos pela miséria, acentuada nos longos períodos de seca. A fala traz consigo um pouco da esperança do trabalhador, que espera encontrar a beleza da cidade grande tão divulgada pelos meios de comunicação, fossem novelas, filmes ou propagandas. Sabemos que o IPES investiu no início da década de 1960 na produção de pequenos filmes e no investimento cultural, que foi intensificado pelos golpistas após 1964, para destacar o progresso tecnológico e a geração de empregos provocados pelo desenvolvimento industrial. Procurando apagar a história de lutas e greves dos trabalhadores, as elites industriais e os militares instrumentalizaram o cinema e a televisão para criar uma imagem, ainda hoje muito forte, que aliava o desenvolvimento econômico, a geração de empregos e a prosperidade dos trabalhadores. Com isso ocultavam-se todos os embates travados pela classe trabalhadora contra as péssimas condições de trabalho e as vitórias conquistadas ao longo de todo o século XX.

O primeiro e curto trecho apresentado é contraposto às características do trabalho e da vida que os migrantes encontraram em São Paulo. No segundo trecho temos as impressões de uma criança sobre como é viver em São Paulo. O olhar infantil é utilizado pelo autor para destacar a imundice e os perigos do bairro operário, que tornam complicado os momentos de diversão das crianças. Outro elemento de destaque é a falta de afeto que os filhos notam com relação aos pais, que se encontram ocupados com os afazeres domésticos e o trabalho na indústria.

O bairro pobre onde a criança foi viver com a sua família difere das expectativas criadas com relação à grande cidade. A lama e a poeira dão um tom sombrio e triste ao

⁶⁵ JATOBÁ, Roniwalter. Vontades. In: **Sabor de química**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 61.

⁶⁶ Idem, p. 68. O conto se chama *Mudanças*, narrado sobre a perspectiva do filho.

ambiente do lar, que é completado pelos “monstros do progresso”, como os trilhos e as fábricas, principalmente aquela que despeja no ar uma fumaça amarela: a indústria química. A ausência do pai, que logo cedo vai para o trabalho e só bem tarde retorna para casa, junto com a tristeza da mãe, que sem as amigas e vizinhas da cidade natal passa a viver em relativo isolamento, são trazidas pelo autor, a partir da narrativa de uma criança, como características da triste mudança sofrida por essas pessoas, que mudaram completamente as suas relações sociais em busca de melhores condições de vida, mas que acabaram por se submeter a uma rotina e a um ambiente que desestruturou os seus costumes. Tudo isso é traduzido neste conto pelo olhar triste de uma criança.

O conto seguinte apresenta também a perspectiva de uma criança sobre o “progresso industrial”. A *fábrica* traz, na narrativa de um garoto, um destaque maior, num primeiro momento, para a ausência de espaços de lazer para as crianças e a influência que a indústria provoca na vida dos trabalhadores que vivem ao seu redor:

O lugar da gente se divertir, o campinho, há muito estava cercado. A construção da fábrica tomava tudo, cerca de arame com quatro fios, farpados. Só se ouvia de longe o barulho de concreto sendo despejado no chão, serras elétricas, serrotes comuns cortando madeiras, enxadas e pás tinindo de manhã à noite. Fizesse sol ou chuva. Aquilo nunca parava. Crescia sim. O terreno cercado de valetas, lugar de monturos, escoamentos de casas vizinhas, ajuntamento de urubus toda tarde, mudou. Hoje, quase não tem nada disso. Já não se escutam os gritos da molecada correndo atrás de bola, não. Só o ronco dos caminhões descarregando, o apito de hora em hora avisando. A vila crescendo, mudando de cara, o apito avisando, crescendo, inchando de gente. A fábrica cada dia mais se alargando como teia de aranha, pegando os viajantes chegados de carteira em branco, com precisão, dando serviço aos que sabiam ler alguma coisa, o apito chamando. Alguns, sem ciência de causa, achavam o trabalho até bom, pois de onde eles chegavam, diziam, não temos nem onde cair morto.⁶⁷

A narrativa coloca em primeiro plano as experiências dos de baixo sobre as consequências geradas pela fábrica. Mudanças como essas sentidas por uma criança, que viu o crescimento da indústria acabar com o campo onde antes jogava bola com os colegas, poderia ser indicado como um mal necessário para o crescimento do país, mas Jatobá aqui procura dar outro sentido a isso, revelando como o crescimento predatório e arbitrário das indústrias no período ignorava as relações sociais e os ambientes em que viviam a classe trabalhadora. O lugar onde se ouviam os gritos e as risadas das crianças

⁶⁷ Ibidem, pp. 69-70.

foi substituído pelo barulho de caminhões e de pedreiros trabalhando na ampliação da fábrica, cercando o local com arame farpado. Aqui Roniwalter passa a imagem de um campo de concentração: a alegria das pessoas que viviam naquele bairro é trocada pelo apito da fábrica e pelos sons da construção, barulhos que passam a acompanhar rotina das famílias. Dentro daquele espaço estavam confinadas dezenas de trabalhadores, que só saíam de lá para voltar para casa para repor suas energias para o trabalho. E mesmo no ambiente do lar o barulho do progresso e o apito da fábrica – que iria, a partir daquele momento, fazer parte do dia-a-dia daquelas pessoas – simbolizava o domínio da indústria sob a vida de todos aqueles que se encontravam presos em suas teias.

Um ponto interessante nesse trecho é a quantidade enorme de gerúndios na narrativa da criança. Palavras como “descarregando”, “crescendo”, “mudando”, “pegando”, todas se referindo ao processo gerado pela expansão da área da fábrica, revelam que para o autor aquele tempo histórico não tinha fim. As mudanças estavam acontecendo em ritmo acelerado, mas ainda estavam em curso. Essa velocidade sentida por Jatobá, expressa por ele neste como em outros contos, mostra a diferença nos modos de vida dos migrantes e como eles foram engolfados pelo modo de vida dos grandes centros urbanos. Para alguém que estava mudando de vida era difícil fincar raízes num ambiente que estava em constante transformação, esta provocada principalmente pelo crescimento industrial.

Nesse ponto, a narrativa de Roniwalter ensaia uma processualidade histórica que liga o tempo presente ao passado, sem um ser historicista que alinha o passado ao presente, nem positivista que busca no passado a origem do presente. A ideia de processo histórico é uma boa alternativa aos dois paradigmas anteriores. É mais dinâmico. É dialético. É capaz de captar os dilemas históricos dos trabalhadores em pequenas escalas, na perda das referências da infância e na consciência da implacabilidade do capitalismo. É uma leitura densa. As contradições não são aplainadas. Elas são destacadas como estratégia para seduzir o leitor.

A presença do apito é constante neste trecho. O ritmo da vida das pessoas que vivem no bairro industrial é ditado pelo apito da fábrica. A hora de acordar, de se levantar, de ir para o trabalho, o momento para almoçar, o retorno para o trabalho e o fim do expediente são ações do dia-a-dia dos trabalhadores que são demarcadas pelo som do apito da fábrica. Tal disciplina afeta tanto os operários como os seus familiares, que organizam os afazeres diários em função disso.

Essa disciplina do trabalho, simbolizada pelo apito da fábrica, aparece quase como uma disciplina militar (do quartel), muito embora ela não seja algo específico da Ditadura Militar mas sim do sistema capitalista desde o surgimento das primeiras fábricas na Inglaterra no séc. XVIII. Contudo, os movimentos migratórios que aconteceram no final da década de 1960 e início de 1970, devido aos investimentos que o Estado militar fez no setor industrial nas regiões sul e sudeste do país, fez com que milhares de trabalhadores migrantes vivessem essas experiências de controle do trabalho neste momento histórico⁶⁸. Assim compreendo que Jatobá está enfatizando o controle e a disciplina impostos aos trabalhadores pelas fábricas no período da Ditadura Militar.

A disciplina não estava presente somente no controle do tempo de trabalho e do desempenho do trabalhador, mas também na busca por mais mão-de-obra. A metáfora que mencionamos anteriormente, da *uma teia de aranha*, revela o domínio da indústria na vida dos migrantes que chegavam a São Paulo. No mundo animal os insetos presos na teia não conseguem escapar, e acabam por isso se tornando o alimento da aranha. Da mesma forma aqueles que foram fisgados pelo trabalho nas fábricas serviram ao objetivo de produzir cada vez mais, com o custo de perder as suas vidas, de uma maneira ou de outra. Algumas dessas maneiras vão sendo exploradas pelo autor ao longo de cada um dos contos.

No final do trecho o menino reflete sobre a ignorância de alguns trabalhadores, que consideravam positivas aquelas mudanças. Mais uma vez Jatobá compara os dois modos de vida daqueles migrantes. A vida de intensa miséria em regiões muito pobres do Brasil, como o Nordeste, e as expectativas alimentadas pelas oportunidades de emprego de São Paulo e o sonho de melhorar de vida. Além disso, o impacto e o deslumbramento provocados pela cidade grande podiam ocultar, por um breve momento, as duras consequências que o progresso econômico gerava. A máxima de que esses sujeitos *não tinham onde cair mortos* mostra que os trabalhadores estavam apenas trocando uma realidade trágica por outra, revelando com isso o caráter perverso do capitalismo e das elites industriais, que exploravam a miséria dos trabalhadores migrantes para impulsionar um crescimento econômico desumano, ironicamente chamado anos mais tarde de *milagre*.

⁶⁸ SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Paz e Terra, 2001, pp.63-113 .

Fechando as reflexões deste conto, Jatobá lança algumas questões acerca dos significados do trabalho. No início da história o garoto reflete sobre o trabalho exaustivo do pai, que fica a maior parte do tempo na fábrica. Em certas ocasiões o garoto mal vê o pai, pois a rotina de acordar cedo e voltar muito tarde entra em conflito com a própria rotina do filho, impossibilitando assim a convivência fraternal de pai e filho. Essa reflexão provém da saudade que o menino tem do pai, pois ele tem trabalhado tanto que mal pode ficar com o filho. A relação entre ambos é transformada radicalmente. O pai, preocupado com o filho, vê como única solução encontrar um trabalho para ele, de maneira que o garoto comece a se envolver com algum ofício e evite problemas ao brincar com outras crianças pelas ruas do bairro.

Eis então que o garoto presencia um acidente de trabalho: um homem cai de uma construção e morre. Esse fato é utilizado para se contrapor ao desejo do pai de conseguir um emprego para o filho, bem como para lançar uma profunda reflexão sobre os trabalhos na cidade grande:

Não contei nada (para a mãe). Nunca tinha visto ninguém morrer. De noite, na mesa, todo mundo jantando, toquei no assunto. Pai assuntou ascendendo um cigarro, mãe repreendeu com as vistas, aí pai disse vai dormir, deixa de histórias de trancoso. Depois, ele falou que dessa semana eu não passava, já tinha emprego garantido. Ia começar, passado do tempo, no mais tardar, segunda-feira que entra. Saí para o quarto, uma coisa me dizendo na cabeça, perguntando, **se trabalhar é bom.**⁶⁹

Trabalhar é bom? Diante da ausência do pai, que trabalhava arduamente todos os dias da semana, e da morte provocada pelas condições precárias do trabalho de um pedreiro numa construção, a conclusão que o menino retira disso tudo é que trabalhar não vale realmente a pena. A pergunta surge diante da insistência do pai de lhe arrumar um emprego, coisa que não é compreendida pelo filho. Talvez por medo de ver o filho se machucar na rua, se envolver com gente de má índole do bairro, por causa da falta de dinheiro em casa, na tentativa de fazer o filho desde cedo começar a trabalhar, ou simplesmente pela velha ideia calvinista que opõe trabalho ao ócio – este visto como vadiagem.⁷⁰ O motivo do pai não fica esclarecido, muito embora essas questões sobre o mesmo possam ser lançadas a partir dos elementos deste e dos demais contos.

⁶⁹ JATOBÁ, op. cit., p. 70, grifos meus.

⁷⁰ WEBER. Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1988.

Roniwalter Jatobá indica duas questões neste trecho. A primeira é que as oportunidades de emprego para esses migrantes eram precárias, e que devido a falta de equipamentos de segurança eventualmente algum trabalhador poderia ser vítima de um acidente. Este elemento foi explorado com mais profundidade nos contos seguintes. A segunda questão que o autor propõe é a perda da infância dos filhos desses trabalhadores. A ausência do pai é sentida profundamente pelo filho, que não tem mais contato com ele. A destruição do campo de várzea extingue um dos ambientes de sociabilidade da criançada do bairro, que encara com grande tristeza o crescimento da fábrica. Juntando isso com o acidente do trabalhador, o menino nutre uma forte repulsa pelo trabalho. Ironicamente ele acaba sendo empurrado para o trabalho ainda criança, como uma solução encontrada pelo seu pai para compensar a sua ausência na vida do filho. Com isso o autor discute como a juventude da classe operária nas grandes cidades neste período foi sendo absorvida aos poucos pelo mercado de trabalho, onde a infância era negada dia-a-dia pelo desenvolvimento industrial, que atacou a infância dessas crianças em diferentes frentes.

Pode-se ver uma terceira questão se desdobramos o sentido da interrogação “se trabalhar é bom”. A dúvida ou descoberta do garoto de que a morte de um operário que se acidentou no trabalho não deveria ser rotinizada, nem tratada com normalidade. Do ponto de vista desse tipo de risco, o garoto colocou em suspeição a natureza boa do trabalho. O desdobramento disso vem de uma naturalização parelha. A dor, o sofrimento e o cansaço causados pelo trabalho são marcas que atestam a boa índole dos trabalhadores. Trabalhar e não sentir dor, nem suar, nem cansar, seriam sinais de pouca entrega, de ociosidade. Tais características comporiam a noção capitalista de trabalho, e Roniwalter sabia disso por meio de sua própria experiência.

Após este conto o autor nos apresenta as histórias contadas sob o ponto de vista das esposas dos operários. Cada um dos contos recebe o nome da protagonista, que revela, num diálogo com o leitor, os dramas provocados por um dos aspectos mais trágicos do trabalho nas indústrias: os acidentes de trabalho. Dentre as histórias, a mais interessante sem dúvidas é a de Odília, cujo marido, Martiniano, encontra-se enfermo na cama. Vejamos a seguir dois trechos dos relatos dessa mulher, que se preocupa com o esposo enfermo:

Lembro do meu homem que a fábrica de química em tão pouco tempo, cinco anos por muito, definhou como um trapo ou um pano de

prato de fustão ruim que se gasta no trabalho diário e caseiro. Me assusto: e se ele ficasse que nem Deija de Germano que entrou ano saiu ano em cima de uma rede, ou era cama, nem me recordo ao certo, balbuciando doidices, depois de uma queda do topo da mangueira, morre não morre?

(...) eu vou continuar sonhando com uma saúde melhor de Martiniano ou mesmo sua morte, às vezes me cansa o viver, é dolorido na gente o sofrimento de um morto-vivo.⁷¹

Provavelmente Jatobá viu de perto dilemas como este, sem solução aparente. Aqui, seu método se aproxima mais claramente da pesquisa histórica, recortando um caso individual e representativo de uma dimensão do mundo do trabalho. Uma conclusão inicial da narrativa de Jatobá é que existiam milhares de Odílias no Brasil, descrentes, ligadas ao marido por afeto, mas também por algum compromisso moral e pelos anos de vitalidade do casamento antes da contaminação química. Como seu marido poderia imaginar que a grande indústria, imponente e encantadora devido ao tamanho, lhe estragasse a vida? Quem poderia imaginar que o lugar onde se ganha vida era também o lugar onde se perde a vida? Esse fragmento de texto que expõe o dilema de Odília é mais forte pelo que constata em relação à degradação do homem no exercício do trabalho capitalista. É este o ponto que projeta um dos principais argumentos de Jatobá. O autor procura, por meio das reflexões da esposa, sensibilizar o leitor para a triste situação de uma parcela significativa de trabalhadores urbanos, cuja exploração do trabalho atingiu níveis tão altos que provocou a destruição da saúde deles em pouco tempo.

Se nos primeiros contos temos a perspectiva da criança, agora temos a da mulher. Jatobá consegue trazer qualitativamente em suas páginas as transformações sociais que o desenvolvimento econômico empreendido nos anos 70 provocou na vida dos trabalhadores. E havia outras formas de vivenciar a política de repressão e de destrato da Ditadura Militar, fosse pela transformação do bairro, fosse pela perda do contato com o pai ou de parte significativa da relação com o marido.

Do mesmo modo o acidente não afetava apenas o trabalhador: a falta do dinheiro passaria a afetar toda a família, uma vez que a indenização, quando recebida, mal conseguia pagar os remédios do trabalhador adoecido. Para ajudar nas despesas da casa, esposa e filhos procurariam algum emprego, que sem dúvidas seria mal remunerado e bastante pesado devido a falta de profissionalização dos mesmos, uma vez que para

⁷¹ JATOBÁ, op. cit., p. 149-150.

conseguir os melhores postos e serviços era necessário ter um grau elevado de estudo e, muitas vezes, de experiência.

Por fim, antes de chegar aos relatos daqueles que sofreram algum acidente de trabalho ou adoeceram por causa do ambiente de trabalho, temos um conto que relata o reencontro de dois velhos amigos, que vieram juntos para São Paulo cheios de sonhos. O nome, *Falso milagre*, faz referência ao acidente sofrido por um deles, Damião, que caiu de uma construção e quase morreu. Subliminarmente refere-se também à política de desenvolvimento econômico assentada no endividamento implementada pela Ditadura.⁷² Vejamos o trecho e a relação entre o relato e o título do conto:

(...) eu parado olhando, devagar me achegando, devagarinho, vendo cada vez mais de perto aquele olhar de cansado que antes não era, andando na minha frente um vulto de um Damião diferente.

É ele sim, disse me duvidando, ele fazendo o caminho dele; forçava uma perna sem utilizar a outra muito, mancando, parecendo aleijado pedidor de esmolas, assim ia ele.

Chamei Damião. Me reconheceu de pronto. Apagou nele a voz, se emudeceu me vendo, cumprimentou querendo se ir, **olhava por baixo, pegando os pés, mas eu sabia que era vergonha**, conhecia os sonhos dele que não eram aqueles, dava pra sentir de longe o sentimento que tinha naquela hora, não disse, no mais, reconhecia ele.⁷³

O modo como Damião é caracterizado pelo seu amigo é o elemento central deste conto, que expressa o espanto que ele sentiu ao reencontrar, depois de tanto tempo, o amigo de infância, que junto com ele veio para a cidade grande com sonhos e esperanças de uma vida melhor. A trajetória de Damião não é revelada pelo conto, mas isso pouco importa: Jatobá explora no livro como o trabalho na cidade grande destrói os homens que dele buscam oportunidades. A dificuldade para caminhar é um forte indício de que Damião foi uma das muitas vítimas dos acidentes de trabalho, e mesmo que este não lhe tenha sido fatal, sua vida jamais foi a mesma depois daquele dia. Debilitado, mal vestido, Damião é confundido com um mendigo pelo seu amigo, que parece não querer acreditar que aquela figura maltrapilha é o seu antigo companheiro.

Sem condições de conseguir emprego devido as suas condições de saúde, muito provavelmente seu amigo estava certo quanto a Damião estar mendigando pelas ruas.

⁷² Ver FURTADO, Celso. **O Brasil pós-“milagre”**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

⁷³ JATOBÁ, op. cit., p. 164, grifos meus.

As condições de vida para aqueles que sofreram um acidente de trabalho eram as piores possíveis. Como que descartados pelo sistema, que tanto depositaram sonhos, esperanças e forças, esses trabalhadores viam as poucas portas que estavam abertas para eles se fecharem irremediavelmente.

A expressão no rosto de Damião é identificada pelo seu amigo como um sinal de vergonha diante dos sonhos que no passado ele alimentou, mas que agora não passam de lembranças doloridas de um presente que não se concretizou – e que, infelizmente, não faz mais parte nem de um possível futuro deste trabalhador. Damião sem dúvida está com vergonha da situação em que se encontra, e ser reconhecido por um antigo colega traz a tona o passado de sonhos que juntos alimentaram, mas cujo futuro promissor tão desejado foi retirado para sempre de um deles.

Ao mesmo tempo é doloroso para o amigo de Damião encontrá-lo naquele estado. Como seu amigo, tão jovem e saudável, cheio de esperanças e força de vontade, veio acabar naquele estado? Como a cidade grande, cheia de oportunidades, a pleno vapor com o progresso industrial, destruiu a vida daquele sujeito? É por meio desses casos de trabalhadores que foram destruídos pelo capital que Jatobá faz a sua crítica ao desenvolvimento econômico, mostrando como uma parte significativa de trabalhadores não encontrava espaço para prosperar junto com o sistema.

Assim o título do conto dá o sentido das reflexões que o autor faz com relação aos acidentes de trabalho: para aqueles que sobreviveram o que resta é uma vida amarga. O “milagre” adquire uma conotação negativa com a palavra “falso”, pois o fato de um trabalhador conseguir sobreviver depois de um acidente de trabalho não é algo comemorado como um recomeço para a sua vida, mas sim como o início da sua entrada irreversível ao mundo da extrema pobreza. A vida que restou é uma semivida, uma vida amaldiçoada pelo capital, rejeitada e marginalizada, pois para o sistema esses trabalhadores não têm mais serventia.

Como eu disse no início dessa análise, Jatobá alude à Ditadura Militar. O “falso milagre” deve ser relacionado ao fracasso da política econômica, durante o governo de Garrastazu Médici. Os recursos financeiros externos, conseguidos na forma de empréstimos, alavancaram setores da economia com a expectativa de o Brasil ascender à posição de vendedor de mercadorias e não apenas de matéria-prima. O plano falhou, e o governo militar girou seus interesses para o mercado interno. Os títulos venciam e o governo refinanciava a dívida, tomava novos empréstimos, comprometendo

crescentemente seu orçamento. Entre 1969 e 1973, tal arranjo sustentou um dinamismo econômico de duração curtíssima. Nesse período, os trabalhadores experimentaram um breve surto de otimismo escorado em razoável empregabilidade e num consumo inédito. Esse contexto macroeconômico alcançou os trabalhadores e lhes cobrou o preço. O “milagre econômico” tornou-se um “falso milagre”.⁷⁴ Damião é síntese disso.

Vejamos agora o último conto do livro, cujo nome é o mesmo da obra: *Sabor de química*. Nele o narrador é um trabalhador de uma fábrica de químicos, que aos poucos revela os sintomas provocados pela exposição sem segurança aos produtos químicos da fábrica e as sensações e mudanças causadas pela perda gradativa da saúde:

Começou como tosse comprida. Revirei no meio da noite, o peito estufando querendo explodir, me torturando. Como labaredas: queimando o pulmão, subindo na carne do corpo, descontando os dias que nem dor de cabeça aparecia. Se chovia, esfriava, pior. Imaginei, até, no começo, que era mania. Mas não. Dor angustiada de morrer, longe de tudo, sozinho. Espantei esse pensamento. Hoje, depois de muito tempo, as forças fraquejaram e não saí à rua. Cá, sozinho, sem me mexer, a noite se arrastou vagando. Perdi a segunda-feira que amanheceu clara. A mulher reclamou porque não saía. Sentei na cama com as mãos entre os fios ralos da barba. Senti que me definhava, gosto de química no céu da boca, amargoso como fel, sentindo o quebrante do corpo, fraqueza na cabeça, tremura nas pernas. Quis levantar, o quarto fechado rodou. **Olhei as mãos calosas, passei-as no rosto e senti a pele magra, rugas caindo e deformadas à minha indiferença que tinha, até agora, com a vida.** Tossi até o ponto em que os olhos choraram, que não pude diferenciar se pelo esforço ou pela amargura e solidão. O quarto tão pequeno, fechado, que me lembrei dos corredores enormes da fábrica onde tanta gente passava agora. Nem deram pela minha falta. Como labaredas: queimando o pulmão, subindo de novo na carne do corpo. Tusso.⁷⁵

As transformações no organismo do trabalhador são radicais. No início, com os primeiros sintomas, o operário procura negar a si mesmo que a sua saúde está sendo afetada pelas condições do seu trabalho, *era mania* dizia ele. Aqui vemos que a situação insalubre do ambiente do trabalho, junto com os avisos que o corpo dava sobre o envenenamento a que estava sendo submetido, acabam sendo naturalizados e menosprezados pelo trabalhador. Provavelmente essa banalização estava fortemente influenciada pelos grupos dominantes, fosse pelo fiscal, gerente ou RH da fábrica, que negligenciavam a situação precária de trabalho e a destruição da saúde dos seus funcionários. Também pelo desconhecimento do trabalhador sobre os perigos a que

⁷⁴ FURTADO, op. cit.

⁷⁵ JATOBÁ, op. cit., p. 179, grifos meus.

estava sendo submetido no trabalho, sem a proteção adequada para lidar com os produtos químicos.

Com o passar do tempo, com a intensificação dos primeiros sintomas e o surgimento de novos, o trabalhador começa a perceber que o serviço está, aos poucos, destruindo a sua saúde e a sua vida. O tempo fora do serviço mal consegue ser utilizado para a recuperação do trabalhador para que, no dia seguinte, ele volte ao trabalho. Dor de cabeça, fraqueza nas pernas, perda do paladar, dores fortes por todo o corpo e irritação nos olhos deixam o personagem completamente abatido em casa. As tosses compridas são momentos de profunda dor e angústia: os pulmões queimam, as tosses parecem não ter fim. O que era para ser um momento de descanso transforma-se numa luta sem trégua contra os indícios cada vez mais fortes de que a saúde do trabalhador está sendo ameaçada pelas condições do seu trabalho.

O comentário sobre a esposa é bastante significativo. A reclamação da companheira mostra tanto a perda das relações sociais da família, que não sai mais nos momentos de folga para descontrair e se divertir, como também do sentimento de impotência do esposo, que não consegue se levantar da cama para sair com a amada num dia ensolarado. A perda da virilidade, da masculinidade do personagem, é uma das consequências do acidente, fazendo-se sentir profundamente frustrado e depressivo, pois perdera a sua identidade dentro do lar, no interior da sua família.

A parte em negrito no trecho assinala que, até aquele momento, o trabalhador não havia se importado com a exploração do trabalho. Como foi visto nos outros contos, os migrantes pegavam as vagas de emprego disponíveis e aceitavam as condições de trabalho. A perseguição aos sindicatos pelo Estado militar, que forneciam mecanismos de luta contra as péssimas condições de trabalho, e a extrema pobreza que esses trabalhadores haviam vivenciado em suas terras natais, os impelia a trabalhar sem descanso com o propósito de manter o emprego e conquistar os sonhos almejados. Assim boa parte dos trabalhadores, referenciados por Jatobá, ignorava a exploração do trabalho. O acidente muda isso na vida deles, que perdem a ferramenta de trabalho, o corpo, e junto com ela o meio para conquistar uma vida melhor do que aquela que tinham na região de que vieram. Vivenciando, dia-a-dia, a amargura de uma vida destruída pelo trabalho, agora o trabalhador contempla uma nova perspectiva de vida. A consciência da exploração do trabalho torna-se nítida, despida de todas as ilusões que o capital consegue incutir na cabeça dos trabalhadores: a possibilidade de ascensão social

por meio do mérito pessoal. Roniwalter Jatobá mostra que, como parte do lumpemproletariado, esses trabalhadores encontraram uma maior consciência de classe.

Este livro sobre o trabalho nas indústrias químicas veio antes das *Crônicas da vida operária*, em que Jatobá faz alusão aos serviços nas indústrias automobilísticas. Por que ele, que não trabalhou na Nitroquímica, escreveu um livro sobre as experiências dos trabalhadores que sofreram com este trabalho? É possível pensar que, vivendo próximo a Nitroquímica, Jatobá conviveu com muitos dos seus trabalhadores. Ao longo do tempo em que viveu lá provavelmente viu muitos trabalhadores serem empregados pela fábrica, bem como as transformações chocantes que aquele serviço provocava. Até mesmo podemos pensar que Jatobá frequentou lugares em que estes operários se encontravam para conversar, beber e descontrair um pouco, como os bares locais: ali eles deviam compartilhar relatos pessoais e de pessoas que conheciam e que estavam passando por aqueles problemas. O fato de ele ter trabalhado nessas experiências significa que para ele esse aspecto da realidade do trabalho fabril o chocou muito, e ele não quis deixar sem registro essa dura e cruel realidade sentida por inúmeros trabalhadores, seus familiares e entes queridos, que viram estes operários ficarem irreconhecíveis e perderem seus sonhos – sonhos estes que também eram compartilhados pelas suas famílias, que vinham de lugares sem perspectiva de vida e que acreditavam estar chegando num lugar cheio de oportunidades, mas que foram brindados pela falsa propaganda do Estado e pela intensa exploração do trabalho.

Percebe-se que, aos poucos, Roniwalter Jatobá vai tecendo a realidade do trabalho fabril daquele contexto a partir de diferentes pontos de vistas, do sujeito menor da família operária, para então chegar à esposa e companheira, do amigo que reencontra o colega migrante que virou mendigo, até a perspectiva do próprio trabalhador que está colhendo os frutos amargos do progresso econômico. Essa estratégia dimensiona qualitativamente o quanto as transformações nos meios de produção e nas políticas do Estado prejudicaram centenas e até milhares de trabalhadores, escancarando assim o alto custo que o crescimento econômico gerou na vida daqueles sujeitos, trazendo o outro lado da moeda do progresso – o da acumulação de miséria.

Ao invés de números e estatísticas temos uma narrativa literária que se aproxima do relato, da entrevista. Diferentes sujeitos que viveram aquela dura realidade apresentam as suas angústias e os seus medos com relação aos problemas que os

empregos ofertados pelas fábricas e o crescimento das indústrias provocava em suas vidas.

3.3- Acidentes de trabalho e o recomeço do movimento operário

Se em *Sabor de química* o autor se concentrou nos problemas vividos pelos operários das fábricas químicas, fazendo menção a alguns acidentes no setor de construção, em *Crônicas da vida operária* ele se volta para os acidentes de trabalho no setor industrial automobilístico.

Cada conto da obra revela alguns aspectos da vida dos trabalhadores da região de São Paulo, de maneira parecida com *Sabor de química*. Os sonhos, as dificuldades no trabalho, os acidentes, os problemas nos bairros.

Uma das questões presentes neste livro, mas que recebe destaque especial no conto *Trabalhadores*, é o medo do operário de ser despedido. Como a maioria veio de outras regiões e não têm escolaridade, acabam aceitando os empregos nas indústrias locais, sem saber direito quais são as condições de trabalho e o salário que vão receber. Esse é um enredo conhecido. A ameaça do desemprego os obriga a aceitar diversas condições, que por vezes os colocam em situações perigosas. Vejamos um dos trechos deste capítulo:

Veze algum carro aparecia no pátio sem o carimbo de aprovado. O carro voltava. O feitor encarregado olhava de cima a baixo o automóvel e carimbava a papeleta. Os funileiros, no banheiro, reclamavam. Xingavam as peças malfeitas, mal impressadas, as ferramentas feitas nas pressas que lhes tomavam um tempo maior em acertar a lataria dos carros, o feitor em cima cobrando, apressando, a lixa elétrica afinando as chapas no retoque, as chapas cada vez mais se alisando, tomando forma mas ficando uma pele fina de aço e diziam mais: essas merdas de carro vão enferrujar em menos de seis meses! **Eu nem ligava. Ficava de ouvido em pé era quando falavam de facão, do desemprego, de mandar alguém embora.** (...) E o trabalho dobrava até a noite. O alemão Alfredo, que me ajudava na contagem das peças, tinha me avisado que não renegasse serviço, hora extra, até mais tarde se for preciso, ele disse, pois no primeiro facão os homens do pessoal guardavam tudo isso, marcado na ficha de cada um, e esses eram os primeiros a ter a cabeça cortada na hora do facão, completou.⁷⁶

⁷⁶ JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979, p. 44-45, grifos meus.

A cobrança do feitor afetava todos os trabalhadores da automobilística. A pressão por uma alta produção levava os trabalhadores a produzir peças defeituosas, o que era criticado por outros setores da fábrica e servia como um alerta para possíveis cortes na mão-de-obra da indústria. A produção ruim era atribuída aos trabalhadores e não às condições e de trabalho. Assim aqueles que seriam punidos por não cumprir as exigências da fábrica eram os operários.

Se aproveitando da condição de pobreza dos seus funcionários, e da alta demanda por trabalho, a indústria colocava uma série de exigências em cima dos seus empregados. Parte dessas exigências feria direitos dos trabalhadores, como a hora de descanso, o domingo de folga e o limite de oito horas de trabalho por dia. O fato dos trabalhadores aceitarem isso não se deve a sua ignorância sobre os seus direitos, pois o trecho revela que eles tinham consciência disso. O medo de ser despedido funcionava como pressão sobre os trabalhadores, para que suportassem o cansaço e trabalhassem até tarde, perdendo inclusive o domingo de folga – dia tão aguardado pelos trabalhadores para descansar e sair com a família.

Por vezes o protagonista deste conto fica indignado com o fato da empresa ter crescido muito naquele ano, mas mesmo assim ter despedido dezenas de trabalhadores. Aqui é possível perceber como alguns trabalhadores refaziam suas visões sobre o progresso econômico, visto que eles eram obrigados a seguir as exigências da empresa para esta cumprir suas metas, mas não compartilhavam das benesses desse crescimento. Pior: muitos eram despedidos, o que servia para realçar o medo do facão e obrigar aqueles que permaneciam no emprego a seguir trabalhando sem reclamar, sendo levados ao limite da exaustão física.

Este mecanismo também não era novidade. Em teoria pode-se falar numa reedição permanente do exército industrial de reserva, contextualizado pela crise econômica após 1973 e pela redução de empregos no setor industrial mais dinâmico que reformava sua tecnologia. Ademais, o medo do facão necessariamente não desorganiza os trabalhadores. Esse sentimento pode levá-los até o sindicato, ou a se organizarem no local de trabalho. Mas a possibilidade ressaltada por Jatobá é a de um medo imobilizador, uma percepção da realidade bastante funcional ao capitalismo.

No final do conto o personagem revela que viveu mais de dois anos acreditando que no dia seguinte ele seria despedido. Jatobá revela aspectos das mudanças ocorridas na legislação do trabalho, que não oferecia qualquer segurança para o trabalhador, que

por sua vez havia perdido os sindicatos e o direito a greve, sofrendo forte repressão da polícia caso tentasse qualquer mobilização. O medo de ficar sem emprego obrigava os trabalhadores a se submeterem a uma intensa exploração do trabalho, sem que eles tivessem qualquer direito ou forma de se mobilizar para se defender.⁷⁷

Roniwalter Jatobá assinala neste conto que o crescimento industrial se dava justamente nesses aspectos: na acentuação da exploração do trabalho e na contínua rotatividade de funcionários, alguns despedidos mas recontratados tempos depois, e no medo do desemprego e da prisão (caso se organizassem coletivamente).

Vejam agora o que as precárias condições de trabalho produziram no interior da classe trabalhadora. O primeiro conto, *A mão esquerda*, traz em si a essência de toda a obra. O autor nos apresenta a Natanael Martins, moço de vinte e três anos, filho de Elias Ferreiro – assim conhecido por ser um mestre na arte da metalurgia – e Marta Martins. Natanael conseguiu um emprego numa fábrica beirada de linha Santos-Jundiaí, na Lapa. Enviava parte do salário para a família, que vivia em outra cidade – talvez até em outro estado. O personagem apresenta características que já vimos nos contos de *Sabor de química*: veio para São Paulo com muitos sonhos e esperanças, arrumou um emprego numa indústria, tinha uma rotina de trabalho pesada.

É importante ressaltar que o conto começa com um trabalhador desconhecido indo pegar o ônibus, com dores num braço sem a mão. Depois ele começa a se lembrar da sua chegada a São Paulo e do acidente que arrancou a sua mão para então voltar ao ônibus: do presente para o passado para retornar novamente ao presente, assim que Roniwalter Jatobá conta essa história.

Num primeiro momento o autor contrapõe a modernidade com o passado: Natanael fica impressionado com a prensa da fábrica, e sonha com o dia que vai ser promovido para manuseá-la; em contrapartida se lembra do trabalho do pai na bigorna com certo desdém, indagando que jamais seu pai seria conhecido, pois o que ele fazia em três semanas os trabalhadores nas máquinas da fábrica faziam em poucos instantes.⁷⁸

O interesse de lidar com aquela máquina era tanto que Ismael, um funcionário mais experiente, começou a ensiná-lo. No entanto, pouco tempo depois Ismael sofre um

⁷⁷ O 13º Grupo de Trabalho da Comissão Nacional da Verdade realizou profundos estudos sobre essas questões. Ver GT-13: Grupo de Trabalho nº 13 da Comissão Nacional da Verdade, sobre Ditadura e Repressão aos Trabalhadores e Movimento Sindical. Textos Temáticos, DEZ/2014. Disponível em https://trabalhadoresgtnv.files.wordpress.com/2014/12/nosso_capitulo.pdf. Acessado em 13/04/2015.

⁷⁸ JATOBÁ, op. cit., p. 20-21.

acidente, e o autor aqui expressa uma contradição dessa situação: os outros trabalhadores atribuíam a culpa à idade e a um suposto descuido de Ismael. Natanael procurava não pensar nisso, pois nutria grande estima pelo colega e mentor. Não demoraria muito para que ele próprio se tornasse uma vítima da prensa.

Natanael enviava cartas para mãe, alimentando o sonho de se tornar um prensista. Como qualquer trabalhador, ele desejava crescer dentro da empresa e aprimorar as suas habilidades, ficando orgulhoso de si mesmo e deixando seus pais também orgulhosos. Além disso, a ascensão dentro da fábrica lhe traria melhores condições de trabalho e maiores salários. Com a falta de um trabalhador, e por causa do seu aprendizado, Natanael assume o posto de prensista, e começa a trabalhar na nova função. Não passa muito tempo e o personagem sofre um acidente, o mesmo que seu antigo colega e mentor. O acidente assim é narrado pela vítima:

Fico lembrando a mesa da prensa pintada de tinta recente, azul, o molejo dela no sobe e desce e minha mão que ficou parada como mão de morto, mão de morto pois nem veio no pensamento da cabeça aquela vontade e ligeireza de puxar a mão, fiquei na frieza de um homem morto, a mão recebeu a força de toneladas de peso, ainda vi a cor do sangue, os dedos esmagados, esfolados numa cor só, e fui vendo a morte, o medo de morrer que se faz sentir com os gritos que soltei, gritei, gritei de dor, raiva de acontecer aquilo, o grito ecoando nas outras prensas, homens correndo, vi, homens me segurando nos braços, segurando agarrando minha cabeça que começava a pender de banda, vi, o assoalho lavado de sangue, fui vendo, vendo, sumindo, se apagando os homens, neblinando nas vistas os dedos sujos, nada mais vi. Depois, vi a roupa branca do enfermeiro, o olhar dele de dó, a minha mão parada, quieta ao lado do corpo, sem dor na hora agora, só pesada sem se bulir, um frio em todo o corpo de vento gelado. E foi passando na cabeça o meu choro, o sangue melando a máquina, o azul dela, fui sentindo vergonha, não me veio um tico de nada de ódio da prensa, da prensa que me deixou com tocos de dedos, um homem aleijado, inutilizado como dizem por aí, não, não senti raiva cega da máquina, só da minha fraqueza, do meu medo, do descuido, do choro, essa mão, agora, pois vê, pesada e quieta como se não parecesse minha.⁷⁹

O trecho, mostrando a lembrança de Natanael do momento em que perdera a mão, está carregado de emoções. Algumas delas revelam a dor, a tristeza e a angústia no momento em que a prensa esmagou a sua mão, junto com o medo de morrer. Depois as emoções aparecem como uma mistura da raiva pela máquina com um forte sentimento de vergonha e culpa. Jatobá, a partir deste conto, mostra que muitos dos trabalhadores

⁷⁹ Idem, p. 18-19.

que sofreram um acidente de trabalho atribuíam a culpa do acontecido ao próprio descuido, não levando em conta aspectos da produção que levaram a esse “descuido”. A velocidade imprimida pela máquina, o cansaço, a jornada de trabalho exaustiva (como vimos no conto anterior) e o *stress* provocado pelo medo do facão são elementos da realidade desses trabalhadores que contribuíram para que houvesse acidentes de trabalho. Contudo o cansaço e a sonolência, provocados pela intensa rotina de trabalho e pelas poucas horas de descanso, não são identificados como os fatores que provocaram o acidente. Mesmo os outros trabalhadores, companheiros de serviço, reproduzem o discurso dominante, o que ajuda na auto culpabilização e no sentimento de impotência e fracasso da vítima.

A comparação entre o azul da máquina e o vermelho da mão ensanguentada serve para contrapor os dois protagonistas do acidente. O azul assinala a cor nova, da máquina recém-pintada. O vermelho mostra a perda e a morte da mão. Morte não só da mão, mas dos sonhos depositados na prensa nova. A prensa permanecerá lá, intacta e funcionando, não importa quantos trabalhadores venham sofrer acidentes durante o seu trabalho com ela. Já os trabalhadores que foram marcados por ela jamais terão suas vidas de volta.

Jatobá não trabalha somente com o acidente, mas o que ele provocou na vida daqueles que sobreviveram. Ele parte dos aspectos do trabalho, chega ao acidente e vai para as consequências que ele gerou para aqueles trabalhadores que foram vitimados pelo progresso. O sentimento de impotência – a incapacidade de realizar as atividades cotidianas e de conseguir um novo emprego –, o descaso da firma pelo qual o funcionário se dedicava, a indiferença e culpabilização dos colegas de trabalho, as dores constantes e as dificuldades para conseguir os remédios compunham o quadro trágico em que se encontravam aqueles que foram vitimados pelo projeto de desenvolvimento capitalista implantado na Ditadura Militar.

Neste conto em especial Jatobá traz um final diferente. Natanael, que fora criado para ser ferreiro tal qual o pai, mas veio para a cidade grande querendo trabalhar na prensa, retorna para a casa após o acidente. Um dos trechos finais traz uma síntese da sua vida:

Ferreiro Natanel onde andou teu corpo?
Sei que andou andou
Prensista Natanael onde andou tua mão?

Sei que andou andou
Homem Natanael onde andou teu sonho?
Sei que andou andou
Ferreiro, Prensista, Homem Natanael onde andou tua vida?
Desandou desandou⁸⁰

O passado de sonhos, desilusões e dor vividos por Natanael o trouxeram a um presente melancólico e sofrido, onde as possibilidades de mudança de vida parecem nem existir. Com dores pelo resto da vida, aleijado e deprimido, Natanael não consegue enxergar um horizonte de mudanças positivas em sua vida. Sua única esperança, contudo, parece estar no retorno para casa, para o ofício artesão de seu pai. Este é um dos principais elementos de reflexão de Roniwalter, que cria uma comparação e oposição entre o trabalho artesanal e o trabalho industrial. Natanael, em sua ingenuidade, enxergava a princípio o aumento produtivo como único fator que qualificava – ou desqualificava – os dois modos de produção presentes na obra. Para ele o ofício do pai era obsoleto frente à produção das máquinas, visto que as fábricas produziam uma quantidade superior de mercadorias em pouco tempo, enquanto seu pai levava dias até terminar um único serviço.

Ajuda a entender esse processo a condição que faz trabalhadores migrarem para a grande São Paulo. Natanael é típico para Jatobá. Vem do Nordeste já expropriado, embora o destaque do autor seja seu deslumbramento com a grande indústria. Só era uma escolha fácil quando a esperança em mudar de vida ganha forma e tamanho. Mas Jatobá considera isso e avalia que o trabalhador sai como excedente e chega a São Paulo na mesma condição. É uma visão parcial sobre a migração, mas certamente é a mais provável. No final do conto, o retorno de Natanael representa também o reconhecimento da superioridade do universo cultural do trabalho artesanal em relação ao trabalho industrial. Na ficção e na realidade, Jatobá problematiza os riscos que o capitalismo impõe, muitas vezes sutilmente, aos trabalhadores.

Mas algo fica para trás em seu enredo. Roniwalter diz que sob o capitalismo a extração de mais-valia que decepou a mão de Natanael não cessa. A temporalidade do capitalismo precisa ser lida como um processo. Nenhuma contradição ou desigualdade se resolve nesse contexto.

A experiência trágica de Natanael revela outros elementos para a análise dessa oposição entre os dois ofícios. Suas mãos permaneceram intactas por anos, enquanto

⁸⁰ Ibidem, p. 24.

aprendia e executava o ofício de ferreiro. No entanto em pouco tempo o trabalho na indústria lhe custou uma das mãos e lhe roubou todas as expectativas que havia depositado no sonho de ir para São Paulo e trabalhar numa grande indústria. Após o acidente não lhe restou outro caminho senão retornar à oficina do pai. Se o capitalismo moderno rejeitou Natanael após ter-lhe destruído, o trabalho artesanal recolheu Natanael, mesmo este estando sem uma das mãos.

Jatobá não esquece da comparação entre modernidade e passado do início do conto e a retoma no momento em que o personagem relembra o acidente, quando a prensa esmagou a sua mão, a mesma prensa que fazia o trabalho de “mil Elias”. Aqui está uma grande questão da modernidade do capitalismo, uma modernidade que aleija e maltrata a classe trabalhadora, extraíndo suor e sangue do seu trabalho, cujo produto final – aquele que seria necessário mil Elias para fazer – faz crescer uma pequena parte da população, a classe dominante, ao mesmo tempo em que alimenta a máquina do Estado que reprime e submete essa mesma classe trabalhadora a obedecer e defender os planos dos grupos dominantes.

Angela Fanini e Adriana Santos propõem uma leitura interessante deste conto. Segundo elas Jatobá inseriu um discurso bíblico no texto, trazendo duas histórias da Bíblia para compor a sua crítica ao trabalho industrial do período da Ditadura Militar. A história do profeta Elias, cuja missão foi a de levar os israelitas a reconhecer a sua apostasia e reorientá-los à fidelidade ao deus hebreu. O ferreiro Elias, segundo elas, comporta-se de maneira análoga na obra, visto que se mantém fiel ao seu lar, à sua cidade e à sua profissão artesanal, não se deixando levar pelos *encantos* da cidade grande e da grande produção fabril a partir das máquinas⁸¹.

A segunda história, esta mais famosa, é a do filho pródigo, que decide deixar o lar para ir para a cidade. Lá ele gasta toda a herança e depois se arrepende, voltando para casa sem nenhum tostão no bolso, mas sendo recolhido com festa pelo pai. Natanael rejeita o seu pai, chegando mesmo a ridicularizar a sua profissão de ferreiro. Contudo, após viver um momento trágico, consequência recorrente da modernidade das fábricas – ele ficou sabendo sobre os acidentes de outros trabalhadores – ele se destituiu de todas as ilusões sobre o trabalho industrial e retorna para casa, para ajudar o pai.

⁸¹ FANINI, Angela Maria Rubel e SANTOS, Adriana Cabral dos. Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em “A mão esquerda”, de Roniwalter Jatobá. *Est. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 42, p. 197-208, jul./dez. 2013.

E Elias, teu pai, Elias Ferreiro, esperando, de longe, grita:
Filho Natanael, pois retoque e repique este ferro em brasa na bigorna tua.⁸²

Neste trecho temos o pai reconhecendo no filho um companheiro de ofício. Enquanto Natanael dizia que o ofício de ferreiro e a bigorna eram de Elias, enquanto buscava realizar seus sonhos na cidade grande, seu pai, tendo-lhe recebido em casa após a sua desilusão, o coloca como seu sucessor no trabalho de artesão.

Esta leitura proposta pelas duas autoras é interessante, visto que ajudam a compreender a crítica que Roniwalter Jatobá faz ao capitalismo. De criação católica, é possível supor que os nomes dos dois personagens, Elias e Natanael, tenham sido dados propositalmente, remetendo às duas histórias bíblicas já mencionadas. Tal ponto ressalta os pontos positivos do trabalho artesanal, a autonomia do trabalhador e as condições de trabalho, em detrimento do trabalho fabril, alienante e destrutivo. Frente à realidade do trabalho nas grandes cidades, o trabalho numa cidade pequena do interior, feito de maneira tranquila e de acordo com a vontade do ferreiro, soa como um paraíso escondido na imensidão de miséria e fome do Brasil.

Mas existe outro aspecto relacionado à visão de Jatobá que não é fácil de ser identificado. Ainda seguindo sugestões de Fanini e Santos, o recurso de Jatobá à narrativa bíblica levanta uma interpretação que Roniwalter não faz questão de esclarecer nem destacar. Deixar isso no fundo da narrativa e do enredo pode ter sido proposital, um desafio à compreensão do leitor. Por outro lado, freudianamente pode ter saído de seu inconsciente, de uma experiência que ainda não havia sido tratada e digerida por ele. De qualquer modo, à medida que o conto declinava para o seu final, Roniwalter reforçou a oposição entre trabalho artesanal e trabalho industrial. A bigorna, o martelo e o fogo se opunham à prensa, ao ritmo acelerado e compassado das máquinas. Os instrumentos de Elias, assim como seu ofício, remontavam a tempos antiquíssimos. Ajudaram a erguer civilizações inteiras, mas à época de Natanael este fora pressionado pelo capitalismo a ter uma vida periférica, subordinada. A prensa que pertencia ao patrão de Natanael foi inventada no contexto do capitalismo industrial. Pertencia aos trabalhadores apenas durante o tempo do trabalho. Natanael soube disso tarde demais, embora a tenha herdado de outro operário descartado. Desse desencanto, Jatobá escolheu Elias, o modo de viver e de trabalhar assaltado e em desaparecimento. Pior no

⁸² JATOBÁ, op. cit., p. 24.

caso de Natanael, que desapareceu ele próprio. O que ficou desse enredo? Entre o velho e o novo, Elias não deixa escolha ao leitor. Jatobá, saído da Bahia, migrante, operário, não quer que o mundo do ferreiro mude.

Não se pode esquecer que os motivos dos trabalhadores terem migrado, segundo Jatobá, é devido às péssimas condições de vida e a falta de emprego de suas terras natais. Este conto em específico traz outra crítica do autor ao capitalismo industrial, e por isso mesmo desenha um interior de maneira utópica.

Embora o que mais apareça nos contos de Jatobá seja a imobilidade daqueles que foram aleijados pelo desenvolvimento predatório do capitalismo naquele período, existem algumas passagens que mostram a luta dos trabalhadores, e até mesmo o recomeço dos movimentos operários no Brasil.

A luta da classe trabalhadora aparece somente em um dos contos do livro *Crônicas da vida operária* e no romance *Filhos do medo*. No primeiro conto, intitulado “Trabalhadores”, vê-se uma multidão de operários tentando pegar um trem, e revoltados com o atraso e a dificuldade de entrar no vagão amarrotado de gente começam a jogar pedras e a quebrar tudo:

O outro trem parou, a multidão arroudeou os vagões cheios de gente e ficaram se empurrando, fazendo força na entrada, mas só movimento de corpo, não cabia nos vagões nem pensamento grande. Aí, vi João Jacinto. Vi não, ouvi a voz dele, de longe, lá no meio da multidão que tomava de canto a canto a estação.

Ele gritava mostrando o trem que a gente vinha, vazio. “Quebra esta bosta de trem! Quebra, com a mão, pé, pedra!”, gritava ele. Pedras surgiram não se de onde, agora vi, catadas no leito da ferrovia por mãos raivosas. Vidros inteiros voavam em pedaços pra dentro da composição parada. Gritos de raiva entoavam mais: “quebra, quebra”; homens armados saíram da estação e enfrentaram, caminhando medrosos.⁸³

Este movimento dirigido contra a precariedade do transporte público, problema histórico no Brasil que afeta bastante a classe trabalhadora, que depende muito dele para poder se locomover pelas grandes cidades, é trazido por Jatobá para mostrar que já no final da década de 1970 os trabalhadores recomeçaram as suas lutas. Mesmo com toda a perseguição das forças armadas e a exploração do trabalho. O atraso do ônibus e do trem, presente em vários dos contos do autor, atrapalhava o trabalhador de chegar no

⁸³ Idem, p. 46.

horário no trabalho e de retornar para casa o mais rápido possível. No entanto é apenas neste conto que os trabalhadores realizam um ato de rebeldia contra isso.

No romance *Filhos do medo* o autor dá algumas pistas sobre a emergência dos movimentos operários. Escrita em 1979, a obra reflete o retorno das lutas operárias no cenário brasileiro, por volta de 1978, principalmente na região do ABC Paulista. Um ponto interessante na obra é que ela é contada sob o ponto de vista de um trabalhador que se recusava a participar de qualquer movimento e ainda atuava como delator para o patrão. Aos poucos, no decorrer da narrativa, isso vai mudando, mas sem deixar claro qual o rumo tomado pelo protagonista.

Nas obras de Jatobá somente o operário se mobiliza contra o patrão e contra o Estado. Aqueles que foram aleijados pelo sistema, o lumpemproletariado, não figuram como personagens ativos na luta contra as contradições sociais. Figuras emblemáticas em seus contos, aqueles que sofreram um acidente de trabalho encontram-se em situação deplorável, dependentes dos cuidados de terceiros, mas conscientes da exploração do trabalho. Suas ações são canalizadas para as preocupações do lar e da própria saúde.

Contudo, se haviam experiências compartilhadas, Roniwalter Jatobá também mostra como as relações entre os trabalhadores estavam minadas pela concorrência no mercado de trabalho. A indiferença para com aqueles que sofreram um acidente de trabalho, ou para quem havia militado nas greves e procurava organizar os trabalhadores, revela os conflitos no interior da própria classe trabalhadora naquele contexto. Se por vezes, como assinala, o trabalhador acidentado levantava problemas sobre o sistema por meio da empatia gerada entre os seus companheiros, em outros momentos ele aparecia apenas como alguém que não havia suportado a pressão do trabalho e fracassou no seu objetivo – fosse ele sobreviver, conseguir uma vida melhor, subir na empresa. Mas é exatamente nesses conflitos e contradições que se encontra um grande valor dos seus contos: mostrar os trabalhadores como seres humanos, imperfeitos, pressionados pela exploração do trabalho e pela repressão, mas procurando agir diante dessas pressões, criando laços e readequando seus modos de vida diante das transformações contínuas sofridas.

3.4- Considerações sobre o lumpemproletariado produzido pelas fábricas

De maneira geral as obras analisadas de Roniwalter Jatobá apresentam ao público a família operária. Migrantes que vieram de regiões do país em que a miséria era tão intensa que não parecia haver outra solução senão vir para o Sudeste, motivados pelas propagandas que exaltavam o progresso econômico e pelo sonho de melhorar de vida. Crianças, esposas, operários e amigos da família são todos sujeitos que compõem as redes de sociabilidades desses sujeitos recém-chegados num ambiente que se apresentava bastante hostil.

Com isso Jatobá discute que, para os trabalhadores migrantes, a família se constituía numa importante sede de experiências coletivas, que minimizava alguns aspectos negativos das transformações sofridas pela migração. Entre elas podemos citar o quase isolamento que esses sujeitos se viam num ambiente desconhecido; a luta por empregos, cujas exigências para admissão não valorizavam a experiência e as habilidades que esses trabalhadores possuíam; o ritmo acelerado das cidades industriais; a disciplina do trabalho; o medo do desemprego e a repressão àqueles que lutavam por melhores condições de trabalho.

O desemprego vai surgir como tema recorrente dos seus contos. O medo do facão aparece como um verdadeiro tormento na vida dos trabalhadores, que sofrem para se manter no trabalho, ajustando os seus modos de vida aos interesses da fábrica, que se utilizavam da grande procura por empregos e do número elevado de migrantes que chegavam dia-a-dia para São Paulo para intensificar a exploração do trabalho. Sem a quem recorrer pelos seus direitos, e sofrendo com a repressão, esses trabalhadores suportavam o intenso ritmo de trabalho, até mesmo a perda de folgas e do domingo de descanso – tão importante para a convivência e o lazer da família operária –, a fim de manter a principal fonte de sustento da casa.

Se não bastassem as mudanças culturais que os migrantes sofriam ao chegar às cidades industriais, eles encontravam ainda dificuldades em estabelecer antigos vínculos de convivência. O acelerado desenvolvimento empreendido pelas indústrias não cessava com a chegada desses trabalhadores, que mesmo quando conseguiam estabelecer algumas práticas e relações cotidianas sofriam perdas com o avanço das fábricas nos espaços públicos. Eder Sader discute esse tema, revelando que a destruição física desses lugares foi um resultado desse ritmo avassalador da remodelação urbana, onde parques, praças, campos de várzea, botequins ou quarteirões inteiros desapareceram, dissolvendo

assim espaços de convivência formados pelos encontros cotidianos na cidade.⁸⁴ Jatobá consegue apresentar como esses trabalhadores sentiram isso a partir de diferentes olhares dos personagens que compõem a família operária.

Outro elemento comum em praticamente todos os contos é a presença daqueles que foram aleijados pelo desenvolvimento industrial do período. Este grupo do lumpemproletariado encontra grande e profundo significado num contexto de crescimento econômico e industrial como o foi no período da Ditadura Militar, principalmente no final da década de 1960 e decorrer da década de 1970.

Esses sujeitos são emblemáticos para o capitalismo do período, sinalizando sobre a brutalidade do trabalho nas fábricas e o alto custo do crescimento da economia e dos altos lucros das indústrias. Mesmo se constituindo num grupo pequeno, eles se mostram como um futuro possível para todos os operários, o que faz toda a classe questionar sobre os sacrifícios que a classe trabalhadora estava fazendo e para quem ia todo o produto deste enorme sacrifício.

Roniwalter Jatobá trabalha nesses contos com um extrato muito específico do lumpemproletariado, com aqueles que foram aleijados pelos serviços precários e então eram rejeitados pelos empregos disponíveis no mercado de trabalho devido a sua condição. Como vimos em *Sabor de química*, mais do que não arrumar um emprego, alguns trabalhadores não conseguiam sequer se levantar da cama e executar as tarefas mais simples do lar, muito menos ter momentos de descontração e lazer com a família. Dependentes dos cuidados da esposa, ou largados nas ruas e sobrevivendo da mendicância, esses sujeitos não esboçavam qualquer tipo de reação contra o sistema ou contra os seus antigos empregadores.

Roniwalter não deixa margem de dúvida sobre esses trabalhadores: eles mal conseguem sobreviver, quanto mais lutar e se organizar para enfrentar os patrões. Embora nutram sentimentos de raiva e indignação, eles têm outras preocupações mais importantes, como ir retirar a pensão, cujo valor mal paga os remédios; cuidar e sustentar a família; procurar recuperar com o tempo um pouco da autonomia dentro de casa (poder se levantar, ajudar nos serviços de casa).

Contudo a figura deste personagem é emblemática, pois embora esteja muito fragilizada pelo trabalho, também representa uma ameaçada ao *status quo*:

⁸⁴ SADER, op.cit., pp. 118-119.

Aí disseram que não tinha mais jeito. Me internaram em uma associação. Fiquei dois meses longe daqui. Cu do mundo. Só mato. Isso lá é vida? Não era. **Peguei a reclamar. Era um perigo para os outros. Fui mandado embora.** Voltei de trem com passagem paga, aliviado, vendo gente apressada, disse gosto. Então, por motivo de não poder mais trabalhar me empurraram no instituto.⁸⁵

Este trecho do conto *Sabor de química* mostra o descaso da firma para com a situação do trabalhador, que se tornou um peso para os patrões, sendo mandado para outros setores da empresa para continuar trabalhando. O importante deste trecho é o que destaquei da fala do personagem, que indignado começa a reclamar das condições de trabalho que está recebendo, como que uma punição pelo seu estado de saúde ruim. A sua presença, e as reclamações cujo conteúdo não é revelado, é inferido pelo personagem e por Jatobá como um perigo para os demais trabalhadores. Por quê? Como vimos anteriormente, Jatobá discute que a situação do lumpemproletariado traz para o trabalhador uma maior consciência de classe, o que neste trecho vemos pelas reclamações do funcionário. Se antes os trabalhadores se sujeitavam aos mandos e desmandos do patrão, com medo de perder o emprego ou sofrer qualquer tipo de retaliação, nesta passagem o personagem parece estar desprovido deste medo e reclama das condições ruins de trabalho. Por conta disso ele se tornou uma ameaça, porque as suas reclamações podiam aglutinar em torno de si outros trabalhadores insatisfeitos. A transferência desse trabalhador para outros setores, ou mesmo a sua demissão, era uma alternativa da empresa para se proteger de possíveis manifestações dos operários.

Seguindo essa linha de raciocínio é perceptível que esses trabalhadores, agora membros da camada mais miserável da classe, o lumpemproletariado, têm consciência da situação em que se encontravam e dos culpados por ela. As reclamações representam essa consciência. O fato do personagem em questão ter sido mandado embora mostra o perigo que ele representava para a empresa, que resolveu se livrar dele a fim de evitar qualquer tipo de ação coletiva dos trabalhadores.

No conto *Falso milagre* vimos como Jatobá indica que outros trabalhadores se sensibilizavam com a dura transformação que o trabalho provocou em alguns colegas, até mesmo amigos migrantes. Nas obras de Jatobá o lumpem não é simplesmente um sujeito marginal, como os outros grupos que compõem este extrato da classe trabalhadora, mas é sobretudo uma vítima do desenvolvimento do sistema capitalista.

⁸⁵ JATOBÁ, op. cit., p. 180, grifos meus.

Por vezes ele não era reconhecido dessa forma, como no conto *A mão esquerda*. Em outros ele gerava uma profunda empatia entre os seus companheiros de classe. Como alguém que saiu das fileiras de trabalhadores ativos, e foi transformado e descartado pelo sistema que prometia um futuro promissor a todos que se dedicassem ao trabalho, o lumpemproletariado podia despertar o apoio dos seus antigos companheiros de trabalho.

Como vítima ele colocava em xeque o discurso dominante sobre o trabalho, o progresso e o crescimento econômico. Ele desmentia o projeto dominante. E como trabalhador ele fazia emergir sentimentos de raiva nos seus colegas contra o sistema.

Jatobá não insere qualquer tipo de ação revolucionária nesses personagens. Mas eles acabam se tornando em seus livros o símbolo maior das contradições do sistema capitalista no contexto da Ditadura Militar. Símbolos de carne e osso, o lumpemproletariado representava um possível devir para qualquer membro da classe trabalhadora: todo trabalhador empregado que visse alguém que sofreu algum acidente sabia que este destino podia vir a se tornar o seu. A perda da saúde ou o acidente, a demissão da fábrica, as dificuldades financeiras, a luta pela sobrevivência nas ruas.

Somente em um dos contos dos dois livros, e no romance escrito em 1979 que seus personagens, mas não o lumpemproletariado, vão encabeçar reações contra a exploração do trabalho. Possivelmente essas passagens são frutos do contexto das lutas operárias do ABC Paulista no final da década de 1970. A reorganização dos movimentos operários e o quebra-quebra nas ruas surgem nas obras de Jatobá mescladas às duras experiências vividas por ele e os demais trabalhadores migrantes nos anos iniciais daquela década. Mas somente aqueles que não foram completamente abalados pelo trabalho protagonizam essas passagens. Ao lumpem cabe apenas a dor, o ressentimento e a luta inglória pela sobrevivência.

Conclusão

A violência é um tema marcante nos estudos sobre a Ditadura Militar no Brasil. Compreender o modo como a repressão foi sistematizada, quem foram os seus colaboradores e as táticas utilizadas pelos torturadores tem grande importância para o entendimento sobre a racionalidade do sistema repressivo como um todo, percebendo os métodos cruéis porém racionais utilizados de maneira abusiva e anti-democrática contra todos aqueles que foram considerados suspeitos de subversão. Estes estudos conferem a responsabilidade por tais atrocidades não a indivíduos com problemas psíquicos, bem como não relativizam e isolam essas ações, mas sim responsabilizam o sistema repressivo que foi montado para eliminar qualquer grupo cujas ideias ferissem o projeto político dominante que estava sendo posto em prática após o golpe.

Contudo a violência, como tentei demonstrar, possui várias faces, que devem ser problematizadas a fim de se perceber como a dominação se manifestou durante a Ditadura Militar. Uma dessas facetas sem dúvida foi a exploração do trabalho, que foi intensificada por várias medidas dos governos que se seguiram ao longo daqueles anos. A mudança na legislação do trabalho, a perseguição aos sindicatos, a presença do DOPS e do DOI-Codi nas empresas, as mudanças no modo de produção, tudo isso afetou a classe trabalhadora, que se viu sob a mira do novo regime, sempre pronto a responder com ameaças e violência qualquer tipo de manifestação ou contestação política dos dominados.

A literatura investigada mostrou de diferentes maneiras este aspecto da dominação. Plínio Marcos, crítico mordaz da Ditadura Militar e das desigualdades sociais, construiu uma série de análises sociais a partir dos modos de vida dos sujeitos mais marginalizados da sociedade. Catadores, prostitutas e cafetões são os protagonistas das peças deste autor, que não se conteve diante da censura e não minimizou suas críticas com eufemismos: pelo contrário, ele expôs de maneira bastante intensa e escancarada a miséria da classe trabalhadora e a brutalidade com que a classe dominante obteve os seus lucros – lucros estes que levaram ao pauperismo e a desumanidade parcela significativa de trabalhadores.

Alvo da censura política, Plínio não cedeu à perseguição e bateu sempre que pôde nos mais poderosos. Seja pela sua trajetória ou pela pobreza a que foi submetido pela perseguição ao seu trabalho, Plínio Marcos criou e manteve até o fim uma relação

muito próxima com esta camada da classe trabalhadora. Sua militância enquanto escritor se dava ao mostrar a dura realidade daqueles que eram estigmatizados pela sociedade, ridicularizados pelas elites e ignorados pelas esquerdas políticas do Brasil. Plínio não queria simplesmente chocar o público, mas sim mostrar o outro lado do “milagre econômico”. Suas peças só poderiam chocar aqueles que se negavam a enxergar tal realidade.

Roniwalter Jatobá foi um dos poucos escritores brasileiros que trouxeram para a literatura a vida dos operários. Migrante que veio, como muitos, para São Paulo em busca de oportunidades, fugindo da seca e da extrema miséria do Nordeste, Jatobá foi testemunha das mudanças nos meios de produção que levaram um sem número de trabalhadores para novos patamares de pobreza. Em suas obras é marcante a história dos aleijados pelo trabalho fabril, operários que sofreram algum acidente de trabalho ou danos irreversíveis na própria saúde e que tiveram que lidar com a dura realidade de ser descartado pelo mercado de trabalho. Suas vidas aparecem arruinadas pelo desenvolvimento industrial, não restando nada a se fazer para mudar tal realidade. A estes sujeitos, levados pelo sistema à camada do lumpemproletariado, os sonhos aparecem arruinados, a convivência familiar diluída nos cuidados médicos diários, e a felicidade só surge como uma lembrança tola de pessoas que se iludiram com a possibilidade de progredir junto com as fábricas.

Plínio Marcos brinca com a censura, criando subtextos que não escondem suas mordazes críticas ao sistema. Ao colocar ações e métodos típicos da tortura militar nas mãos de cafetões é impossível falar numa metáfora, visto que fica clara a intenção do autor de expor as ações truculentas das Forças Armadas. Quando traz a prostituta em seus textos ele a humaniza, mostra seus sonhos e suas famílias, revela o quanto elas sofrem para tentar sobreviver num sistema que as brutaliza dia-a-dia, seja pelos maus-tratos do cafetão/patrão, seja pelo pouco dinheiro que elas recebem pelo seu trabalho.

Roniwalter Jatobá dialoga com cada membro da família operária para mostrar diferentes aspectos das transformações provocadas pelo crescimento das indústrias. O cotidiano do trabalhador, o lazer das crianças, a vida das esposas são elementos explorados pelo autor para indicar para o leitor como as mudanças econômicas afetaram de maneira profunda um conjunto maior de relações sociais da classe trabalhadora.

Por vezes a fábrica surge semelhante a um enorme monstro, que devora aqueles que trabalham em seu interior, e se expande destruindo os bairros em que vivem os

trabalhadores e as suas famílias. O campo de várzea em que as crianças se divertiam à tarde foi substituído por um muro com arame farpado. A fumaça das fábricas dá a cor cinzenta ou amarelada melancólica nos seus contos, em que até mesmo as crianças se veem pressionadas pelo desenvolvimento industrial a abandonar a sua infância e se dirigir para o cruel e triste mercado de trabalho das grandes cidades.

A violência também surge nas fontes como possibilidade de luta para os dominados. Para aqueles que sofreram com tantos tipos de violência no dia-a-dia, a violência aparece como único meio de reconduzir esses sujeitos para a sua práxis. A violência dos dominados não nasce da imoralidade ou desvio desses trabalhadores, mas antes como consequência do progresso, do desenvolvimento e do crescimento predatório da civilização.

Em Plínio Marcos a resistência está presente entre aqueles que são excluídos tanto pelo sistema como pelos grupos de esquerda. No cotidiano catadores e prostitutas criam formas de resistir à dominação. Possuem consciência da exploração e das armas dos seus algozes, e aproveitam os momentos oportunos para contratacar. Quando chegam num ponto limite optam pela violência como ferramenta de luta, batendo de frente contra os seus algozes. Contudo isso nunca leva os personagens a um final feliz, nem mesmo à resolução de qualquer problema que é apresentado ao leitor. Por um lado temos o retorno ao estado original da exploração, quando os catadores voltam a situação de submissão e obediência a Berrão. Por outro temos a morte brutal de uma prostituta e os tristes lamentos das colegas que sobreviveram à tortura. A dificuldade, tanto dos catadores como das prostitutas, de se organizar como um grupo para enfrentar o explorador, é um dos principais motivos para o fracasso de suas lutas.

Roniwalter Jatobá trabalha pouco sobre a resistência, talvez porque a sobrevivência após o acidente de trabalho fosse o principal objetivo para os protagonistas dos seus contos. No entanto a indignação e a raiva contra o sistema aparecem, tanto para aqueles que migraram para o lumpemproletariado como para alguns de seus colegas e entes queridos. Somente em um dos contos das *Crônicas da vida operária* e em *Filhos do medo* os trabalhadores começam a reagir contra a dominação, em episódios curtos porém significativos: o quebra-quebra de uma estação de trem revela a reação violenta daqueles que não suportam mais as violências do dia-a-dia.

Resta perguntar como ambos os autores atestaram a violência como possibilidade de luta para a classe trabalhadora. Tanto Plínio como Roniwalter foram testemunhas dos atos de baderna e das greves dos trabalhadores, bem como das ações individuais de rebeldia do lumpemproletariado: das tentativas de recuperar a autonomia, os direitos reprimidos, sua voz política, e de melhorar as suas vidas, tornando-as mais felizes, restaurando um *status* de justiça social.

Por meio de suas obras é possível perceber que quando não se sentem protegidos, e diante de tantas injustiças, desigualdades e miséria, violências vividas mas que são ocultadas pelo “progresso e milagre”, esses indivíduos tornam seus atos violentos dirigidos contra o sistema moralmente aceitos entre seus pares, legítimos para esses sujeitos, justificações sociais contra aqueles que eles viam como seus agressores.

Assim a literatura, seja nos pequenos contos, nos romances ou nas peças de teatro, se revelou uma fonte privilegiada para trabalhar os sentidos da dominação manifestados na violência no contexto da Ditadura Militar contra a classe trabalhadora, e como essa, mesmo num período de repressão e exploração intensas, pode vir a reagir por meios violentos – mas jamais igualmente violentos aos dos seus algozes.

A violência dos dominados não pode bater em pé de igualdade contra a violência dos detentores do poder político, econômico e social. Ela revela a contestação de indivíduos que estavam sendo esmagados pelo sistema, mas que ainda sim se levantavam contra ele. No entanto é preciso mais do que atos de violência isolados e esparsos para pôr fim a tirania e a barbárie dos poderosos. Se existe um caminho que as obras parecem indicar, muito embora ele não se concretize em suas narrativas, é que somente pela organização coletiva a luta dos trabalhadores pode pôr um fim a dominação de classes.

Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOITO JR, Armando. **Sindicalismo de Estado no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução não será transmitida por Facebook**. In: <<https://outropolitica.wordpress.com/2013/06/23/a-revolucao-nao-sera-transmitida-porfacebook/#more-38506>>. Jun/2013. Acessado em 23/12/2013.

CONTRERAS, Javier Arancibia; MAIA, Fred; PINHEIRO, Vinícius. **Plínio Marcos: a crônica dos que não têm voz**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

CORRÊA, Marcos. **O discurso golpista nos documentários de Jean Manzon para o IPÊS (1962/1963)**. Dissertação de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 2005.

DEBBIO, Marcelo Del. **Enciclopédia de Mitologia**. São Paulo: Daemon, 2008.

DREIFUSS, René Armand. **1964 a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 6ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DURIGAN, Marlene; ENEDINO, Wagner Corsino. **Plínio Marcos e a marginalização social: dos *homens de papel* ao papel do homem**. Visto em <discursividade.cepad.net.br>, acessado em 19/11/2014.

ENGELS, Friedrich. **A revolução antes da revolução**. 1ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

FANINI, Angela Maria Rubel e SANTOS, Adriana Cabral dos. Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em “A mão esquerda”, de Roniwalter Jatobá. **Est. lit. bras. contemp.**, Brasília, n. 42, p. 197-208, jul./dez. 2013.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, 2004.

FURTADO, Celso. **O Brasil pós-“milagre”**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GINZBURG, Carlo. SINAIS: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Frederien Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GODOY, Marcelo. **A casa da vovó**. São Paulo: Alameda, 2014.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. Editora Ática, 1987.

GREEN, James N.; JONES, Abigail Reinventando a história: Lincoln Gordon e as suas múltiplas versões de 1964. **Revista Brasileira de História**. Tradução de Adriana A. Marques. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009.

GREGÓRIO, Mariany. Sindicalismo de Estado e a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). **Em Debat: Rev. Dig.**, Florianópolis, nº 3, 2007.

GT-13: Grupo de Trabalho nº 13 da Comissão Nacional da Verdade, sobre Ditadura e Repressão aos Trabalhadores e Movimento Sindical. Textos Temáticos, DEZ/2014. Disponível em https://trabalhadoresgtcnv.files.wordpress.com/2014/12/nosso_capitulo.pdf. Acessado em 13/04/2015.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. A História vista de baixo. In: KRANTZ, F. (Org.). **A outra História: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

JATOBÁ, Roniwalter. **Sabor de química**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

_____. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

MARCOS, Plínio. **O abajur lilás**: peça em dois atos. Editora Brasiliense, 1975.

_____. **Homens de papel**. São Paulo, SP: Parma, 1978.

_____. **Navalha na carne/Quando as máquinas param**. São Paulo, SP: Global, 1978.

MARIANO, Nilson. Operação Condor: A internacional repressiva. In: PADRÓS, Enrique. **As Ditaduras de Segurança Nacional**: Brasil e Cone Sul. Porto Alegre: Corag/Comissão do Acervo de Luta contra a Ditadura, 2006.

MARX, Karl. Produção progressiva de uma superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. In: **O Capital** – livro 1, volume 2 (cap.XXIII). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

NAPOLITANO, Marcos. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro: apontamentos para uma revisão historiográfica. In: **Contemporânea, Historia y problemas del siglo XX**, 2011.

OLIVEIRA, Sergio Murilo Ferreira de. Os trabalhadores urbanos e a Ditadura Militar. **Rev. Adm. púb.**, Rio de Janeiro, 1987.

PADRÓS, Enrique. Ditaduras militares e neoliberalismo: relações explícitas nos descaminhos da América Latina. **Ciências e letras**, Porto Alegre: FAPA, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **History of Education Journal**, v. 7, n. 14, 2003.

Projeto Brasil: Nunca Mais. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

RUDÉ, George. **A multidão na história**: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra, 1730-1848. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80). Paz e Terra, 2001.

SÉRGIO, Ricardo. **A ficção.** Artigo eletrônico:
<<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1612705>>, Acessado em
28/05/2013.

WEBER. Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna.** São Paulo: Cozac Naify, 2011.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade:** estudos sobre marginalidade avançada. Trad. de João Roberto Martins Filho et. al. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001. 2ª edição setembro de 2005.